

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Cristina Dancham Simões

Autonomia e dependência na relação entre estudantes com
deficiência visual e seus leitores

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação do Prof. Doutor José Geraldo Silveira Bueno.

São Paulo
2012

MARIA CRISTINA DANCHAM SIMÕES

Dissertação de Mestrado: Autonomia e independência entre estudantes com deficiência visual e seus ledores

São Paulo, PUC/SP, 2012

ERRATA

Página 14

Onde se lê: “No terceiro capítulo são apresentadas as considerações acerca das informações obtidas junto aos sujeitos de pesquisa e com as observações realizadas. No capítulo IV as análises teóricas (...)”

Leia-se: “Neste capítulo são apresentadas as considerações acerca das informações obtidas junto aos sujeitos de pesquisa e com as observações realizadas. As análises teóricas (...)”

Página 15

Onde se lê: “(...) não significa, necessariamente, total incapacidade para ver, mas prejuízo de maneira incapacitante (...)”

Leia-se: “(...) não significa, necessariamente, total incapacidade para ver, mas prejuízo de maneira incapacitante (...)”

Página 30

Onde se lê: “(...) relações de produção e favorece a integração e a heteronímia enquanto tendências dos indivíduos (...)”

Leia-se: ““(...) relações de produção e favorece a integração e a heteronomia enquanto tendências dos indivíduos (...)”

Página 32

Onde se lê: “(...) grau da deficiência, curso e semestre que está cursando e quais os recursos utilizados para seus estudos pessoais.”

Leia-se: “(...) grau da deficiência, curso e semestre que estava cursando e quais os recursos utilizados para seus estudos pessoais.”

Página 36

Onde se lê: “(...) em consonância com os métodos que Adorno (2008) adotara em alguns de seus trabalhos.”

Leia-se: “(...) em consonância com os métodos que Adorno (2008) adotou em alguns de seus trabalhos.”

Página 42

Onde se lê: “(...) ao mesmo tempo em que contém a obvidade semântica (...)”

Leia-se: “(...) ao mesmo tempo em que contém a obviedade semântica (...)”

Banca Examinadora

Ubirajara Simões,
dedico este trabalho à sua vida

Por permanecer ao meu lado
Por continuar me amando
Por sempre ser quem é
a Noely Simões
todo meu amor
e gratidão

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes, pela participação na realização deste trabalho:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa de Mestrado concedida;

Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela oportunidade de estudo. Ao Professor Doutor Odair Sass, por sua ajuda no delineamento da pesquisa e reflexão crítica propiciada; Professora Doutora Claudia Stella, pela orientação inicial deste trabalho;

Professora Doutora Katia Regina Moreno Caiado, por sua colaboração; Professor Doutor José Geraldo Silveira Bueno, por assumir a continuação das discussões e pela sua ajuda, como professor e coordenador; Professor Doutor Carlos Antonio Giovinazzo Júnior, pela inestimável contribuição na realização do trabalho;

Elisabete Adania, a Betinha, por sua paciência e dedicação;

Profa. Dra. Cecília Pescatore Alves, Prof. Dr. Régis de Toledo Souza, Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta, Profa. Ms. Cristiane Cobra, pela amizade e contribuição acadêmica;

Carlos Eduardo Ramos, Manuela Ribeiro, meus amigos, pelo apoio e compreensão; Rita de Cássia Cunha Moraes, por seu apoio e contribuição, tanto acadêmica quanto pessoal; Guilherme Flynn, pela amizade, carinho, conversas e provocações, sempre oportunas;

Minha família, por todo apoio nos principais momentos desta pesquisa;

Minha mãe, por seu incentivo e por acreditar na possibilidade de realização deste trabalho.

Meu querido pai.

RESUMO

Esta pesquisa tratou da relação entre estudantes com deficiência visual e leitores, profissionais responsáveis pela leitura. Objetivou-se compreender o relacionamento estabelecido entre esses indivíduos a partir da sala de aula no Ensino Superior. Especificamente, verificou-se como o aluno com deficiência visual vivencia o leitor atuando no acesso, percepção e aquisição do conhecimento dentro da sala de aula, bem como se analisou a possibilidade de formação e autonomia para os envolvidos nesse processo, admitindo que existem subjetividades influenciando e influenciadas de ambas as partes (aluno e leitor). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com universitários com deficiência visual total ou parcial, em que os tópicos abordados giravam em torno de sua vida familiar, escolar e a relação com a atual instituição de ensino, professores, colegas de sala e leitores. Para a interpretação dos dados, foram definidas categorias com base nas análises preliminares realizadas, bem como nos elementos emergentes nas entrevistas. O material coletado foi submetido à análise qualitativa de seu conteúdo, construindo-se categorias que condiziam com o objetivo proposto. Adotou-se a Teoria Crítica da Sociedade como referencial teórico, especialmente os escritos de T. W. Adorno sobre a autonomia. Os resultados apontam para a existência de tensão entre dependência e autonomia. A relação entre o aluno com deficiência visual e seu leitor, no Ensino Superior, pode ensejar o surgimento de experiências formativas que possibilitem a consciência crítica. Essa relação depende do tempo de convivência, da empatia e do cotidiano que se estabelece entre os envolvidos.

Palavras-chave: deficiência visual; ensino superior; Teoria Crítica da Sociedade.

ABSTRACT

This research discussed the relationship between students with visual impairments and readers, professionals responsible for reading. The objective was to understand the relationship established between these individuals from the classroom in higher education. Specifically, it was noted how students with visual impairments experienced working in the reader access, perception and knowledge acquisition in the classroom, and analyzed the possibility of formation and autonomy for those involved in this process, assuming that there are subjectivities influencing and influenced on both sides (student and reader). Semi-structured interviews were conducted with college students with total or partial visual impairments in which the topics were around his family life, school and the relationship with the current educational institution, teachers, classmates and professional readers. For the interpretation of data, categories were defined based on preliminary analyzes made, and items emerged from the interviews. The collected material was submitted to qualitative analysis of its contents, building categories that matched the proposed objective. Was adopted the Critical Theory of Society as a theoretical framework, especially the writings of T. W. Adorno on autonomy. The results indicated the existence of tension between dependence and autonomy. The relationship between the student with visual impairment and their professional readers in Higher Education, may lead to the emergence of formative experiences that enable critical consciousness. This relationship depends on the time of coexistence, empathy and daily life established between those involved.

Key-words: visual impairment; Higher Education; Critical Theory of Society

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – DEFICIÊNCIA VISUAL E AUTONOMIA	15
1.1. Caracterização da deficiência visual	15
1.2. Deficiência visual, autonomia e leitor: levantamento bibliográfico acerca do tema	17
1.3. A autonomia na perspectiva da Teoria Crítica	26
CAPÍTULO II – O aluno universitário com deficiência visual e o leitor.....	31
2.1. Procedimentos de coleta e análise dos dados: as particularidades do campo empírico.....	31
2.2 Resultados: elementos da relação em sala de aula	34
2.2.1 A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao conteúdo	37
2.2.2. A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os professores	43
2.2.3. A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os colegas	48
2.2.4. O aluno com deficiência visual na relação com o leitor escolar	51
2.3 A leitura de textos e contextos no trabalho do leitor: possibilidades e limites para a autonomia.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
BIBLIOGRAFIA	66

LISTA DE TABELAS, FIGURAS E QUADROS

Tabela 1.1 Categorias de Deficiência Visual, segundo a Organização Mundial da Saúde	16
Quadro 2.1.1 Questionário de Caracterização do Sujeito de Pesquisa.....	33
Quadro 2.1.2 Roteiro de Entrevista para Coleta de Dados.....	33
Quadro 2.2.1 Caracterização dos sujeitos de pesquisa	35
Figura 2.2.1.1 Etapas para tornar o conteúdo em papel em material legível por um software leitor de tela	41
Quadro 2.2.2.1 A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os professores: subcategorias e seus elementos	43
Quadro 2.2.3.1 A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os colegas: subcategorias e seus elementos	49
Quadro 2.2.4.1. O aluno com deficiência visual na relação com o leitor escolar: subcategorias e seus elementos.....	52

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	71
Transcrição de Entrevista – Fabio	
ANEXO B	76
Transcrição de Entrevista – Margarida	
ANEXO C	80
Transcrição de Entrevista – Luis	
ANEXO D	87
Transcrição de Entrevista – Fernando	
ANEXO E	97
Transcrição de Entrevista - Gabriela	
ANEXO F.....	100
Transcrição de Entrevista – Igor	
ANEXO G	106
Transcrição de Entrevista – Maitê	
ANEXO H	111
Transcrição de Entrevista – Jonas	
ANEXO I.....	117
Quadro das manifestações sobre Relação do aluno com deficiência visual e o ledor escolar quanto ao conteúdo	
ANEXO J	120
Quadro das manifestações sobre a relação do aluno com deficiência visual e o ledor escolar quanto ao contato com os professores	
ANEXO K	122
Quadro das manifestações sobre a relação do aluno com deficiência visual e o ledor escolar quanto ao contato com os colegas	
ANEXO L	124
Quadro das manifestações sobre o aluno com deficiência visual na relação com o ledor escolar	

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscou-se focalizar a relação entre alunos com deficiência visual e os leitores (aqueles que leem para eles), relação pouco explorada e conhecida no meio acadêmico-científico, bem como na sociedade. Estudar essa relação permite compreender e contribuir para o desenvolvimento da função do leitor enquanto possível colaborador crítico à formação do indivíduo com deficiência visual. Por se tratar de um projeto circunscrito às temáticas da educação, tal proposta encontra no Ensino Superior um campo aberto para pesquisa, mais particularmente no que tange às questões relativas ao que se convencionou chamar de Educação Especial. Como referencial teórico, adotou-se as contribuições dos autores da Teoria Crítica da Sociedade.

A escolha do tema de pesquisa se deu em função da experiência prévia com pessoas com deficiência no Ensino Superior, na forma de estágio como auxiliar de alunos de alguns cursos das Ciências Humanas numa universidade pública do interior de São Paulo e, profissionalmente, como ledora para alunos com deficiência visual numa instituição de ensino superior paulistana. A partir do trato com pessoas com deficiência, foram retirados alguns pontos considerados nodais e que, à época, geraram inquietação e dúvida como possíveis temas de investigação acadêmica. Tais pontos, conforme a mudança de papel (de profissional envolvida para pesquisadora que mantém um mínimo de distância em relação ao que é discutido), também tiveram suas perspectivas modificadas, remodelando-se e encaixando-se às preocupações da investigação acadêmica proposta.

Com base na delimitação do objeto a ser pesquisado, escolheu-se os alunos com deficiência visual matriculados no Ensino Superior como sujeitos de pesquisa. Esta escolha se deu pela posição diferenciada em que se encontram na relação com o conhecimento. Por estarem desprovidos do sentido da visão, o qual é constantemente solicitado no meio acadêmico (e nos processos social e educativo de uma maneira geral), atualmente é necessário frequentemente recorrer aos “videntes” – nome usualmente atribuído àqueles que enxergam – para a leitura, transcrição e audiodescrição de materiais visuais (como textos, imagens, gráficos, esquemas e outros). Há também o recurso constante aos auxílios oferecidos pela crescente tecnologia informática, como os softwares de leitura de telas e outras ferramentas, além

do já conhecido método braille, que, apesar da utilização cada vez menor no espaço acadêmico, ainda é considerado quando se fala em Educação Especial para pessoas com deficiência visual.

A limitação da percepção, cognição e sensibilidade seriam, segundo Crochík (2010), determinantes na conformação do indivíduo e manutenção da sociedade vigente. A limitação colocada às pessoas com deficiência visual está no corpo, mas também é imposta pelas formas como os indivíduos se relacionam e se colocam perante tais pessoas. A relação com o conhecimento, e com a cultura de uma maneira geral, nesta sociedade, segundo os autores da Teoria Crítica da Sociedade, acontece de forma indireta em todas as situações, tal como um filtro que se coloca entre o indivíduo e a realidade. Essa condição não é reservada apenas às pessoas com algum tipo de deficiência, muito menos àqueles com deficiência visual. Mesmo assim, tendo em vista tal condição – historicamente construída e situada – de necessidade de acesso ao conhecimento por parte desses indivíduos com o auxílio dos que enxergam, estudar o que os “videntes” oferecem/permitem/leem àqueles que não podem fazê-lo proporciona a possibilidade de desvelamento de possíveis condições em que os “filtros” venham à tona. Na tentativa de analisar e compreender essa relação, considera-se igualmente a possibilidade de uma reflexão crítica quanto à reprodução de posturas que levem à heteronomia¹, componente do foco teórico desta pesquisa.

Diante do exposto, tem-se como tema de pesquisa a relação do aluno com deficiência visual com o conhecimento, tendo como mediador escolhido, neste estudo, o leitor, profissional que atua diretamente com os alunos com deficiência visual, o qual contribui para o acesso daqueles aos conteúdos de estudo. Deslocando, para fins de pesquisa, o foco da intenção primeira de investigação – o aluno em sala de aula – e lançando luz à relação, aparentemente secundária, entre ele e o profissional, indagou-se o que acontece nessa relação e qual a importância dela para o acesso ao conhecimento pelo indivíduo com deficiência visual.

Tendo em vista o ainda escasso aparato técnico e tecnológico que permitiria certa independência do aluno com deficiência visual para seus estudos individuais, a necessidade de outro elemento fez-se presente e atuante. O leitor entraria não apenas como recurso técnico disponível. Desse modo, o problema de pesquisa investigado incidiu sobre se e como tal profissional – o leitor – interfere no acesso ao conhecimento acadêmico, além de considerar se e como essa presença contribui na formação do aluno

¹ O termo heteronomia refere-se a um conceito teórico, que será melhor explorado adiante.

com deficiência. Mais do que isso, pretendeu-se investigar as relações que se estabelecem, tendo como parâmetro a possibilidade de autonomia-independência ou heteronomia-dependência do indivíduo com deficiência visual.

Nesse sentido, objetivou-se compreender a relação existente entre leitores e alunos com deficiência visual no Ensino Superior. Especificamente, verificou-se como o aluno com deficiência visual vivencia o leitor atuando no acesso, percepção e aquisição do conhecimento dentro da sala de aula, bem como analisou-se a possibilidade de formação e autonomia para os envolvidos nesse processo, admitindo-se que existem subjetividades influenciando e influenciadas de ambas as partes (aluno e leitor). Vale lembrar que não se negou o papel do professor e a capacidade de escuta do aluno; contudo, destacou-se a presença de um outro indivíduo na relação com o conhecimento, que pode interferir e influenciar diretamente no que o aluno com deficiência visual acessa da cultura e do conhecimento. Todas as relações abordadas aqui (do aluno com o conteúdo, com os professores, com os colegas e com os próprios leitores) são base para a compreensão da possibilidade de formação com vistas à autonomia na Educação e, especificamente, no Ensino Superior.

Cabe aqui a apresentação do que se entendeu por leitor. A princípio, e conforme a definição usual, trata-se daquele que lê para quem não enxerga. Não foi possível encontrar literatura que discutisse a questão a fundo, mas os leitores são referidos em grande parte dos trabalhos acadêmicos pesquisados. Ferreira (2008) afirma que em 1951 foi criado um Quadro de Leitores Voluntários, para auxiliar as pessoas com deficiência visual na leitura de textos à tinta, os quais eram maioria na Biblioteca Louis Braille do Instituto Benjamin Constant. Isso parece indicar que a preocupação com a institucionalização da função de leitor é recente em relação a toda a história daquele Instituto e sua biblioteca, bem como em relação a outras instituições no país. Mesmo assim, parece ser uma das primeiras iniciativas nesse sentido, pelo menos no Brasil.

Existem poucas produções sobre essa atividade em meio acadêmico, como também fora de seu âmbito, o que torna difícil sua caracterização. Em linhas gerais, e sem a pretensão de uma definição fechada, pode-se afirmar que o leitor é aquele que empresta a visão aos que não enxergam. Apesar da simplicidade contida nessa afirmação e, talvez, por isso mesmo, existem muitas indefinições no que diz respeito ao que este colaborador pode ou não fazer, em que termos e sob quais condições. Além disso, essa afirmação não deixa claro que o leitor é um indivíduo e que, ao “emprestar” sua visão, também o faz com seu modo de perceber o mundo, suas concepções prévias,

pensamentos, sentimentos, posição econômica, social e política. Isso deve ser considerado ao se pensar no empréstimo que se faz de um aparato biológico pertencente à outra subjetividade, como é usualmente esquecido ou ignorado por aqueles que se encontram nessa relação.

Conforme podemos verificar na literatura, e com base nas experiências prévias e relatos informais, constatou-se que essa função não é muito bem definida, assim como não tem projeção na produção acadêmica, no sentido de que os trabalhos que fazem referência direta a ela se apresentam em menor quantidade em relação ao total de textos sobre a temática da deficiência; e mesmo tais trabalhos parecem não ter preocupação em situar a função em termos históricos, sociais e de desempenho da função. Dessa forma, boa parte do que se apresentou com relação ao leitor não tem embasamento ou referência teórica constatada, mas parte da experiência prévia e dos relatos informais e formais, estes últimos por meio de entrevista aqui utilizada como procedimento para coleta de dados, que dão suporte à iniciativa de apresentar a função do leitor.

Trata-se de uma atividade que tem a possibilidade de ser exercida em todos os níveis e modalidades de ensino, a partir do momento que existam alunos com deficiência visual. É comum verificar este tipo de atuação nas instituições e organizações de auxílio às pessoas com este tipo de deficiência, que oferecem serviços de leitura e gravação de textos em áudio para audiotecas como serviço voluntário que não tem, necessariamente, contato direto com as pessoas com deficiência. No Ensino Superior, do ponto de vista da implantação, funcionamento organizado e estabelecido, bem como da demanda, existem experiências bem sucedidas de profissionais leitores, os quais exercem atividade remunerada e que, de maneira geral, acompanham individualmente ou em pequenos grupos a rotina acadêmica de alunos com deficiência visual presentes na sala de aula, para registro dos conteúdos passados, leitura de textos e imagens oferecidos em sala, transcrição de provas escritas ou outras atividades que demande escrita, entre outros. Além disso, podem acompanhar o aluno em outras atividades acadêmicas dentro do espaço da instituição, como biblioteca e laboratórios. Na maioria das instituições de ensino, porém, esses profissionais não são solicitados para atender as necessidades de alunos com deficiência visual, sendo tal função exercida informalmente por colegas e professores, sem a intervenção da instituição de ensino.

Após situar o que se pretendeu discutir, e para dar conta da proposta de análise, parte-se para a sistematização das etapas de pesquisa em forma de capítulos, os quais elucidaram o caminho percorrido para a consecução dos objetivos propostos.

Como parte da revisão bibliográfica, foram levantadas as produções acadêmicas pós-graduadas acerca do tema. Devido à dificuldade em se encontrar trabalhos sobre a deficiência visual especificamente, foi necessário aperfeiçoarmos os descritores, bem como pesquisá-los não apenas relacionados, mas também isolados entre si, na tentativa de ampliarmos o campo de busca. Esta tarefa e seus resultados encontram-se descritos no primeiro capítulo. Encontram-se nesse capítulo, também, as considerações teóricas de partida dos autores que contribuíram à construção da proposta de pesquisa, desde a delimitação do objeto de estudo até o tratamento e análise dos dados, passando pela coleta de informações.

Em seguida, parte-se para a apresentação do procedimento de coleta de dados, realizada por meio de entrevistas com alunos com deficiência visual no Ensino Superior. A observação de campo – tomando a sala de aula como espaço físico e de relações – também se mostrou relevante e, quando oportuno e necessário, compõe as análises. Essa trajetória está devidamente apresentada no segundo capítulo.

No terceiro capítulo são apresentadas as considerações acerca das informações obtidas junto aos sujeitos de pesquisa e com as observações realizadas. No capítulo IV, as análises teóricas foram apresentadas e tomaram corpo, de forma a dar conta do objetivo proposto.

Por último, nas considerações finais são apresentadas algumas conclusões que não pretendem esgotar a discussão, mas trazer à tona outras possibilidades de entendimento das questões aqui levantadas e que podem suscitar outros questionamentos, continuando o debate acerca do tema.

CAPÍTULO I – DEFICIÊNCIA VISUAL E AUTONOMIA

1.1. Caracterização da deficiência visual

Considerou-se pertinente a descrição do que se entende por deficiência visual neste trabalho, bem como a apresentação de alguns dados estatísticos que dão peso à discussão apresentada. Esses dados dizem respeito ao acesso dos alunos com deficiência visual no Ensino Superior e se colocam como ponto de partida para o entendimento da importância da discussão do tema que aqui se apresenta.

A definição adotada neste trabalho advém das discussões feitas no Instituto Benjamin Constant, centro de referência nacional no que diz respeito à deficiência visual. Conde (2005) pontuou que o termo cegueira reúne diferentes graus de visão residual, sendo assim, não significa, necessariamente, total incapacidade para ver, mas prejuízo de maneira incapacitante para o exercício de tarefas rotineiras. Segundo ele, em termos pedagógicos, cego é aquele que, mesmo que possua visão subnormal, necessita de instrução em *braille*. Já portador de visão subnormal seria aquele que tem condições de leitura de impressos ampliados ou com o auxílio de recursos ópticos.

De outra parte, Lázaro (2005) definiu que, educacionalmente, a cegueira vai desde ausência total de visão até a perda da percepção luminosa, em que a aprendizagem se daria pela integração dos sentidos remanescentes, tendo o *braille* como principal meio de leitura. A autora ponderou que deve haver preocupação com o incentivo à utilização dos resíduos visuais, sempre que possível, nas atividades cotidianas. Já baixa visão define um campo que vai desde a capacidade de perceber luminosidade até o grau em que a deficiência interfere no desempenho, a partir do que a aprendizagem deve ocorrer por meios visuais, ainda que tenham recursos especiais.

Essas definições pareceram se encaixar mais à proposta deste trabalho, que não nega a importância da definição feita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), amplamente utilizada, ainda que essa definição tenha se mostrado escassa e pouco útil no campo da educação, já que, em termos práticos, uma pessoa com visão subnormal pode ser considerada clinicamente cega, posto que sua visão residual não seja suficiente para aproveitamento na educação. De qualquer maneira, a definição clínica da deficiência visual é geralmente solicitada como atestado da necessidade de atendimento

especializado ao aluno com deficiência, o que torna relevante a apresentação também do conceito daquela organização, a título de esclarecimento.

Tabela 1.1 Categorias de Deficiência Visual, segundo a Organização Mundial da Saúde (versão adaptada)

Grau de comprometimento visual	Acuidade Visual com a melhor correção possível (em metros)	
	Máxima menor que	Mínima igual ou maior que
1	6/18	6/60
2	6/60	3/60
3	3/60	1/60
4	1/60	Percepção de luz
5	Não percebe luz	
9	Indeterminada ou não especificada	

Fonte: Classificação Internacional de Doenças, 10ª revisão – CID-10 (2008)

Observação: as frações significam a relação entre o que o indivíduo enxerga e o que a média da população enxergaria, ou seja, o indivíduo da categoria 1 enxerga, no máximo, a seis metros de distância o que a média da população enxergaria a dezoito metros (6/18).

Atualmente, segundo a Organização Mundial da Saúde, existem 285 milhões de pessoas com deficiência visual no mundo, 39 milhões são cegas e 246 milhões com baixa visão, sendo que 90% dessas pessoas se encontram nos países em desenvolvimento. Os erros de refração (como miopia, astigmatismo e hipermetropia) não corrigidos são a maior causa de deficiência visual, assim como 80% desses problemas são curáveis ou podem ser evitados, sendo esse, atualmente, o maior desafio da agência. Nesta pesquisa, encontramos sujeitos que apresentavam diferentes tipos de deficiência visual, porém, corroborando com os dados da organização internacional, a maior parte é em decorrência de problemas que poderiam ser evitados se constatados precocemente.

Com base nas definições aqui apresentadas, pode-se dizer que a preocupação deste trabalho gira em torno da deficiência visual – da cegueira e da baixa visão – que prejudicam o acesso do aluno aos conteúdos e situações que exigem a visão. A princípio, o enquadramento desses alunos numa das categorias clinicamente existentes, com base na OMS e na CID-10, é necessário para a aceitação, por parte da instituição, desse aluno como alguém que precisa de atendimento especializado que dê conta das suas necessidades educacionais. Contudo, na vivência da sala de aula, essa definição se

torna pouco importante, passando, por exemplo, a aproximar-se da definição dos autores do Instituto Benjamin Constant, que dividem os níveis de deficiência visual a partir do aproveitamento da visão nas atividades educacionais. Os sujeitos desta pesquisa foram selecionados com base não só no seu enquadramento na classificação da Organização Mundial da Saúde, o que definiu sua entrada na instituição de ensino e a necessidade de um leitor (portanto, não sendo necessária a verificação desse enquadramento pela pesquisadora), mas também, e, principalmente, pela necessidade de auxílio manifesta pelos sujeitos.

Para situar a presença de pessoas com deficiência visual no Ensino Superior, recorreu-se ao Censo da Educação Superior realizado pelo Ministério da Educação, por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Em 2003, havia 920 pessoas com deficiência visual no ensino superior de um total de 5.078 pessoas com algum tipo de deficiência. Em 2004, o número de alunos com deficiência visual aumentou (1.665 matriculados), em consonância com a tendência de aumento em relação ao montante de pessoas com algum tipo de deficiência, com 5.392 matriculados. Tanto em 2003 quanto em 2004, a deficiência visual era o segundo maior tipo de deficiência entre os alunos, após a deficiência física (Ministério da Educação, 2006). Já em 2009, havia 20.019 estudantes com algum tipo de deficiência – baixa visão (30%) e cegueira (13%) constituíam a maioria entre os alunos com deficiência. Vale frisar que, ao longo dos anos, a Organização Mundial de Saúde modificou alguns parâmetros para classificar as pessoas com deficiência visual, o que pode ter refletido no aumento do número absoluto de pessoas matriculadas com esse tipo de deficiência (Ministério da Educação, 2010).

De qualquer maneira, esses números expressam uma tendência de crescimento do acesso das pessoas com deficiência a esse nível da educação, que tem relação com o aumento do acesso à educação básica por parte desses alunos, bem como de sua permanência e término nos níveis iniciais.

1.2. Deficiência visual, autonomia e leitor: levantamento bibliográfico acerca do tema

Com relação à produção recente, realizou-se levantamento bibliográfico a fim de conhecer a produção acadêmica existente, não apenas no que se refere à articulação entre a mediação do conhecimento e a Educação Especial, mas também como elementos

separados. Recorreu-se a dissertações, teses e artigos, sendo selecionados alguns trabalhos encontrados pela combinação dos descritores “deficiência visual”, “autonomia”, “ledor” e “Ensino Superior”. Os trabalhos encontrados possuem diferentes perspectivas sobre a questão da deficiência visual, a existência de leitores e a influência dessa relação na autonomia dos indivíduos, e o esforço em apresentá-los permite criar um panorama do que se tem estudado acerca do tema no meio acadêmico.

Ferreira (2008), Souza (2007) e Guimarães (2009) colocam a necessidade da presença do leitor na significação daquilo que se lê. Diante da incipiência do material em *braille* disponível – realidade de grande parte de bibliotecas públicas e de instituições privadas no país – e da diminuição do número de pessoas que se utilizam desse método, há necessidade da existência de uma pessoa que tenha a visão. Mas, além disso, esses autores atribuem importância e significado à função desenvolvida.

Ferreira (2008), em seu trabalho, apresentou a Biblioteca Louis Braille do Instituto Benjamin Constant. Este instituto é conhecido pelas significativas contribuições à Educação Especial de pessoas com deficiência visual, considerado como o primeiro no Brasil a trabalhar nesse sentido, ainda no século XIX. Com relação à biblioteca, a maioria dos livros e textos à disposição são impressos à tinta, o que significa que as pessoas com deficiência não têm acesso direto a eles. A autora transmitiu a ideia de que os leitores têm papel importante no acesso a esses livros, atribuindo a eles a responsabilidade, inclusive, de transformar “a informação do livro em conhecimento” (FERREIRA, p. 284) e, por isso, afirma que os leitores geralmente são escolhidos conforme seu conhecimento em determinado assunto. Segundo ela, o foco da biblioteca está em proporcionar a informação através dos meios tecnologicamente adequados, visando autonomia e cidadania.

Silva (2007) teve seu foco de análise nas dimensões subjetivas que podem surgir na relação entre leitores e “leitores” cegos, que ouvem as leituras feitas em voz alta. Voltou-se para as motivações dos leitores e dos ouvintes, as interações da pessoa com deficiência no contexto da leitura e a questão da comunicação por parte do leitor. Além disso, destacou que há interesse na ressignificação da leitura ocorrida nessa situação. A autora assinalou a importância da experiência, que tem como elementos a confiança na palavra intermediada, a generosidade no empréstimo de significados e até de incompreensões, e finalizou apontando a possibilidade de que o essencial do texto esteja na “função estética do dizer” (SILVA, 2007, p.8).

Guimarães (2009) se propôs a discutir o evento “prova” e a atuação de leitores e pessoas cegas (por ela chamados de LD e PC), verificando estratégias de leitura utilizadas durante a prova e qual o conceito de leitura e leitor para as pessoas cegas. Utilizou-se, para tal, de teorias da Linguística e propôs uma diferenciação entre leitor e leitor. A apresentação de seu quadro de diferenciação entre leitor e leitor é um ponto de partida válido. A autora diferenciou leitor e leitor nos seguintes aspectos: quanto às circunstâncias, enquanto o primeiro lê em qualquer lugar, em situações e lugares não necessariamente institucionais, o segundo lê em locais institucionais, com função específica; quanto aos participantes, diferencia-se pelo destinatário, uma vez que o leitor lê para si e o leitor lê para o outro; quanto aos propósitos, o primeiro encontra variabilidade, enquanto o segundo a tem na medida em que permite acesso ao que está escrito na prova pela “PC”; e, finalmente, quanto às normas de interpretação, Guimarães pontuou que, enquanto o leitor interpreta o material lido a partir de seus conhecimentos prévios, o leitor leva em consideração as normas institucionais, as orientações da “PC”, de sua intuição, bem como lança mão de seu conhecimento prévio.

A autora, em seguida e com base nessa diferenciação, buscou verificar as estratégias de leitura usadas no momento da prova, verificando elementos pontuais nessa tarefa, como a repetição de enunciados, recurso a conhecimentos prévios etc. Finalmente, questionou os alunos com deficiência visual sobre as leituras realizadas pelos leitores e o que eles consideravam um bom leitor, concluindo que havia a predominância de uma “prática insignificativa” no momento em que a leitura era feita para videntes e não para “PC”, o que denota um não conhecimento sobre o que seria tal tarefa. Assim, afirma que as “PC” foram inseridas nas práticas de leitura e, por isso, associam a leitura a elementos relacionados à forma, pronúncia e leitura em voz alta, caracterizando tal conceito das “PC” como restrito, propondo que haja uma ampliação, entendendo o “conceito de leitura como marca de pertença a grupos que venha, de fato, incluir a PC na sociedade letrada vidente” (Guimarães, 2009, p.85).

Entre aqueles que defenderam a utilização da informática como principal ou mesmo única forma de acesso às informações pela pessoa com deficiência visual estão Mazzoni, Torres, Oliveira *et al* (2001); Carvalho e Daltrini (2002) e Borges [s.d.], que escreve a respeito do *software* DOSVOX, leitor de tela desenvolvido por Borges e sua equipe. Também sobre o uso da informática como recurso para pessoas com deficiência, temos Ferreira, Silveira, Nunes *et al* (2010) e Leiria (2002). Esses autores apoiaram, em

seus trabalhos, a utilização dos recursos tecnológicos da informática para dar conta da questão da acessibilidade da pessoa com deficiência.

Mazzoni, Torres, Oliveira *et al* (2001), ao discutirem os aspectos que interferem na acessibilidade das bibliotecas universitárias, apontaram que a universidade é espaço privilegiado para a construção da acessibilidade, tanto por formar diferentes profissionais quanto por seu efeito multiplicador, servindo de exemplo a todas as instituições de ensino superior. Pela observação e análise da biblioteca de uma universidade federal específica, pontuaram as falsas soluções encontradas naquele espaço que, apesar de aparentemente buscarem a resolução do problema da acessibilidade, não satisfaziam as necessidades daqueles que delas usufruem (por exemplo, ao instalarem uma rampa com o objetivo de possibilitar a entrada de cadeirantes, a angulação da rampa não permitiu que isso acontecesse), gerando nova discriminação e não reconhecendo o deficiente visual como agente ativo e produtor do conhecimento. Essa constatação baseou-se na ideia de que o ambiente universitário tem como princípio a produção e disseminação do conhecimento e, por isso, a qualidade da informação acessada tem peso e papel nesse processo. Para os autores, há uma relação inversamente proporcional entre a limitação do acesso ao conhecimento e a tecnologia colocada à disposição para tal.

Carvalho e Daltrini (2002) destacaram o ambiente virtual como forma de inclusão do deficiente, com base em um enfoque sistêmico da acessibilidade da pessoa com deficiência visual no Ensino Superior. Mais especificamente, após a análise da relação entre os subsistemas “deficiente visual” e “Ensino Superior” e as barreiras colocadas entre eles (barreiras comunicacionais, de aceitação, espaciais e de aprendizagem), propõem duas possibilidades de solução da questão: mudanças estruturais e processos de adaptação. Finalmente, apresentaram a Educação a Distância como melhor solução, posto que soluciona problemas gerados pelas quatro barreiras citadas. A questão espacial não seria mais problema já que a pessoa com deficiência visual não teria necessidade de se deslocar. Com relação às barreiras de comunicação e aprendizagem, a flexibilidade de apresentação do conteúdo, o material didático adequado (já que existem *softwares* que permitem o acesso pelo computador) e a assincronia seriam soluções plausíveis. Finalmente, a aceitação da pessoa com deficiência seria eliminada pela transformação do indivíduo em um aluno como qualquer outro, dada a equiparação de condições proporcionada pela Educação a Distância. Assim, Carvalho e Daltrini

concluíram que a Educação a Distância é a forma viável para a inclusão do aluno com deficiência visual no Ensino Superior.

Esses autores defendem uma perspectiva que resolve a questão da acessibilidade pela eliminação do contato presencial das pessoas e, portanto, das inter-relações que também fazem parte do processo educativo, como se pretende mostrar neste trabalho. As relações estabelecidas, assim como o conteúdo estudado, constituem a escola e sua função também está relacionada à socialização. A tentativa de superação das dificuldades pela eliminação do contato e da locomoção é, ao fim e ao cabo, regressiva, na medida em que acaba por diminuir as possibilidades de surgimento de experiências formativas e, a partir dessas, de consciência crítica e autonomia.

Na mesma tendência de argumentação – com base, também, na eliminação da necessidade de deslocamento da pessoa com deficiência visual –, um dos *softwares* de leitura de tela que permitem o acesso da pessoa com deficiência visual ao texto escrito e que é mais utilizado, conforme Sonza e Santarosa (2003), é o DOSVOX, um programa que permite ao usuário acesso auditivo ao que aparece na tela do computador, um sistema operacional desenvolvido tendo a lógica da acessibilidade como referência. Trata-se de um projeto desenvolvido, desde 1993, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob coordenação do professor José Antonio Borges, responsável pelo Núcleo de Computação Eletrônica dessa instituição. Em uma das várias publicações a respeito, Borges [s.d.] destacou a importância do DOSVOX para a independência no estudo e no trabalho de seus usuários, apontando a possibilidade das pessoas com deficiência visual saírem do que ele chama “gueto cultural” que o braille acaba trazendo, uma vez que as pessoas que enxergam não conseguem ler o braille com fluência ou mesmo desconhecem seu sistema. Além disso, outra intenção é no sentido de acabar com a necessidade de que os textos de escrita convencional precisem ser passados para braille ou lidos por outra pessoa, o que favoreceria o usuário em termos de tempo e independência. Além disso, há também a defesa do ambiente virtual como favorecedor do acesso à cultura, a eliminação da necessidade de locomoção, a privacidade e o anonimato, já que a pessoa com deficiência, pelo computador, não tem a necessidade de se identificar como tal. Além disso, o autor defendeu que o número de abandono de curso no Ensino Superior, ou mesmo de acesso a ele pelas pessoas com deficiência, seria modificado em favorecimento destas, agora com possibilidade de acompanhar as atividades acadêmicas.

Alguns grupos de pesquisadores tem se dedicado a verificar se essas possibilidades estão se realizando no ambiente virtual e um exemplo é o estudo desenvolvido por três instituições (do Rio de Janeiro, de Pernambuco e de Portugal) que avaliaram a acessibilidade de sistemas de comunicação (conhecidos como bate-papos) para usuários com deficiência visual. Ferreira, Silveira, Nunes et al. (2010) utilizaram programas que testam a acessibilidade e observaram e entrevistaram usuários desses sistemas a fim de verificar como as pessoas cegas interagem com os sistemas de comunicação web². Escolheram dois sistemas, um que foi desenvolvido especialmente para usuários com deficiência visual e o outro escolhido pela sua ampla e notória utilização pelas pessoas em geral. Em ambos os casos houve certa dificuldade para acessar, mas o sistema de ampla utilização apresentou muito mais dificuldade de acesso do que o primeiro, o que levou os pesquisadores a questionarem a acessibilidade e usabilidade desses sistemas, inclusive propondo algumas contribuições para a questão. Este trabalho não citou a presença de leitores na execução de nenhuma das tarefas propostas no método.

Existem, ainda, autores que propõem a intersecção entre os recursos tecnológicos e a mediação do humano, como Sonza e Santarosa (2003) e Thoma (2006). Para eles, a utilização de recursos tecnológicos só é possível quando há também mediação de um vidente. Sonza e Santarosa (2003) partiram da ideia de que os ambientes digitais virtuais seriam como “próteses” que contribuem para maior independência, qualidade de vida e inclusão das pessoas que precisam de suplementação, manutenção ou devolução das capacidades funcionais. Nesse sentido, o computador seria um aliado da prática pedagógica, uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, de desenvolvimento cognitivo e socioafetivo, um mediador que precisa estar associado a outro, como o professor e os sistemas simbólicos, entre outros. O professor, nesse contexto, torna-se alguém que deve desenvolver e promover ambientes de aprendizagem e desenvolvimento. As autoras citam os softwares de acessibilidade às pessoas com deficiência com maior projeção e utilização no Brasil e apresentam um panorama das funcionalidades desses recursos; no entanto, não fazem referência à utilização específica de leitores para execução da tarefa de leitura de materiais não acessíveis à pessoa com deficiência.

Thoma (2006) aponta que há uma “inclusão excludente”, uma vez que as reformas legais não tem sido suficientes para garantir a acessibilidade aos bens e serviços. A

² Para os autores, os sistemas de comunicação *web* referem-se às salas de bate-papo ou *chats*.

autora, pelo mapeamento das matrículas das pessoas com deficiência em um grupo de instituições de ensino superior comunitárias em um estado brasileiro, verificou junto aos coordenadores de curso as representações e discursos sobre os sujeitos incluídos, seus direitos, demandas e presença naquelas instituições. Por uma perspectiva foucaultiana, apontou que os significados das condições desses sujeitos são produzidos e inventados socialmente, mesmo que alguns deles tenham se cristalizado com o tempo e que, na medida em que o discurso está relacionado ao poder, verificou, nos casos por ela analisados, que as pessoas localizam nos alunos com deficiência as fontes de sucesso ou fracasso, considerando pouco as condições que os produzem. Assim, as representações de inferioridade permanecem e, por isso, a autora defendeu que as políticas de inclusão necessitam de mais estudos sobre o que incomoda e por quê. Ainda discorreu sobre os especialistas de serviço de apoio disponibilizados pelas instituições como forma de eliminação das diferenças, mas que acabam por justificar e reforçar as marcas de anormalidade e incorrigibilidade, uma vez que as instituições partem de um discurso da falta em relação à norma e sua possibilidade de correção. Além disso, defendeu a necessidade de conhecimento técnico desses especialistas para trabalhar com as pessoas com necessidades especiais.

Vale destacar que grande parte dos trabalhos encontrados é caracterizada como estudo exploratório. Propõem-se a descrever em que condições se encontra a acessibilidade dos alunos com deficiência, indicando ações institucionais que possibilitem a entrada e permanência desses alunos nesse nível da educação (como os trabalhos de OLIVEIRA, 2003; MOREJON, 2009; PEREIRA, 2007; RAPOSO, 2006; CHAHINI, 2006; FORTES, 2005; e THOMA, 2006). Observando-os, pode-se dizer que grande parte desses trabalhos é decorrente do debate sobre as políticas e ações dos governos federal e estaduais que incidem sobre a inclusão dos alunos nas instituições públicas de ensino. Objetiva-se o aprofundamento da discussão e a elaboração de alterações efetivas que permitam maior inclusão da pessoa com deficiência. Todos são unânimes ao afirmar que tais políticas e ações, observadas e analisadas de diferentes maneiras em seus trabalhos, ainda não conseguiram dar conta das demandas que os alunos com deficiência trazem, sempre muito variadas.

Com relação aos resultados, invariavelmente são apresentados: a falta de preparo docente e necessidade de capacitação, a preocupação por parte do governo com incentivo realizado por meio de políticas públicas e o despreparo institucional geral. Além disso, a preocupação com o que se chamou de “vida social” dos alunos também

foi muito citada, na medida em que a inserção no nível superior de educação permite a construção de uma gama de experiências que vai além do conhecimento científico (RAPOSO, 2006), com o oferecimento de oportunidades de socialização ensejadas pelas experiências não acadêmicas vividas no ambiente universitário (FORTES, 2005).

Supõe-se que a crescente demanda de estudos da magnitude como a que aqui se levantou tenha relação direta com os investimentos crescentes, em instituições públicas e privadas, no oferecimento de apoio e acessibilidade aos alunos com deficiência. Contudo, frente a tal demanda, fez-se necessário um passo além de explorar e descrever o atual processo de implantação da “educação inclusiva”. Este passo se dá à medida que se busca compreender o que acontece entre os sujeitos (letores e alunos com deficiência visual) que aqui são apresentados desde a perspectiva de sua formação, educação e socialização, numa abordagem crítica e não somente descritiva.

A necessidade de se investigar a relação entre alunos e leitores, do ponto de vista da formação dos primeiros, objeto desta investigação, é um esforço no sentido de contribuir ao entendimento da questão em um patamar além do descritivo, tendo como preocupação maior contribuir para o desvelamento das formas em que se dão as relações dos alunos com deficiência visual com o conhecimento acadêmico que lhes é apresentado, assim como com os demais indivíduos que, atualmente, estão presentes diretamente nessa relação, e que se constituem em mediadores do acesso ao conhecimento por parte daqueles que diretamente não podem entrar em contato com ele.

Outro trabalho merece destaque. Costa (2001) procurou investigar a formação com base nas contribuições da Teoria Crítica da Sociedade. Pelas experiências de trabalhadores deficientes visuais, objetivou caracterizar a formação deles pela educação e pelo trabalho, além de verificar sua integração ao mundo do trabalho e as repercussões na vida dos trabalhadores. Partiu da hipótese de que tais pessoas tinham o trabalho como central em suas vidas; este colocado também como fator de integração à sociedade e, juntamente com a educação, apontado como componente da formação. Essa hipótese foi confirmada, mas, ao mesmo tempo, foi possível verificar atitudes de resistência, como a participação em grupos de defesa à pessoa com deficiência e em atividades comunitárias. Além disso, houve destaque para a educação na escola regular, bem como o papel da família no desenvolvimento dos trabalhadores com deficiência visual. De qualquer forma, o trabalho foi apontado como necessário à sobrevivência material, participação e aceitação social, bem como confere sentido de utilidade na sociedade. Com base nas informações fornecidas pelos sujeitos da pesquisa, a autora

apontou, com relação à integração desses trabalhadores, que a sociedade é preconceituosa e segregadora e que o trabalho surge como forma de integração a ela, na medida em que estes se mostram como força produtiva útil. Mesmo diante da exigência de integração, alguns sujeitos apontaram atitudes de resistência, que acabaram se constituindo como alternativas formadoras. Com relação às repercussões do trabalho em suas vidas, a autora verificou a relativa independência pessoal e financeira, o desenvolvimento de um sentimento de “pertencimento” à sociedade, o que contribuiu para uma segurança e autoestima no enfrentamento das dificuldades e, finalmente, a possibilidade de humanização tanto por parte dos sujeitos quanto da empresa, representada pelas chefias e pelas experiências que se constituíram como formadoras. Finalmente, Costa (2001) assinalou três aspectos importantes para o desenvolvimento e formação dos sujeitos do estudo: o acolhimento familiar, expresso na não resignação ao preconceito; o acesso à educação, com destaque à escola regular, que permitiu que os sujeitos desenvolvessem expectativas para além das escolas destinadas às pessoas com deficiência; e a entrada no ambiente de trabalho, que permitiu que todos os envolvidos reformulassem concepções e representações estereotipadas. Paralelamente, a autora elencou o preconceito e a ausência de ferramentas e aparatos que permitam adaptações tendo em vista suprir algumas das necessidades apresentadas pelo deficiente. Preconceito e obstáculos à adaptação são fatores de impedimento ao desenvolvimento.

A pesquisa acima apresentada trouxe pontos de convergência com o que aqui se propõe. Além de discutir a deficiência visual, apresentou a questão do trabalho que, apesar de não ser objeto direto nesta pesquisa, é, a princípio, objetivo dos estudantes de nível superior. Costa (2001) apontou o duplo aspecto do trabalho, em que, apesar da relativa autonomia proporcionada, sugere uma integração maior ao ditames do mundo do trabalho que produz a alienação. A contradição em relação aos sujeitos por ela investigados (mas também entre todos os indivíduos inseridos nesta sociedade) está no fato de que a sua integração à sociedade é condição para a busca de autonomia, mesmo que essa integração coloque em risco a própria autonomia. Isso é claro no esforço de pessoas com deficiência visual ao buscarem formação acadêmica de níveis mais elevados, com o intuito de buscar independência não apenas financeira, mas também em sua vida em geral.

1.3. A autonomia na perspectiva da Teoria Crítica

Com base nos elementos retirados do levantamento bibliográfico, percebeu-se a necessidade da ampliação e aprofundamento das discussões acerca das pessoas com deficiência visual, particularmente no que tange ao Ensino Superior, tendo em vista o aumento significativo do acesso dessas pessoas a este nível de Educação. A questão da relação desses alunos com aqueles que os auxiliam, nessa perspectiva, torna-se necessária, especialmente ao observá-la do ponto de vista que a Teoria Crítica da Sociedade proporcionou: aquele que diz respeito à formação do indivíduo, experiência e autonomia. Sob essa perspectiva, o papel daquele que auxilia o estudante com deficiência visual (o leitor) torna-se relevante à discussão dessas possibilidades, as quais estão imbricadas no fenômeno da constituição do indivíduo da sociedade moderna.

Tendo em vista essa discussão, a Teoria Crítica da Sociedade forneceu elementos importantes no que diz respeito ao indivíduo, que merecem destaque neste momento. Horkheimer (2000) apresentou o conceito de indivíduo, levantando elementos históricos que possibilitam o entendimento do que hoje se denomina como tal. No capítulo “Ascensão e declínio do indivíduo”, do livro *O eclipse da razão*, o autor anunciou que se propõe a discutir o conceito de indivíduo afirmando que “a crise da razão se manifesta na crise do indivíduo” (2000, p. 131). Segundo ele, no momento da consumação, a razão se transformou em irracional e embrutecida, quando os meios de produção dominaram os homens e o que rege atualmente os indivíduos é um senso de autopreservação. Nesse sentido, justifica a necessidade de se discutir o conceito.

A relação indivíduo e sociedade é o elemento a ser considerado. A oposição existente entre indivíduo e coletivo ganhou, ao longo dos séculos, tons cada vez mais fortes, em detrimento do desenvolvimento pleno do indivíduo. A renúncia aos interesses egoístas, em prol dos interesses sociais, como apontam Horkheimer e Adorno (1973, p.51), reduzem o indivíduo “a um mero exemplar do gênero e atribuindo-lhe, portanto, uma importância subalterna”. Essa tendência integradora é reforçada por elementos do Cristianismo, como Freud (1920) sugeriu ao se introduzir o amor ao próximo como central à convivência humana pela renúncia aos impulsos naturais do indivíduo. É observada também na Sociologia Positivista a qual, segundo Horkheimer e Adorno (1973), contém o prenúncio do que viria a ser o fascismo. Para Horkheimer (2000), a possibilidade de superação estaria na resistência do indivíduo imerso nessa condição. E, para isso, a educação criticamente orientada tem papel preponderante.

Horkheimer e Adorno (1973, p.73) ainda apontaram outra questão relativa à inserção do indivíduo em grupos, entendendo estes como historicamente variáveis, em que se tem como ponto de partida não o grupo em si, mas “(...) a tendência progressiva da sociedade para a ‘socialização’, isto é, para a inserção, segundo um plano superiormente estabelecido, das partes no todo, e para a integração, em formas de organização incomensuravelmente grandes (...)”. Apesar disso, apontaram os grupos informais como possibilidade de resistência.

Por último, vemos formar-se na base, como protesto espontâneo, inconsciente e frequentemente destrutivo, contra a pressão e a frieza da sociedade de massa, novas configurações de microgrupos que oferecem ao indivíduo uma cobertura coletiva, estreita solidariedade e alguns esquemas de identificação. (HORKHEIMER e ADORNO, 1973, p. 74)

Esses grupos, na contradição entre a força integradora e a possibilidade de resistência, são relevantes para se pensar a inserção do indivíduo na sociedade atual, permitindo inferir hipóteses na proposta de observação e análise do objeto de pesquisa que se tem aqui proposto. Considerando-se o trato dos ledores com os alunos com deficiência visual em conformidade com os microgrupos, é possível levar adiante a ideia de que a relação ali estabelecida poderia contribuir à autonomia do sujeito. Porém, consonante ao que os autores denunciavam, tais grupos mantêm-se presos e referidos à estrutura social, e isso não seria diferente, portanto, entre alunos e ledores.

Assim sendo, parece fundamental verificar quais as possibilidades de resistência e abertura a uma formação, no sentido atribuído pela Teoria Crítica. Para definição do conceito de formação (ou, mantendo-se o termo em alemão, *bildung*) Gur-Ze'ev (2002) afirmou que o conceito já existia com outros sentidos anteriormente à constituição da Teoria Crítica da Sociedade. A concepção do conceito elaborada por estes autores coloca no ser humano uma característica central, o livre arbítrio ou autonomia, em que seu potencial ou, pelo menos, o potencial de luta para realização da autonomia tem importância vital, apesar de esta ser colocada como “parcial, relativa, temporária e perigosa” (Gur-Ze'ev, 2002, p. 13). Assim, Gur-Ze'ev aproximou-se de uma definição do termo ao afirmar que, na Teoria Crítica, entendeu-se *Bildung* como a “(...) construção das forças independentes mais profundas do indivíduo como um elemento comprometido e indiviso da totalidade da existência, forças que tornavam possível que [o indivíduo] escapasse dos processos padronizadores dominantes e das manipulações das hierarquias hegemônicas” (Gur-Ze'ev, 2002, p.13).

Sobre as condições para a formação, Adorno (1995), em sua palestra transformada em texto – intitulada “Educação após Auschwitz” –, trouxe elementos interessantes a serem aqui apontados. As condições que impossibilitaram a formação, apontadas por Gur-Ze’ev, são as mesmas condições que culminaram em Auschwitz. E Adorno é enfático ao repetir, por diversas vezes, que é necessário dirigir a educação no sentido da não reprodução da barbárie, representada naquele campo de concentração.

Os fatores que favoreceriam a essa não reprodução da barbárie giram em torno de situações que propiciem o reconhecimento, discussão, autocrítica e conscientização de elementos críticos na formação do indivíduo, como a relação com as potencialidades autoritárias, a heteronomia e autonomia, a severidade na educação e a consciência coisificada. Além disso, coloca na fetichização da técnica um grande impedimento ao amor, no sentido de relação libidinal com o outro. Tal amor seria destruído pela frieza em que se pauta a sociedade atual, mas que, ao mesmo tempo, é condição para existência dessa mesma sociedade.

Conhecer os mecanismos subjetivos que levaram à barbárie – bem como os mecanismos de defesa que bloqueiam esse conhecimento, além do esclarecimento quanto a outro direcionamento da fúria vista em Auschwitz – e vislumbrar as possibilidades concretas de resistência e de conhecimento das condições históricas específicas são caminhos apontados por Adorno (1995) como possibilidades para a conscientização. Seria necessária uma educação política, sem receio de contrariar potências, que informe acerca do jogo de forças que estabelecem as relações de poder presentes no Estado, nas instituições e, também, nas relações em grupos e classes sociais.

Adorno (1995) apontou que, por conta da dificuldade em se trabalhar no plano das modificações sociais objetivas, a postura de resistência parte para um plano subjetivo, tendo na psicologia individual dos indivíduos (é importante que se saliente essa aparente redundância) possibilidade para tal. Nesse sentido, o que se pretendeu neste estudo vai ao encontro do que Adorno aponta em linhas gerais em sua apresentação: a tentativa de, a partir da particularidade da relação entre leitores e alunos com deficiência visual, observar e analisar as possibilidades de experiência formativa, autonomia e resistência que dali surgem, mesmo enquanto potências a serem (possivelmente) realizadas. Para Adorno, isso já é um esforço no sentido da modificação das condições que levaram à Auschwitz.

No que diz respeito às condições de acesso de pessoas com deficiência visual ao Ensino Superior, fez-se necessário apontar uma particularidade com relação ao mundo do trabalho ou, mais amplamente, às relações de produção, que tem relação com o discutido acima. De um lado, há um componente do “progresso” da sociedade, que cada vez mais permite que pessoas impossibilitadas de acessar níveis mais altos de educação passem a fazê-lo. Isso, com certeza, tem relação com a realidade econômica na qual o mundo e o Brasil vivem desde meados do século passado. O capitalismo permite melhoria na qualidade de vida, de saúde e de educação para pessoas que há alguns anos, provavelmente, não poderiam desfrutá-las. Contudo, há, de outro lado, um componente da necessidade do capitalismo em integrar, cada vez mais, a todos. As relações de produção tornam os deficientes visuais, até então “inválidos”, em força produtiva (e até lucrativas, se pensarmos nas vantagens fiscais que o Brasil oferece às empresas “inclusivas”) e, portanto, integrados à lógica do capital. Há o caráter da inclusão, assim como o da ampliação do alcance das relações capitalistas, que tendem à integração total dos indivíduos. Assim como a educação, o trabalho se configura para o deficiente visual como possibilidade de afirmação social, mas também como impossibilidade de concretização real da autonomia.

Essa discussão gira em torno do que Adorno (1986) apresenta em “Teoría de la pseudocultura”, em que discute a pseudoformação. Nesse texto, o autor aponta exatamente a contradição entre as condições para a formação e suas reais possibilidades, estas diminuídas pela configuração da sociedade capitalista burguesa. Afirma que, apesar dos processos históricos que permitiram um esclarecimento maior sem, contudo, colocar em xeque a lógica da dominação e, talvez, por isso mesmo, a pseudoformação é a forma de consciência predominante atualmente.

Partindo do exemplo da possibilidade de um indivíduo ser conhecedor e apreciador das obras e bens da humanidade e, ao mesmo tempo, contribuir ao nazismo, o autor apontou ser isso reflexo de uma consciência dissociada, que não agregou a tais bens o valor humano que carregam. A formação, abdicando dos valores humanos, transformou-se em pseudoformação. Ao mesmo tempo, apontou a dificuldade dos casos em que a cultura é tida apenas como adaptação, o que também traz prejuízos à formação. Em outras palavras, quando a formação se apegue a categorias fixas, sejam do espírito ou da natureza, favorece a ideologia e se transforma em uma formação regressiva. Ideologia que escamoteia as diferenças econômicas e as contradições das

relações de produção e favorece a integração e a heteronímia enquanto tendências dos indivíduos.

Assim, aqueles que antes nunca tiveram acesso a determinados bens culturais, agora os consomem e desejam, porém de maneira distorcida e ideologicamente orientada. E isso, como já dito anteriormente, favorece à pseudoformação. O indivíduo pseudoformado tende a contraditoriamente buscar e recusar a experiência e possibilidade de formação, transformando-a em algo efêmero, pontual e desconexo e, portanto, já diferente do que seu potencial anunciava. Esse movimento deixa clara a necessidade de integração e de autonomia, ao mesmo tempo colocadas. Nesse sentido, a integração não pode ser plena, pois é necessário um *quantum* de autonomia para a individuação e, nesse mesmo movimento de contradições, aponta para a fragilidade da ideologia e possibilidade de seu desmoronamento. A possibilidade de superação da pseudoformação estaria na resistência, expressa numa postura criticamente orientada diante desses movimentos.

Novamente, as discussões baseadas na Teoria Crítica da Sociedade oferecem elementos para se pensar o posicionamento, o contexto, as contradições e possibilidades dos alunos com deficiência visual, bem como aqueles (letores) que os ajudam, que podem ter uma orientação no sentido de contribuir à resistência. Trata-se de uma questão ainda pouco explorada que merece ser observada por diversos ângulos. Este trabalho oferece, assim, mais um ângulo para se observar a questão, não sendo objetivo esgotá-la ou mesmo reduzir às fórmulas de sucesso na implantação de leitores ou, ainda, crítica vazia.

CAPÍTULO II – O aluno universitário com deficiência visual e o leitor

2.1. Procedimentos de coleta e análise dos dados: as particularidades do campo empírico

Apresenta-se neste momento os procedimentos adotados para a realização da coleta das informações utilizadas neste trabalho. O percurso de investigação foi se constituindo ao longo do desenvolvimento do projeto, o que obrigou algumas modificações, conforme aquilo com que se deparava no campo empírico. Esse movimento tem relação também com a pouca produção acadêmica a respeito, assim como com as particularidades dos sujeitos de pesquisa entrevistados e seu lugar na instituição de ensino e na sociedade.

Para a consecução dos objetivos de pesquisa, foi elaborado um procedimento que, alinhado à perspectiva teórica adotada, pudesse dar conta do que se intencionou levantar. Anteriormente ao contato com o objeto em si, aventou-se a possibilidade de realização de grupo focal como instrumento de coleta de dados. Contudo, diante da situação em que estavam envolvidos os sujeitos de pesquisa – pessoas com deficiência visual estudantes no Ensino Superior –, verificou-se a dificuldade de agrupá-los, tendo em vista a impossibilidade de reunir um número mínimo de participantes em um mesmo local e data. As justificativas dos sujeitos para sua indisponibilidade sempre se dava em função da falta de tempo. Como todos se utilizavam de transporte público, o tempo de deslocamento entre suas residências, trabalho e faculdade acabava por impedir que a maioria dos entrevistados dispusesse de algum tempo em sua rotina para conceder a entrevista, o que só foi conseguido após muitas negociações, o que dirá reuni-los no mesmo momento. A dificuldade em encontrar esses sujeitos parece residir, também, na falta de informação oficial e disponível sobre a quantidade de pessoas com deficiência visual no Ensino Superior – a busca por informações sobre instituições que possuem algum tipo de leitor se mostrou, igualmente, um obstáculo.

Partiu-se, então, para a procura e contato com sujeitos, informando-os sobre a intenção de se realizar entrevista, e não mais grupo focal. A amostra seria selecionada conforme a aceitação do sujeito em participar da pesquisa, tendo em vista a já constatada dificuldade de encontrar sujeitos que reunissem os pré-requisitos para coleta, quais sejam: ser aluno de Ensino Superior matriculado e cursante, com algum grau de

deficiência visual e que se utilizasse de algum tipo de “ledor” – esse nome não necessariamente é utilizado em todas as instituições – contratado por ele ou pela instituição de ensino, morador do Estado de São Paulo, maior de idade e que estivesse disposto a conceder entrevista.

Feitos os contatos, foram selecionados 12 sujeitos, de ambos os sexos, matriculados em diferentes cursos das áreas de Humanas e Exatas de uma instituição de ensino superior privada – escolhida principalmente por ter um corpo de leitores constituído –, que foram apresentados à proposta de pesquisa formalmente, inclusive ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e demais aspectos éticos, como condição para realização da pesquisa. O contato direto e pessoalmente com os sujeitos de pesquisa foi realizado ao longo do mês de maio de 2011. Desses sujeitos, quatro foram descartados por diferentes motivos, como a incompatibilidade de agenda, a desistência em participar ou a falta de interesse em conceder entrevista. Os oito sujeitos restantes foram entrevistados ao longo do mês de junho de 2011.

Retomando os objetivos desta pesquisa, tinha-se como preocupação geral investigar a relação que ocorre entre o aluno com deficiência visual e o leitor, considerando igualmente as informações e o conhecimento que define essa relação, bem como o espaço em que tal relação se concretiza, qual seja, a sala de aula. Essa preocupação foi pautada pelo conceito de autonomia formulado pelos autores da Teoria Crítica da Sociedade.

Com relação à coleta de material, elaborou-se um pequeno questionário, solicitando informações básicas para caracterização do sujeito de pesquisa, como idade, estado civil, grau da deficiência, curso e semestre que está cursando e quais os recursos utilizados para seus estudos pessoais. Em seguida, questionou-se o entrevistado quanto à sua vida familiar e escolar, a relação com professores e colegas de sala e, também, com os leitores. A seguir apresenta-se o modelo de questionário aplicado para a caracterização dos sujeitos, juntamente como o roteiro da entrevista semiestruturada, que partiu de tópicos considerados relevantes para a abordagem do tema.

Quadro 2.1.1 Questionário de Caracterização do Sujeito de Pesquisa

Caracterização do Sujeito		
Nome:	Idade:	Sexo:
Estado Civil:	Curso/Semestre:	
Grau de deficiência (conforme informado pelo aluno):		
Recursos utilizados:		

Quadro 2.1.2 Roteiro de Entrevista para Coleta de Dados

Roteiro de Entrevista	Anotações	✓
Relato sobre Trajetória Escolar		
Relato sobre Trajetória Familiar		
Sobre o curso e a instituição		
Utilização de recursos		
Manifestação sobre Professor		
Manifestações sobre colegas		
Manifestações sobre Ledor		

O termo de consentimento foi lido para aqueles que o desejaram ou, ainda, fornecido em versão ampliada. A realização da coleta de dados ficou condicionada à assinatura e anuência do sujeito quanto ao entendimento das questões éticas envolvidas. As entrevistas foram registradas em arquivos de áudio digital e encontram-se transcritas, em anexo (Anexos de A até H). Foi realizado apenas um encontro com cada sujeito, o que ocorreu sem a presença de nenhuma outra pessoa, e não houve devolutiva. As entrevistas foram realizadas com autorização do responsável pelo *Setor de Inclusão*, nas dependências da instituição de ensino, em salas de aula que não seriam utilizadas no dia.

Para a organização dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, em que foram definidas categorias *a posteriori*, com base em exame preliminar, assim como nos elementos emergentes das entrevistas. Esse procedimento foi utilizado em alguns momentos pelos estudiosos da Teoria Crítica, especialmente Adorno, em seus estudos sobre a televisão e as colunas de astrologia. Nesse sentido, partiu-se de uma leitura

flutuante, que permitiu localizar os trechos mais relevantes e que tivessem relação com as categorias de análise. Em seguida, a partir de uma leitura mais atenta, retirou-se os trechos significativos, relacionando-os com as categorias condizentes. Ao final, foi feita nova leitura e alguns deslocamentos, quando necessários, a fim de definir os trechos que melhor representavam as categorias e que, finalmente, comporiam as análises. Há que se fazer uma ressalva: ainda que as categorias tenham sido definidas após o primeiro contato com as entrevistas, a elaboração delas não aconteceu de forma desarticulada dos objetivos deste trabalho e dos conceitos norteadores que, inclusive, contribuíram com a delimitação do objeto de estudo, qual seja: autonomia e dependência nos estudos de alunos do Ensino Superior com deficiência visual que se utilizam de leitores.

As transcrições brutas das entrevistas foram revisadas, a fim de dar maior encadeamento na leitura, bem como retirar possíveis repetições que pudessem se tornar incompreensíveis. De qualquer maneira, é importante destacar que não foram alteradas as falas dos sujeitos, sendo apenas retirados elementos sem sentido quando se passa da fala à escrita. Quando se considerou pertinente, foram inseridas observações para além do registro escrito e simples da fala, que trouxeram contexto a algumas das colocações feitas pela pesquisadora e pelos indivíduos. Estes estão sinalizados em colchetes.

2.2 Resultados: elementos da relação em sala de aula

Após a realização das entrevistas, as informações obtidas foram transcritas e analisadas em dois níveis complementares. Primeiramente, foram retirados e organizados aspectos relevantes à caracterização dos sujeitos (como sexo, idade, grau de deficiência, recursos utilizados, entre outros). Em seguida, como esforço de análise teórica propriamente dito, as entrevistas foram desmembradas em categorias construídas com base nos objetivos propostos. Este segundo momento será discutido mais adiante. A seguir, apresenta-se o quadro de caracterização dos sujeitos, para melhor visualização das informações.

Quadro 2.2.1 Caracterização dos sujeitos de pesquisa

Nome *	Idade	Estado civil	Ocupação	Curso	Capacidade visual	Recursos
Fabio	21	Solteiro	Bancário	Análise Sistemas 4º semestre	5%	Notebook próprio Leitor de texto Ledor
Fernando	26	Solteiro	Bancário	Administração 2º semestre	20%	Caneta específica Impresso ampliado Computador Ledor
Gabriela	26	Solteira	Bancária	Administração 2º semestre	5%	Caneta específica Notebook próprio Leitor de texto Ledor
Igor	33	Solteiro	Técnico em Radiologia	Relações Públicas 7º semestre	Deficiência Visual Total	Computador Leitor de texto Gravador Ledor
Jonas	36	Solteiro	Aposentado	História 5º semestre	Baixa visão	Notebook próprio Leitor de texto Gravador Ledor
Luis	36	Solteiro	Conselheiro Tutelar	Administração 5º semestre	50%	Impresso Ampliado Ledor
Maitê	21	Solteira	Bancária	Análise e Desenvolvimento de Sistemas 1º semestre	Deficiência Visual Total	Ledor Computador Braille
Margarida	26	Casada	Bancária	Administração 2º semestre	5%	Notebook próprio Leitor de texto Ledor

Contribuíram com a coleta de dados oito sujeitos com idade entre 21 e 36 anos, a maioria solteira (apenas uma é casada, porém outros três sinalizaram estarem noivos), dos cursos de Administração (quatro alunos), Análise e Desenvolvimento de Sistemas (dois alunos), Comunicação Social (um aluno) e História (um aluno), com variação no tempo de curso. Todos trabalhavam à época da coleta de dados, a maioria no setor financeiro (um é conselheiro tutelar, um é técnico em radiologia e um terceiro, por conta da deficiência, está aposentado) e, conseqüentemente, reservaram o período noturno para a formação acadêmica. Quanto ao tipo de deficiência, dois entrevistados relataram

* Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

ser deficientes visuais totais, quatro afirmaram ter aproximadamente 5% da visão e os outros, entre 20% e 50%. Inferimos, assim, que a maioria dos sujeitos pode ser considerada de pessoas com baixa visão, incluídos nos graus intermediários de comprometimento visual, conforme tabela proposta pela Organização Mundial da Saúde, apresentada e discutida em capítulo anterior.

Com relação aos recursos utilizados, todos têm um leitor profissional à disposição, quatro afirmaram utilizar com frequência um notebook em sala de aula, dois utilizam provas ampliadas, entre outros recursos como: lupa, gravador, canetas de escrita grossa, computadores (fora do período de aula), leitores de texto digitais (como JAWS e Virtual Vision). Todas essas informações foram fornecidas pelos entrevistados, inclusive quanto à acuidade visual, e não houve solicitação de laudo médico para comprovação, conforme informado anteriormente no capítulo relativo ao Método.

Em cumprimento aos procedimentos éticos, os sujeitos tiveram seus dados alterados – tais como nome, referência aos locais de residência, trabalho e estudo ou qualquer outra citação direta às instituições, lugares e pessoas –, exceto quando essa informação tornou-se relevante ao entendimento das informações cedidas pelo entrevistado.

Todos os sujeitos trabalhavam durante o período diurno, dirigindo-se à faculdade no período noturno. À exceção de Luis e Jonas, os alunos trabalhavam meio período e dois deles – Jonas e Igor –, além do trabalho, conciliam atividades esportivas como atletas-bolsistas. Todos se utilizam de transporte público, permanecendo entre 50 minutos e 1h30min em trânsito, para se dirigir à instituição de ensino, seja do trabalho, seja vindos de suas residências. A maioria mora com os pais, uma mora com o cônjuge, um com seus sobrinhos e um terceiro com a irmã; porém, a maior parte do tempo ficam sozinhos em casa, do que se depreende que possuem um grau considerável de independência para realizar as tarefas do dia-a-dia.

Após a realização das entrevistas, o material coletado foi submetido à análise qualitativa de seu conteúdo, em consonância com os métodos que Adorno (2008) adotara em alguns de seus trabalhos. A partir da leitura das transcrições, foram elencadas quatro categorias que condiziam com o objetivo proposto para este estudo, qual seja, analisar a relação entre alunos com deficiência visual e seus leitores. Desse modo, a relação entre autonomia e dependência ficou evidente nos relatos, os quais puderam ser enquadrados nas seguintes categorias: a) a relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao conteúdo das aulas; b) a relação do aluno

com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com o professor; c) a relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os colegas; e d) o aluno com deficiência visual na relação com o leitor escolar.

Diante disso, foram sistematizados quadros para organizar e agrupar as informações coletadas conforme a categoria em que foram encaixadas. As citações literais, categorizadas e organizadas em quadros, bem como as entrevistas na íntegra, encontram-se em anexo.

2.2.1 A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao conteúdo

Partindo das informações cedidas pelos entrevistados no que diz respeito ao contato com o conteúdo das aulas, criou-se uma categoria denominada “Relação do aluno com deficiência visual e o leitor quanto ao conteúdo”, em que foram agrupadas todas as referências feitas às formas como se dá o trato com o conteúdo, a partir da sala de aula, tendo como mediador o leitor. Diante da variedade de respostas, foram construídas três subcategorias: a realização das atividades em sala de aula, a informática e a leitura de contextos, que melhor representaram os elementos das falas capturadas durante as entrevistas.

Quadro 2.2.1.1 A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao conteúdo: subcategorias e seus elementos

Subcategoria	Elementos
Realização das atividades em sala de aula	função de leitura objetiva
	iniciativa e ritmo
	otimização do tempo
	criação de códigos
	leitor semelhante ao professor
Informática	regulamentação legal
	digitalização de conteúdos
	leitor como facilitador de acesso ao conteúdo
	independência
Leitura de contextos	intersecção leitor e computador
	participação em situações visuais

No tocante à realização das atividades em sala de aula, o primeiro elemento que chamou a atenção diz respeito à delimitação clara que os alunos têm quanto aos limites da ação do leitor, que se restringe à dificuldade objetiva de acessar o conteúdo visual da aula.

(...) ter um aluno com dificuldade na sala, mas uma pessoa pra auxiliar na dificuldade, não na matéria, a matéria ele tem que se virar mesmo, tem que correr atrás, mas na dificuldade, na questão de leitura, na questão de intérprete, quando tem e os professores não tem como dar uma atenção. [Luis]

a ferramenta do ledor foi passado bem claro pra gente: ele é como se fosse um óculos que ele faz... a intenção dele é, justamente, transparecer o que está escrito, impresso, ou qualquer matéria. O ledor não é responsável por explicar ou por fazer você entender, ou até mesmo ajudar você a responder a matéria que você tá estudando. [Fernando]

Os alunos demonstraram ter clareza, também, quanto à iniciativa e ao ritmo da realização das atividades, até quando apresentaram opiniões variadas quanto a isso. Dito de outra maneira, parece que é reservada ao aluno a decisão pela forma como as atividades serão realizadas, seu ritmo e ordem, pautada mais pelo gosto pessoal do que por algum tipo de regra dentro da instituição.

(...) eu prefiro assim, também, que eu solicite e ele descreva (...) [Fabio]

(...) quando eu me acostumei com esse tipo de recurso, aí começa a ser mais ativo, mais proativo o meu papel, aí eu sei que eu posso perguntar isso aqui pra ele, eu sei que “ah, aconteceu tal coisa” e eu sei que se eu perguntar pra ele, ele vai me explicar o que está acontecendo, aí você começa a ter a noção de como que ele pode te ajudar... [idem]

Então, se ele vai ditar, eu vou falar pra ele o que eu falei pro outro ledor: “olha, você vai ditar pra mim e eu vou tá escrevendo, você me fala”. Se tiver muito rápido eu peço pra parar. Se tiver muito devagar, eu falo: “não, pode ler normal”. [Fernando]

(...) então pra mim a coisa fica bem clara: você lê, eu escrevo. Se você ler rápido, eu vou escrever rápido, se você ler devagar, eu vou escrever devagar [Luis]

Ao mesmo tempo, pareceu ser unanimidade entre os alunos a ideia de que a presença do ledor proporciona otimização no tempo de realização e acompanhamentos das atividades em sala.

Eu pude acompanhar a aula como as outras pessoas mesmo, assim, fazendo as atividades na sala, isso é uma coisa que eu não fazia muito. Antes de eu entrar aqui na faculdade, sempre ficava alguma coisa pra você fazer em casa, alguma coisa que as pessoas conseguiam fazer na hora e eu tinha que pegar esse conteúdo depois, pra depois fazer em casa e o fato de eu ter o auxílio do ledor me propiciou eu poder acompanhar realmente na mesma velocidade, né, ao mesmo tempo que o restante da sala... [Fabio]

Por a minha visão ser sempre a perda da visão foco, o que me dá dificuldade pra ler e pra enxergar a distância, eu sempre optei pelo auxílio ledor, porque se torna uma coisa mais prática e mais rápida pra mim, em vez de eu tentar ler um material ampliado... eu, particularmente, se eu for imprimir alguma coisa pra eu ler sozinho, eu tenho que usar uma fonte 20 ou 22 e, por conta disso eu prefiro o ledor, porque eu fico com... a velocidade que eu demoro

pra ler uma página, uma pessoa convencional, com prática, lê duas [Fernando]

Um aluno citou a criação de códigos entre ele e seu ledor, como forma de facilitar a transmissão de informações gráficas constantes da aula. Essa tarefa requer um certo tempo de convivência entre ambos, para que haja entendimento e costume aos códigos.

(...) no caso do meu curso especificamente tem muita representação gráfica de muita coisa e, assim, não que o ledor tenha que conhecer os conceitos, mas tem que ter um código entre eu e o ledor pra que ele consiga ou... é porque tem uma outra situação também que eu meio que precisei desenhar um diagrama na hora, então é uma coisa que eu não poderia fazer se não tivesse o ledor, [seria] mais uma coisa que eu não poderia acompanhar, aí no caso, eu falo pro ledor, a gente meio que combina: “ah, quando eu falar tal coisa é tal símbolo que você coloca” e ele vai descrevendo pra mim, então, é logico com o tempo e, se vem num crescente, o ledor acaba pegando os conceitos e rola uma troca mais fácil, né? [Fabio]

Outro aluno chegou a comparar a função do ledor com a do professor, reconhecendo uma importância como facilitador na transmissão do conhecimento acadêmico.

Porque o trabalho do ledor é auxiliar, não fazer, que é o mesmo caso do professor. O professor tem que auxiliar você a desenvolver que é o que o ledor também tem que fazer. Mas os dois pra responder pra você, não. Ninguém aprende nada por... por alguém fazer por ele, aprende se você fizer por você. [Fernando]

Apesar de toda a importância do ledor, conforme apontado, para o aluno com deficiência visual, Jonas destacou a falta de regulamentação legal para o trabalho do ledor, enquanto profissão reconhecida pelo Ministério da Educação, como recentemente aconteceu com os intérpretes da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), o que dificultaria a delimitação das funções do profissional, tornando-as muito amplas e vagas.

o que é a função do ledor? A lei, o MEC em si, ele não especifica o que a universidade tem que oferecer pro aluno. Ele tem que oferecer o apoio, o auxílio pedagógico que possa fazer com que ele possa acompanhar o curso de igual com os alunos. Então assim, o ledor, ele não é lei como os intérpretes [de LIBRAS], os intérpretes é lei. Então, assim, isso fica muito vago de cada universidade. (Jonas)

A utilização de recursos tecnológicos da informática aparece a todo momento, uma vez que essa forma de acessar o conhecimento tem se mostrado eficaz às pessoas com deficiência visual. Em alguns momentos, a ideia de ser auxiliado por um ledor a todo momento é confrontada pela possibilidade de se utilizar um computador, bem como pela digitalização dos conteúdos transmitidos, o que tornaria desnecessária, do

ponto de vista específico do acesso aos conteúdos, a presença do profissional em sala de aula.

Se tivesse esse conteúdo digitalizado pra mim, no computador, eu poderia acompanhar as aulas sem a necessidade de ter uma pessoa ali pra mim, só pra passar, pra me passar o que tá sendo passado na lousa. [Fabio]

(...) o ledor pra mim não é tão importante, mas o mais importante pra mim é o material acessível, que seria o material digitalizado. [Jonas]

(...) se a universidade, se tivesse a disposição de oferecer todo esse material digitalizado seria ótimo pra mim porque eu já tinha um computador, com leitor de tela, já conseguia dominar essa questão da informática. [idem]

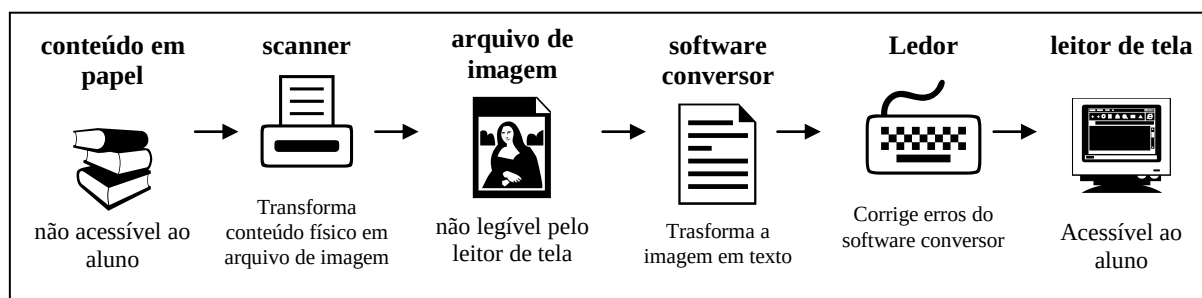
Jonas chegou a propor outras formas de se utilizar o ledor, não necessariamente como recurso de leitura e presente a todo momento na sala de aula, mas como um colaborador ou facilitador que permitiria acesso aos conteúdos digitalizados:

(...) eu sempre deixei bem claro pros meus leitores, eu disse: “olha”, eu escaneava meu material e pedia pra eles: “corrija meu material pra mim? Deixa que o resto eu me viro” [Jonas]

E eu quando... teve tempo que eu falei “eu vou dispensar o ledor”, mas eu pensei “cara, aí se você dispensa o ledor, quem que vai corrigir os seus textos, quando você escanear? Quem é que vai agilizar, dar uma revisada nos seus textos?”, então eu fiquei preocupado, dispensando o ledor eu vou ter dificuldade, porque a universidade não vai corrigir os meus textos, a universidade não vai me disponibilizar esses textos digitalizados, certinhos, então eu vou usufruir do que a universidade tá me dando, o ledor, usufruir da melhor forma possível, porque o conteúdo é importante. [idem]

O ledor teria a função de organizar o material digitalizado, de maneira tal que os *softwares* leitores de tela pudessem ser utilizados. Essa organização é importante, uma vez que muito do material utilizado pelos professores encontram-se em livros físicos, que não possuem transcrição em *braille*, sendo necessário escaneá-los e transformá-los em documentos de texto. Porém, por conta da qualidade das impressões, o tipo de papel utilizado, o tamanho da fonte, entre outros itens, na transformação desses arquivos de imagem (gerados pelo scanner) em documentos de textos, o conteúdo sofre alterações. Além disso, a tecnologia disponível atualmente para leitura de tela não consegue acessar arquivos de imagem, que são exatamente o produto gerado pelos scanners. Para facilitar o entendimento do que se acabou de expor, foi elaborado o fluxograma a seguir:

Figura 2.2.1.1 Etapas para tornar o conteúdo em papel em material legível por um software leitor de tela



Jonas e Fabio sugerem que a digitalização de todo o conteúdo tornaria a presença constante do ledor em sala de aula não mais necessária, uma vez que os leitores de tela virtuais fariam a principal tarefa delegada a esse profissional. Jonas, especificamente, aponta a importância que a informática tem para a independência na realização das atividades.

(...) eles priorizam os leitores e se esquecem que cada um dos deficientes tem que ser olhado nas suas individualidades, né, assim, cada um é um ser que precisa ser atendido, vamos dizer assim, atender as suas necessidades. E eu percebo assim, que aqui não, aqui eu tenho um ledor e o ledor tem que resolver todos os seus problemas. Não é, porque eu não vou levar o ledor pra casa. (...) se eu tivesse as ferramentas necessárias eu não ia precisar do ledor ali, naquele horário. Eu não vou dizer que o ledor não é necessário, ele é porque se eu quero fazer uma prova, e essa prova eu posso fazer oral e ele vai transcrever, é legal... mas também existe ferramentas, como a informática, que eu posso... se o professor me dá essa prova num pendrive, eu posso “espetar” ele no meu computador, eu posso fazer essa prova com total autonomia, entendeu? [Jonas]

Alguns colegas meus preferem que o ledor leia, aí grave pra ele e eu já não concordo, porque quando eu tiver dúvida da grafia, quem vai me tirar essa dúvida da grafia? No texto digitalizado eu volto à palavra e vejo como é que se escreve a palavra. [idem]

Outros alunos, contudo, apesar de conferirem importância aos recursos tecnológicos, reafirmam a importância do ledor presente em sala de aula para, além da leitura dos textos, possibilitar o entendimento dos contextos em que as atividades se dão.

Como eu nunca tive esse recurso fora da faculdade, eu nem sabia que isso era possível, né, então às vezes você se acostuma a estar num contexto em que você não vai conseguir absorver tudo o que tá acontecendo na hora, seja conteúdo, seja alguma coisa que aconteça mesmo, alguma coisa estética que aconteça e eu não vou conseguir enxergar, então, é, eu tava meio que acostumado com isso e aí quando você tem o auxílio do ledor, meio que amplifica o que eu estou percebendo da aula, muita coisa que eu tava acostumado a não perceber ou não perceber na hora eu passava a saber o que tava acontecendo, ter um domínio maior do que tava acontecendo. [Fabio]

(...) o ledor tá lá simplesmente pra ler, é a função dele. Então o ledor tem uma postura mais ética. Você vê que ele vai ter que passar a matéria pra você, seja ele falada ou copiada e vai tentar fazer você visualizar, em um campo global, o que está acontecendo. [Fernando]

A função do ledor, o nome já diz. Ledor, ele tem que ser os nossos olhos e não ficar preso só na leitura, só ler o que o professor escrever na lousa e não... tem a parte importante também... principalmente pra eu e pra Silvio, e pra alguns colegas que tem baixa visão, não sei se é tão... se seria prioridade, assim, mas descrever com detalhes o... o que acontece em sala de aula, como que tá o movimento (...) [Igor]

Com base nas informações cedidas pelos entrevistados, pode-se fazer algumas considerações pertinentes no que toca as relações entre os alunos com deficiência visual e seus leitores escolares no contato com o conteúdo. Essas relações, inclusive, são constituídas, primeiramente, a partir da necessidade em se acessar o conteúdo, conforme todos foram orientados pela instituição. A frase “a função do ledor é ler”, ao mesmo tempo em que contém a obviedade semântica, reiterada pelos alunos a todo momento, abre espaço para diferentes possibilidades de leitura, sendo complementada por uma pergunta que invariavelmente se segue a afirmativa anterior: “ler o quê?”. Os entrevistados deixam isso claro quando se referem às possibilidades que a presença de um profissional para auxiliar na “leitura” permite. “Ler texto e ler contexto” parece ser uma forma de responder à pergunta acima. E o contexto parece se tornar algo importante à melhoria no acesso e no tempo dispensado aos conteúdos.

Nesse caso, a presença do ledor em sala de aula parece ser colocada como necessária em momentos em que a otimização do tempo e a participação em situações que envolvam algum tipo de contexto visual se faz importante para o melhor aproveitamento das aulas. Existe, por esse lado, uma dependência dos olhos que leem. Contudo, a permanência durante todo o período letivo pode ser questionada, apontando para uma possibilidade de independência (por parte dos alunos) da figura do ledor. A alternativa da autonomia é proposta pelos próprios alunos, na busca por uma possibilidade de atuação do profissional que não os torne totalmente dependentes nem que dispense a presença do ledor, por meio da execução das tarefas como a de colaborador que possibilita o acesso ao contexto visual da sala de aula. Além disso, mesmo se tratando de uma regra institucional – a não interferência do ledor nos estudos e compreensão dos conteúdos, que é função estrita do aluno na relação com o professor –, em alguns momentos essa isenção torna-se impossível, como Fabio apresentou em sua fala.

(...) as vezes eu estou perguntando, ele tá me passando alguma coisa que tá na lousa e aí ele fala aquilo de uma maneira, de repente eu não entendi muito bem e tem um diagrama, alguma coisa assim, e aí eu percebo, realmente, o comprometimento dele em me passar o que está ali, se ele, de repente não entende o que é, ele vai atrás pra saber ou ele tenta me explicar de alguma maneira, isso é bem legal, assim, esse comprometimento com o que o profissional tá fazendo mesmo que é me passar o que está sendo, que está acontecendo que eu não consigo perceber. Então, seja um diagrama, seja alguma coisa visual que aconteça, ele procura passar pra mim da melhor maneira possível e preocupar se eu tô realmente querendo entender o que está querendo dizer ou não. E quando... e quando não, tentar falar de outra maneira. [Fabio]

Essas situações apontam para a ambivalência que se faz marcante na função do leitor escolar, como se pretende mostrar ao longo deste capítulo. Essa ambivalência está na medida em que o leitor, ao mesmo tempo que é necessário, em alguns momentos também não é. Isso ficou claro, por exemplo, pela diversidade de opiniões quanto à elementos como a presença, o ritmo de execução das tarefas e, inclusive, a função de “leitura”, conforme discutido acima. Essa ambivalência permeou todas as considerações presentes neste capítulo.

2.2.2. A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os professores

O contato com o professor foi escolhido como categoria a ser analisada na medida em que sua importância dentro do espaço observado – a sala de aula – não pode ser ignorada ou excluída. Mesmo tendo o leitor como contato direto na leitura da aula, a relação entre professor e aluno permanece como relevante para o acesso ao conhecimento dos estudantes. Nesse sentido, dois elementos nodais nas falas trazidas para esta pesquisa foram retirados no que diz respeito ao professor: a) as menções relativas à possível formação e experiência acadêmicas dos professores; e b) o reconhecimento e atendimento às necessidades dos alunos com deficiência visual por parte dos professores.

Quadro 2.2.2.1 A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os professores: subcategorias e seus elementos

Subcategorias	Elementos
formação e experiência acadêmicas dos professores	didática falta de formação específica
reconhecimento e atendimento às necessidades dos alunos	iniciativa do aluno dificuldade no reconhecimento e generalização responsabilidade docente

Os alunos recorreram, em diversos momentos, a explicações pautadas na formação acadêmica de seus docentes para buscar compreender as situações em que relataram quando do contato direto com o professor. A maioria deles – Margarida, Fernando, Gabriela, Igor e Jonas – trouxeram em suas falas a preocupação quanto à didática empregada nas aulas, por se tratar de algo falho ou que deixou a desejar, segundo suas experiências.

Melhorar? Só se for ensinar os professores, pra eles pararem de falar “aqui e ali” [risos], “aqui colocamos isso”, um auxílio pros professores, ter um treinamento (...), aqui eles sempre esquecem que é um aluno ou dois, mas tem um aluno ou dois que não tá vendo o “aqui e ali” da lousa. Dificulta. Igual matemática, eu só consigo pegar o raciocínio da conta se eu tiver acompanhando. Na sala de aula o professor não deixa, ele fala “presta atenção primeiro” e eu não consigo. Eu não consigo pegar o raciocínio só ouvindo, sabe, sem acompanhar passo-a-passo. [Margarida]

(...) o professor que hoje ministra uma disciplina, vai muito da Didática que o professor usa. Eu vejo professores que usam explicações como “isso aqui vem dali e vai pra lá”, “isso aqui sobe daqui”, ou “isso aqui desce pra lá” ou “isso aqui move daqui pra lá”, fica ... assim, a gente escutando é muito vago. [Fernando]

(...) o professor vai explicando contabilidade, aí ele explica assim: “Esse valor sai daqui e vem pra cá, que sai daqui e vem dali” e aí fica difícil pra gente, né... As vezes a gente tenta conversar com o professor, mas... as vezes ele nem sabe como lidar com a gente, ele acha que não tem outra forma de ensinar. [Gabriela]

(...) se tivesse que conceituar “bom” ou “ótimo”, eu diria que “razoável”, porque alguns se esforçam, precisam melhorar bastante mesmo, principalmente nessa parte de aplicar a aula pra um deficiente, assim, um deficiente visual, quando, em algumas oportunidades eles selecionam uns filmes pra passar, eles selecionam filmes legendados... teve várias vezes de eu ficar muito triste e ir pro auditório, chegar lá e abandonar, porque eu falei “eu não vou ficar aqui porque não dá pra acompanhar”. Por mais que esteja um ledor... porque não é só a leitura, ele lê as falas, porque precisa descrever o que se passa no filme... aí, o ledor é capaz de fazer tudo isso, mas a gente não consegue absorver a ideia que o filme quer passar, devido a isso (...) [Igor]

(...) eu tenho alguns amigos que estudam em outras instituições que não tem o apoio de ledor e aí tem horas que o professor que tá do outro lado não tá preparado e ele não consegue transmitir também pro aluno deficiente, que tá aqui do outro lado, o conteúdo de forma que ele possa assimilar. (...) eu terminei o curso de Licenciatura, né... e eu aprendi na minha grade, a gente teve a Inclusão, que o professor também tem que fazer sua parte. Ele tem que se preocupar na hora que ele vai trazer um filme, se ele tem um aluno que é deficiente visual, se esse filme é dublado, ele tem que ter toda essa preocupação, não só com visual mas, sei lá, mental leve, com aluno que é auditivo que já tem o auxílio do intérprete, mas mesmo assim a comunicação pode ser facilitada, mas o professor também é o um grande vetor. [Jonas]

As situações foram lhes mostrando certa falta de preparo dos professores. Os alunos chegam a afirmar que isso se dá pela falta de formação acadêmica em Educação Especial e, quando algum professor demonstra ter certo conhecimento na melhor forma de apresentar o conteúdo ao aluno, estes atribuem a uma experiência prévia em sala de aula, com outros alunos com deficiência.

Pra ele [o professor] é muito fácil porque ele tá vendo o que tá acontecendo, ele estudou desse jeito, aprendeu desse jeito. Agora você adaptar, ensinar ele a olhar esse plano de conta, olhar um gráfico de uma forma falada, pra ele também é uma novidade, então... ele não foi preparado pra isso. Acho que quando o professor deve ter estudado pra ser bacharelado dentro da sua disciplina, ele deve ter... ninguém deve abordado ou pensado nesse caso. [Fernando]

(...) geralmente o professor sabe de alguma dica porque trabalhou com deficiente em outro momento. [idem]

Os professores, infelizmente, e isso é desde o Ensino Médio, não é só agora no Ensino Superior, eles não estão preparados pra trabalhar com o deficiente. Não tô generalizando, porque tem alguns que se esforçam, que dão o máximo de si pra tentar nos ajudar. Agora tem uns que não (...) [Igor]

os professores, eu ainda não tive nenhum problema, né, assim... de adaptar, porque, lógico que eles já tem conhecimento de algum outro aluno deficiente visual aqui na faculdade... os professores são muito tranquilos. [Maitê]

Margarida relatou que a questão não é de uma possível falta de capacidade, habilidade ou conhecimento do professor, pois quando ele a atende individualmente, a apresentação do conteúdo é bem sucedida. A dificuldade ocorre no momento de integrar a necessidade da aluna com a apresentação do conteúdo à sala, o que parece confirmar tratar-se de uma dificuldade na didática de ensino.

Quando eu chamo na mesa, ele vem, explica, mas explicação pra sala toda é aquela dificuldade do “aqui e ali”, mas quando eu chamo na mesa, eles explicam muito bem, fica mais fácil de entendimento. [Margarida]

A falta de formação acadêmica ou de contato com alunos com deficiência parece levar a uma dificuldade no reconhecimento e atendimento das necessidades dos alunos. Fernando, de qualquer maneira, talvez por orientação externa, talvez por já estar acostumado a essas condições, afirma que acaba por tomar a iniciativa de apresentar suas necessidades, inclusive como uma tentativa de evitar tratamento diferenciado por conta de sua deficiência.

Então, eu acredito que vai também de você sentar com o professor e fazer a orientação que você precisa, o que é mais foco... ou até mesmo ensinar o professor: “professor, fala desse jeito que fica mais fácil pra minha

compreensão”, ensinar ele a olhar, explicar como que a gente entende a matéria falada. [Fernando]

(...) a partir do momento que ele [o professor] está ali pra ensinar a matéria, eu também tô ali pra ensinar ele a como falar comigo. [idem]

(...) já que ele não tem esse conhecimento de como tratar um deficiente, eu falo: “oh, você pode falar assim que é melhor”. Até mesmo em caráter de professor não enxergar eu como um coitado. Eu não cheguei ali porque alguém fez o favor de me trazer ali. Eu cheguei pra ser aluno dele com as minhas forças, com a minha vontade, então esse negócio de falar... de fazer aquele tratamento: “ah, então você faz assim...”, fala daquele jeito, começa falando daquele jeito mais manso, como se você fosse deficiente mental, né, porque começa a falar mais devagar como se eu não tivesse compreendendo, como se ele começar a falar rápido e eu não tivesse compreendendo o que ele tá falando. Então é onde eu pego muito no pé de falar que o professor precisa aprender a falar de um jeito que eu entendo. [idem]

(...) não tem um comportamento padrão: o aluno deficiente vai chegar na sala e o professor vai saber o que fazer e como fazer, vale muito do que aluno permite o professor fazer e o que o professor permite ajudar. [idem]

Margarida apontou uma dificuldade do professor em reconhecer a necessidade do aluno com deficiência visual, parecendo ignorá-la por completo. Já Fabio relatou a dificuldade do docente em reconhecer o próprio aluno, como se ele não fosse capaz de entender o que lhe era dito e, por isso, necessitando da intermediação do leitor. Cabe dizer que na sala de Fabio existem alunos com deficiência auditiva, o que levou a questionar se o professor não estaria generalizando a condição do aluno com uma deficiência específica, transformando-o e enquadrando-o como “o deficiente”.

(...) a gente tem que chegar no professor para ele parar de falar isso [falar “aqui” ou “ali”, em lugar de nomear ao que faz referência] . Uma vez eu até falei, “professor fala mais devagar, mais devagarzinho”, mas entra num ouvido e sai no outro. Ignora. [Margarida]

(...) o que acontece, muitas vezes, é do professor falar com o leitor e não falar comigo, mas aí eu sou bastante chato nesse sentido, eu...[riso] normalmente o leitor não assume esse papel de intérprete, né, então acontece, assim, das primeiras vezes do... do professor novo, ele vai falar com o leitor, mas eu pego e tomo a frente [Fabio]

O não reconhecimento das necessidades do aluno, aliado aos obstáculos interpostos pela dinâmica das aulas expositivas, repercutem na relação entre o professor e o aluno com deficiência visual. Além disso, também geram situações em que os alunos tem que recorrer aos colegas para compreender o que está sendo transmitido em sala.

“Ah, professor, não tô entendendo, me explica” [risos], aí ele começou a explicar “aqui e ali” e eu: “professor, eu não entendo aqui e ali”; ele: “mas não tem outra forma de explicar”. Aí um outro colega, o FL falou “não,

professor, eu explico pra ela”; “ah, você explica pra ela? Então tá”, aí o FL foi me explicar e ele foi pro outro lado. [Gabriela]

Agora tem uns que (...), infelizmente, vão passando e [falam] “tenta pegar com o colega” e esquecem a parte deles, que é dar um suporte melhor para o deficiente. [Igor]

Gabriela colocou no professor a responsabilidade pela situação de aprendizado: sua disposição em ensinar torna-se determinante à transmissão do conhecimento.

Professor? Ah, é essencial pra aprendizado (...) No sentido que ele tem que passar o conhecimento dele da melhor forma possível, pra que todos entendam. Se ele não estiver disposto a passar tudo o que ele sabe, não adianta eu estar com vontade de aprender ou não. [Gabriela]

De outro lado, Luis e Jonas relataram experiências em que seus professores colocaram-se à disposição, na tentativa de ajudar seus alunos. Esses auxílios, como Luis aponta, as vezes favorecem o aluno em função de sua deficiência:

(...) pelo menos dos professores, eu nunca tive problema com nenhum deles, já tô no 5º semestre e nunca tive problema e até os professores daqui mesmo, que chegou uma época que eles chegavam e não trazia prova ampliada, eles deram um jeitinho, a pessoa leu, eles chegaram a me repassar meio ponto, alguma coisa porque sabiam... porque, assim, sabiam também que eu tinha estudado, lógico, não é a moleza, eu sabia que eles sabiam da situação, então... [Luis]

eu cheguei no primeiro dia, me apresentei, falei meu nome, falei minha deficiência, tentei entrar em contato com os professores, tentei explicar as minhas necessidades e aí foi engraçado porque os professores falaram: “Jonas, eu nunca tive um aluno deficiente, você vai ser o primeiro e vai ser um prazer poder te ajudar” [Jonas]

Ao serem perguntados sobre os professores, os alunos trouxeram questões que tendem mais à crítica quanto ao que está sendo feito em sala de aula do que exemplos de um trabalho bem sucedido. Isso leva a pensar que, mesmo com as políticas de inclusão que são implementadas na educação básica, e pelo número de alunos com deficiência que acessam os níveis superiores, da perspectiva dos próprios alunos, os professores ainda não incorporaram à sua *praxis* aspectos relativos à prática pedagógica para pessoas com deficiência; o que parece predominar são ações paliativas após se depararem com alguma dificuldade. Nesse momento, o ledor vem a servir também como esse instrumento paliativo, como se sua presença isentasse o docente de se preocupar com as necessidades dos alunos. Além disso, por conta da lógica produtivista que se reproduz na educação em geral, atender as necessidades desses alunos parece significar a desestruturação e o não cumprimento de todo o cronograma, programa e planejamento. Essa situação expressa o quanto os meios foram transformados em fins:

mais importante do que dar conta das necessidades dos alunos é cumprir aquilo que foi planejado, mesmo que o aproveitamento não seja satisfatório, o que pode ser associado ao predomínio da racionalidade tecnológica também na educação superior.

De outro lado, ao mesmo tempo em que a postura docente perante esses alunos aponta para uma relação que fortaleça a heteronomia, os próprios alunos buscam meios de se apropriar do que lhes é apresentado, seja por especulações que buscam explicar os motivos das ações dos professores, seja recorrendo a outras formas de compreensão do conteúdo. Nesse sentido, diante da dificuldade pela situação em que se encontram, os alunos acabam por buscar formas de se afirmar perante o professor, na medida em que se posicionam no sentido de ensinar ao docente como lidar com eles, ou mesmo de discordar (ainda que parcialmente) e sustentar seus pontos de vista, como Fernando e Luis relataram. Essa atitude, embora difícil, permite vislumbrar um potencial de autonomia ao indivíduo.

O leitor, nessa relação, tem um papel ainda mais claro: a tendência é negar o auxílio ou mesmo a tomada de iniciativas frente às dificuldades envolvendo professores e alunos em sala de aula. Essa postura não é decisão ou costume criado entre alunos e leitores, mas regra imposta pela instituição. Assim, se o leitor, ao não se envolver nessas situações, abre espaço para o questionamento quanto às posturas docentes por parte dos alunos, de outra parte, também não participa das possibilidades de solução desses conflitos, isentando-se do resultado que essas situações possam ter, por conta da regra vigente. Um papel ambivalente e talvez não consciente das suas possibilidades, por parte de alunos, professores, instituição e dos próprios leitores.

2.2.3. A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os colegas

A relação com os colegas também foi alvo dos questionamentos durante as entrevistas, por se considerar também eles como participantes do espaço da sala de aula e, portanto, interferindo na relação que o aluno com deficiência visual estabelece com esse espaço e seus componentes. Assim, destacaram-se alguns aspectos presentes nas falas dos entrevistados, reunidos nesta categoria. São eles: a) o tempo e o relacionamento entre videntes e alunos com deficiência visual; e b) a presença do leitor no relacionamento com os colegas.

Quadro 2.2.3.1 A relação do aluno com deficiência visual e o ledor escolar quanto ao contato com os colegas: subcategorias e seus elementos

Subcategoria	Elementos
o tempo e o relacionamento entre videntes e alunos com deficiência visual	tempo de adaptação convívio formação de grupos
a presença do ledor no relacionamento com os colegas	---

O primeiro aspecto que ganha destaque diz respeito às diferenças de tempo de assimilação das informações em relação aos alunos videntes. Somado a isso, os alunos com deficiência visual colocam a importância do tempo de adaptação a essas diferenças.

Se eu vejo, o cérebro processa rápido, se eu não vejo tão bem, ele já processa mais lento, mas também não quer dizer que eu seja mais devagar do que eles, pelo contrário. [Luis]

Meu grupo de estudo, que foi a Silmara, o Jairo, o Daniel, me auxiliaram muito, tiveram essa compreensão, porque assim, a minha resposta, quando você me faz uma pergunta, ela demora mais um pouco porque, assim, eu tenho que ouvir o texto, depois assimilar e depois transmitir, então, assim, foi importante meu grupo de estudo, eles me ajudaram muito [Jonas]

No começo eles [os colegas] ficam meio perdidos, né, porque não tem contato, e isso é normal, de uma pessoa que não conhece uma pessoa com deficiência... acaba não sabendo como agir, mas agora eles já acostumaram e são bem legais com a gente. [Maitê]

O tempo de convívio parece ter correlação com o relacionamento com os colegas, no sentido que, quanto maior o tempo, maior a facilidade de estabelecer relações. Os alunos que estão nos últimos semestres de seus cursos apontam ter superado a dificuldade de relacionamento com os colegas, enquanto que a maioria daqueles que acabaram de iniciar as atividades apresentam certa dificuldade. Não podemos afirmar que é regra, visto que uma das alunas de início de curso, Maitê, parece não ter dificuldade de relacionamento com seus colegas de graduação.

Outra questão que se destacou gira em torno do fato dos alunos com deficiência visual que têm colegas em sala com o mesmo tipo de deficiência parecerem tender a se fechar num grupo entre si.

Tem as panelinhas. Eu com você, eu e você e o resto se dane. É cada um por si, não tenho muito contato com outros alunos, só um ou dois lá do fundo que a gente fala um 'oi', mas a convivência de segunda a quinta é o Fernando e a Gabriela. Que são [deficientes] visuais também, vivem no mesmo mundo que eu, [abaixa o tom de voz] de visão e dificuldade [Margarida]

Na faculdade... aos poucos venho fazendo amizade com outros alunos, mas ainda a gente vê que, não sei se é por causa que todo mundo trabalha, todo mundo tem outros valores... você vê que ... discriminação é uma palavra muito forte, não me sinto discriminado, eu sinto que se você não faz parte de um grupo, se você não faz parte de uma turminha, você pra aquele grupo é nada. (...) a aceitação da turma é muito relativo. Tem gente que pode vir e falar: “poxa, que legal, você tem muito mais conhecimento a dividir do que a gente passar pra você” e tem o oposto, né, tem gente que acha que “não, peraí, não vou andar com aquele deficiente porque... ah, ele é deficiente, não... pô, ele vai querer que eu fique guiando, vai querer que eu leio tudo pra ele... não”. Então, acho que tem muito um caráter de educação do que é exclusão pro pessoal, né... Você vê que um deficiente, de repente, tem mais a ensinar do que a ser ensinado, são valores muito diferentes. [Fernando]

A princípio, os colegas de sala ajudavam muito mesmo, (...) os outros colegas da sala eram muito próximos, o dia que a pessoa não vinha, alguém se prontificava, então... no decorrer do tempo, o relacionamento foi esfriando aos poucos, um pouco culpa da gente, minha e do Silvio, por ter, nós, os dois deficiente em sala de aula, aí meio que centralizava um com o outro na hora de ter uma conversa paralela, ficava focado só nós dois e o restante da sala meio destacado, (...) a gente tinha muito, depois do terceiro semestre em diante, a gente sempre teve dificuldade de se integrar em algum grupo, a gente tinha que ficar mendigando oportunidades, (...) fizemos o semestre inteiro trabalho sozinho e, no meu ponto, eu questionei bem no final do semestre que eles não estavam sendo preconceituoso comigo e com o Silvio, eles tavam sendo com eles mesmos e perdendo a oportunidade de já ta exercendo a parte social do trabalho que eles vão exercer no futuro. Então, dali em diante a gente não ficou mais sem grupo. [Igor]

A relação entre aproximação e tempo de convivência poderia ser, a princípio, óbvia e esperada. Contudo, a interferência que o ledor parece exercer nessa separação entre os alunos com deficiência visual e os videntes torna a questão relevante para ser colocada.

(...) porque do começo pro final do curso eu fui ficando muito mais próximo, porque, assim, eu acho que de certa forma pode, no começo se distanciar, se eu tenho o ledor, pode dar essa ideia de que, de que eu não estou querendo me relacionar com os outros alunos, que eu não vou precisar pedir auxílio pra eles, então... mas eu acredito que não, hoje eu vejo, tá evidente que não, sabe? [Fabio]

(...) numa certa fase que a gente tinha um ledor dentro de sala de aula, que o ledor era mais amigo da sala que nós das outras pessoas. Mas a culpa não era do ledor, foi uma coisa que foi acontecendo natural, e a gente chegou a discutir entre eu e S, falando assim que a gente tá responsabilizando a sala, muito, por essa distância no relacionamento, mas tem nossa parcela de culpa, devido à gente não se envolver nos assuntos, até ele mesmo, nosso ledor na época era o Vitor, ele mesmo mexia muito com o nosso brio, falava pra gente se manifestar mais, não aceitar tudo calado, o que era imposto pra nós, fez a gente se envolver, também, se integrar com a sala e nos ajudou bastante também. [Igor]

Talvez a dificuldade gire em torno da novidade da situação – não apenas para o aluno com deficiência visual, mas também para os alunos videntes – em que existe um funcionário da instituição de ensino preocupando-se exclusivamente com o andamento

de um aluno, tomando o grupo de certo receio quanto ao que se pode esperar desse profissional. Contudo, com o passar do tempo e a convivência, percebe-se qual é a função daquele profissional em sala de aula, o que minimizaria tal receio. Fabio ressaltou ainda que se sente mais à vontade com a presença do ledor para a realização de atividades em grupo:

(...) pode ser uma coisa que as pessoas falem: “é ruim porque aí ele não está interagindo pra ter auxílio”, mas hoje eu vejo que muito pelo contrário, às vezes eu consigo até participar de alguma atividade em grupo, alguma coisa assim com auxílio do ledor, coisa que eu não conseguiria se não tivesse. E é muito mais confortável pra mim também, porque é uma pessoa que eu sei que não está deixando de absorver alguma coisa ou de aproveitar a aula da maneira que ela queria pra poder me ajudar, então é uma pessoa que tá ali só pra aquilo, é mais confortável de interagir. [Fabio]

Novamente, o ledor encontra-se numa situação de ambivalência. De um lado, está no espaço na condição de profissional responsável pela leitura ao aluno com deficiência visual. De outro, é um ser em relação com todos os presentes na sala. Não foi fornecida, nesta pesquisa, qualquer informação a respeito da orientação dada aos ledores quanto a isso, mas em função da delimitação clara de sua função – que parece ser dita e lembrada a todo momento, dada a citação repetida feita pelos alunos – relacionar-se com os colegas do aluno com deficiência visual não figura como tarefa do profissional. Mesmo assim, não há como negar que sua presença em sala acaba criando situações para que isso ocorra, o que pode chegar a prejudicar o aluno, como Igor relatou. A ambivalência está na possibilidade de, ao mesmo tempo, afastar e aproximar os colegas, o que contribui diretamente para a instalação de condições propícias à autonomia ou à heteronomia do aluno.

2.2.4. O aluno com deficiência visual na relação com o ledor escolar

Não seria possível ignorar a relação entre os alunos com deficiência visual e seus ledores, por se tratar da condição principal nesta pesquisa, que se desdobrou nos pontos apresentados anteriormente. Para se discutir a relação do aluno e seu ledor com o conteúdo, professores e colegas, há que se ter em mente que aluno e ledor mantêm uma relação entre si. Essa relação, conforme as informações cedidas pelos entrevistados, ao mesmo tempo em que contribui, também atrapalha o aluno e, nesse sentido, chamam a atenção os seguintes elementos: a) a empatia entre alunos com deficiência visual e seus

ledores; b) o cotidiano das relações entre alunos com deficiência visual e seus leitores e c) a leitura de textos e contextos.

Quadro 2.2.4.1. O aluno com deficiência visual na relação com o leitor escolar: subcategorias e seus elementos

Subcategoria	Elementos
o cotidiano das relações entre alunos com deficiência visual e seus leitores	mudança de leitor empecilhos do cotidiano
a leitura de textos e contextos	---

Por se tratar da convivência entre dois seres humanos distintos, por certo período de tempo, questões de cunho pessoal, que giram em torno da empatia entre os indivíduos, invariavelmente surgem na relação entre os alunos com deficiência visual e seus leitores. Alguns alunos mencionaram a necessidade do desenvolvimento de laços de amizade entre eles e Igor chegou a afirmar que pode haver uma confusão quanto ao papel do leitor.

(...) nem só sobre a matéria, o que acontece ao seu redor, se a sala é cheia ou com muito aluno. E no bate-papo mesmo a gente troca conhecimento, né, porque acabam sendo nossos amigos, né, tem o lado profissional, mas acaba tendo uma grande amizade também. [Margarida]

(...) querendo ou não, eu acho que entre o leitor e o aluno tem que ter um... um laço de amizade, porque senão não desenvolve, eu acho que não desenvolve. (...) Você tem que ter uma amizade com a pessoa, né, porque se você não pegar uma amizade com ela como é que você desenvolve o trabalho? E aí, a proximidade que eu falo é questão de você se aproximar e conseguir ter, descobrir uma brecha pra você formar uma amizade com uma pessoa. [Luis]

(...) e você tem que ter uma relação muito boa, se você não tiver uma relação muito boa, uma relação aberta, uma relação... tem que ser profissional, mas tem que ser amigo. Não é só profissional, tem que ser amigo daquela pessoa. [Jonas]

A princípio eu achava um pouco desastroso [mudar de leitor] porque a gente acaba criando um vínculo de amizade, mas, independente desse vínculo de amizade, nós, deficientes, a gente costuma confundir um pouco, porque, independente dele ser seu amigo, ele é um profissional, então a gente tem que tá preparado. [Igor]

Alguns alunos, porém, ponderam quanto a necessidade de criação de vínculos com os profissionais que os acompanham e, ao contrário dos primeiros, afirmam que

pode haver situações que levem à antipatia pelo ledor, da mesma maneira que é necessário demarcar a função e os limites do profissional.

(...) algumas vezes a gente tem alguma antipatia com algum ledor, não foi culpa deles, a gente teve a nossa parcela de culpa também e teve uma certa dificuldade de relacionamento com o ledor. [Igor]

Então acho que, antes de você ter o caráter de “ah, eu vou ajudar”... tem que alinhar, com a pessoa que você está auxiliando, o que é ajuda e até onde eu posso ajudar. Porque senão fica um negócio, também, de você pegar pela mão e ficar puxando aluno pela mão e não dá certo. [Fernando]

(...) o ledor tá ali pra ler, por ser uma pessoa você acaba se comunicando de outros assuntos, mas você tem que deixar bem claro, né, você não tá ali pra bater papo, você não está ali pra ter um vínculo de amizade. Primeiro, o ledor, depois é outro auxílio, depois é o fulano, depois é a menina, depois é... a pessoa que está por trás. O que ela está ali, primeiro, é pro trabalho. [idem]

De qualquer maneira, uma relação com o ledor é estabelecida por se tratar de uma atividade que se estende no tempo, criando um cotidiano de convivência que, como muitos afirmam, apresenta grande aumento na qualidade do desenvolvimento do trabalho, chegando a trazer, por vezes, alguns prejuízos ao aluno, caso esse tempo de trabalho seja quebrado:

eu fiquei praticamente um ano e meio com o mesmo ledor e aí era muito legal porque ele meio que já tinha pegado o meu *timing* e aí quando... sabe? Fluía muito dez, assim, as vezes eu nem percebia que eu tava usando um recurso externo, assim... [Fabio]

(...) é lógico com o tempo e, se vem num crescente, o ledor acaba pegando os conceitos e rola uma troca mais fácil, né? Quando muda de profissional é ruim porque, realmente, vai um bom tempo até que você consiga combinar (...), porque às vezes o outro ledor não sabe o papel que ele vai ter que assumir e eu imagino que varie bastante de aluno pra aluno que ele tá acompanhando, então vai um tempo pra... tanto pra ele entender o que eu preciso, quanto, pra depois que ele entender o que eu preciso, pra gente conseguir combinar ali ou começar a rolar mais fácil essa troca [idem]

até você se adaptar com a pessoa, conhecer o jeito da pessoa, se ela é extrovertida, se ela é fechada, gosta de conversar, até o jeito dela ler é diferente, né, eu acho diferente quando troca de ledor... [Margarida]

eu acho que [a relação com o ledor] fica melhor [com o tempo] porque ele já conhece como que você é, seu jeito, porque a adaptação é muito... maçante, né. Porque até a pessoa te conhecer, como que você precisa que leiam, quanto que você vê, demora um tempo... bastante, bastante tempo. Quando o ledor já tá com você há mais tempo, já... acho que já flui melhor [Gabriela]

(...) a gente estranha um pouco [quando muda de ledor], né, porque sempre a gente tá acostumado com aquela pessoa, mas... eu acho que a gente tem que estar... tem sempre que se adaptar a novas mudanças... [Maitê]

Esse mesmo cotidiano, que facilita e acresce de qualidade o trabalho em sala de aula, também pode se transformar em um empecilho que, inclusive, atrapalha a concentração e realização de atividades do aluno com deficiência visual.

(...) às vezes eles atrapalham um pouco, eles confundem um pouco a gente... Ah, eles confundem a gente, ficam conversando entre eles, conversando em LIBRAS com não sei quem lá do outro lado da sala, ou entre elas duas (...) elas ficam conversando, conversas paralelas entre elas, aí a gente quer perguntar alguma coisa, elas tão conversando. [Gabriela]

(...) porque querendo ou não querendo, você ter uma pessoa do teu lado, é... invade um pouco a sua privacidade, você invade um pouco a privacidade da pessoa... Aquela pessoa tá ali do teu lado e, de repente, nem todo dia você tá muito bem e tem aquela pessoa do teu lado [risos] e... e você tem que ter uma relação muito boa... [Jonas]

Jonas se aprofundou na questão da convivência com o ledor e trouxe questões até então não citadas pelos outros entrevistados. O comodismo e o impedimento de realização das atividades com independência são questões relevantes a ser consideradas nessa relação.

Pra muitos é comodismo ter um ledor, porque você “ah, tudo o que eu quero fazer o ledor vai tá ali me auxiliando”, muitos têm até uma relação muito, sei lá, de exploração [risos], né, com o ledor. E, pra mim, eu como deficiente, eu quero ter autonomia como meus colegas têm, de fazer minhas atividades... [Jonas]

Finalmente, o aspecto da leitura de contextos, elemento citado em outros momentos deste relatório, entra na discussão da relação com o ledor à medida que essa tarefa, a princípio, não é oficialmente designada ao ledor pela instituição, bem como não parece ser algo esperado pelos alunos, nem mesmo algo do que eles estariam acostumados a participar. Ler contexto é uma função do ledor que permite ao aluno interar-se e integrar-se ao que está acontecendo em sala de aula, o que sofre influência direta da relação que se estabelece entre ambos e, também, da maneira como o cotidiano se configura.

(...) nas outras experiências que eu tive antes de entrar na faculdade, eu não conseguia vivenciar isso, talvez pelo fato de eu não ter o auxílio de alguém pra me passar o que tá sendo passado na lousa ou então eu tinha que pegar esse material depois pra fazer depois, então eu perdia muita coisa da aula, uma coisa que marca, que marcou aqui, assim, logo no início, que eu não tava acostumado com isso, é poder, de repente, por tá acompanhando igual ao restante da sala, poder fazer perguntas na hora, assim, coisas que surgiam depois, porque se eu não posso fazer as atividades no momento que eram pra ser feitas, você acaba tendo dúvidas depois que você não pode esclarecer com o professor, então isso foi bem legal, assim, no começo... [Fabio]

Mas a atividade principal e a mais legal [riso], assim, é passar o que está sendo, o que tá acontecendo em termos visuais mesmo na aula. As vezes o professor faz um gesto, fala alguma coisa, desenha alguma coisa e aponta, sabe assim? É como se fosse uma extensão mesmo dos meus olhos, pra eu poder... expande, chega uma hora que a sintonia é tão legal (...) [idem]

(...)passa alguém ou acontece alguma coisa e alguém faz uma cara, sei lá. Até mesmo nesse sentido de não só de copiar conteúdo, as vezes acontece alguma coisa que faz parte ali, pra entender o contexto da coisa e, vira e mexe acontece, é natural que aconteça (...) [idem]

Fica claro que, apesar da regra bem definida de que o leitor limita-se a ler para o aluno, há necessidade de certa empatia para que o trabalho ocorra. Significa dizer que não se pode negar a humanidade contida na relação (o que inviabiliza a substituição pela informática), pois dela depende exatamente o que os alunos mais se interessam, que é a leitura de contextos. O comodismo citado por Jonas surge no momento em que essas possibilidades de trabalho se confundem, transformando o profissional numa espécie de escriba a disposição do aluno, favorecendo a heteronomia na mesma medida que se fecha o campo aberto à leitura de contextos. A empatia não pode ser excluída da relação, assim como o leitor não pode ser confundido com um amigo, colega ou professor, posto que há uma tarefa a ser cumprida.

2.3 A leitura de textos e contextos no trabalho do leitor: possibilidades e limites para a autonomia

A partir do que foi retirado do material coletado entre os entrevistados, é possível fazer algumas considerações a respeito da contribuição do leitor escolar à autonomia do aluno com deficiência visual no Ensino Superior. Essas considerações têm como base a Teoria Crítica da Sociedade, em especial o conceito que Adorno (1995) elabora com relação à autonomia, que perpassa as discussões sobre formação e educação.

Os autores frankfurtianos afirmavam que uma formação criticamente orientada e que trouxesse à consciência dos indivíduos os “filtros” que cercam e cerceiam suas experiências seria a base para uma existência autônoma. Na sociedade atual, essa possibilidade é diminuída e chega a ser anulada por conta da barbárie que se propaga na vida social e, em consequência, na Educação, nos termos em que Adorno enfatizou. Em função disso, os indivíduos são destituídos de sua condição de sujeitos, exatamente por conta da forma como sua subjetividade é subordinada à lógica da ideologia da racionalidade tecnológica (CROCHIK, 1990), restando a eles resistir contra a adesão

irrefletida aos processos coletivos que impediriam o fortalecimento do seu ego, e mesmo a formação do Eu.

A ideologia da racionalidade tecnológica, a título de esclarecimento, diz respeito a um conceito elaborado por Crochík (1990), que tem como base os escritos de Marcuse, referente à forma como a tecnologia, enquanto racionalidade assentada no próprio processo de produção material, tornou-se o parâmetro social. Essa ideologia encobre as contradições existentes.

O desenvolvimento através de uma educação moral, conflitiva, mas que permita o surgimento de um espaço psíquico autônomo de rebeldia é substituído por critérios de normalidade científica heterodirigidos. No lugar de consciência política tem-se a consciência tecnológica, uma consciência que reduz a si mesmo e aos outros, a objetos técnicos. Não precisamos dizer que é o grau mais avançado da reificação. (CROCHIK, 1990, p.16)

Ao analisar as entrevistas, bem como as categorias delas retiradas, podemos inferir que a relação entre o aluno com deficiência visual e o ledor permite espaços em que a consciência crítica e as experiências formativas possam surgir. O ledor tem condições de trazer à relação elementos que favoreçam esses espaços. Nesse aspecto, aproximá-lo do professor ao qual Adorno (1995) se refere é válido, inclusive no momento de questionar sua atuação, a do ledor frente aos alunos.

Os professores tem tanta dificuldade em acertar justamente porque sua profissão lhes nega a separação entre seu trabalho objetivo (...) e o plano afetivo pessoal, separação possível na maioria das outras profissões. Pois seu trabalho realiza-se sob a forma de uma relação direta, um dar e receber, para a qual, porém, este trabalho nunca pode ser inteiramente apropriado sob o jugo de seus objetivos imediatos. (ADORNO, 1995, p. 112)

O ledor escolar pode ser encaixado nessa descrição feita pelo autor e ir além, na medida em que o desenvolvimento da atividade *in loco*, conforme já apresentado anteriormente, exige um certo tempo de trabalho em conjunto, uma proximidade – inclusive física – e, até certo ponto, afinidade, como os próprios alunos apontaram preferir. Apesar do aumento da proximidade, seu trabalho permanece num nível educativo e em termos institucionais, o que gera a situação citada acima, uma contradição inerente, ao que parece, não apenas ao professor, mas ao trabalho em sala de aula.

Retomando o discutido ao longo dos resultados, pode-se apontar que a realização das atividades em sala de aula, apesar da regra institucional clara – que afirma que o ledor “lê” –, e talvez exatamente por sua existência nesses termos, abre margem para se questionar a natureza e a forma da leitura. Nesse momento, delineia-se uma discussão a

respeito da forma como o leitor pode ler. Essa forma é cercada pela possibilidade emancipatória contida na função e é na interação que leitor e aluno decidem e descobrem “como” se lê. Um exemplo de atuação que pode levar a uma experiência formativa com possibilidade de autonomia é trazido por Fabio e seu leitor, na construção de códigos que permitem o entendimento da matéria de estudo. E, para dar consistência ao que aqui se apresenta, Leo Maar (1995), ao apresentar o conceito de experiência formativa, ratifica a ideia de tempo e continuidade. É nesses termos que se pode pensar na relação entre leitor e aluno:

A experiência formativa seria, nestes termos, um movimento pelo qual a figura realizada seria confrontada com sua própria limitação. (...) O conteúdo da experiência formativa não se esgota na relação formal do conhecimento – das ciências naturais, por exemplo – mas implica uma transformação do sujeito no curso do seu contato transformador com o objeto na realidade. Para isto se exige tempo de mediação e continuidade, em oposição ao imediatismo e fragmentação da racionalidade formal coisificada, da identidade nos termos da indústria cultural. (LEO MAAR, 1995, p. 25)

A substituição pela máquina deve ser vista com ressalvas. Fabio e Jonas propõem o abandono da tarefa do leitor e a substituição por computadores que possuam *softwares* que façam a leitura de textos. A função do leitor seria de organizar os textos a serem lidos, o que só se daria em função da não suficiência do desenvolvimento tecnológico. Isto é, na medida em que a tecnologia alcançar o nível de desenvolvimento que permita que se organize por si mesma, a tarefa do leitor seria totalmente dispensada. E isso seria uma questão de tempo, posto que conhecimento teórico do campo da informática para tal já existe. A lógica que rege esse tipo de pensamento parece já estar conformada à ideologia da racionalidade tecnológica, pois nega a humanidade contida na atividade do leitor escolar, e que não pode ser substituída pela máquina. Em última instância, o que é negado é a humanidade do próprio processo educativo.

O avanço da tecnologia permite a utilização das máquinas não só nas atividades produtivas, mas também nas atividades que não deveriam prescindir da interação humana. Além desse fator, Adorno já havia caracterizado o conteúdo que os meios de comunicação disseminam, ao realizar estudo sobre a programação da televisão. Nessa programação predominam conteúdos que tendem a padronização, usando para isso de clichês e elementos estereotipados. Nesses termos, os recursos da informática e sua utilização na educação podem ser compreendidos da mesma maneira que o autor abordou aquele meio de comunicação: por um lado, uma possibilidade de formação cultural, na medida em que mantém seus fins pedagógicos. Por outro lado, contudo,

coexiste uma função deformativa, na substituição dos fins pelos meios; destaca que, assim como na tecnologia informática, “(...) o que é moderno na televisão certamente é a técnica de transmissão, mas se o conteúdo da transmissão é ou não é moderno, se corresponde ou não a uma consciência evoluída, esta é justamente a questão que demanda uma elaboração crítica” (Adorno, 1995, p. 77).

Além disso, como já apresentado, a máquina não poderia substituir o leitor no potencial emancipatório que a atividade desenvolvida por este contém, por meio da criação ou facilitação de experiência formativa e de espaços em que a consciência crítica pode vir à tona. A leitura de contexto ou a natureza do que o leitor escolar lê tem grande contribuição nessa direção.

Nenhum dos alunos negou a importância que o leitor tem na possibilidade de leitura do espaço de relações que se configura em sala de aula e que se mostrou tão importante quanto à necessidade de leitura de material escrito. Mas essa atividade, como já dito, requer certa afinidade entre os envolvidos. Além disso, é particular a posição do leitor que, apesar de sua função educativa, não tem a mesma autoridade que o professor.

Com relação a este último, reitera-se que, neste trabalho, não se negou a importância docente no processo de formação; apenas se privilegiou outra relação estabelecida em sala de aula. Contudo, como já dito, não se pode furtar à discussão e localização do professor no que aqui se apresenta.

Adorno (1995) traz contribuições significativas ao debate à medida que aponta a existência de uma consciência coisificada na formação de professores. O autor tratava dos candidatos que se submeteram à seleção para a docência em ciências na Alemanha, mas suas considerações mostraram-se válidas ao que aqui se pretendeu expor. Adorno, ao avaliar a prova de filosofia desses candidatos, percebeu que havia uma espécie de formalismo esquemático no modo como as redações e entrevistas se sucediam. Os candidatos, em lugar de se sentirem à vontade com as questões escritas e orais que provocavam algum tipo de elaboração mais aprofundada, sentiam-se incomodados e optavam por realizar a prova correndo o menor risco possível e, com isso, inviabilizando o potencial intelectual que seria o objetivo primeiro da prova.

Para resumir: depara-se com a consciência reificada ou coisificada. Mas esta, a inaptidão à existência e ao comportamento livre e autônomo em relação à qualquer assunto, constitui uma contradição evidente com tudo o que nos termos do exame pode ser pensado de modo racional e sem *pathos* como sendo a “verdadeira formação do espírito”, o objetivo das escolas superiores. (ADORNO, 1995, p.60)

Acabava-se por limitar ou impedir exatamente o que a prova e a própria função docente necessitavam. Adorno acabou por conceituar o que também se verificou a partir da fala dos alunos no que diz respeito à atuação docente: uma conformação ao que está dado – na Didática que não se renova, por exemplo –, que tem raízes na barbárie, o que comprova que esta não desapareceu com a dissolução do partido nacional socialista, mas que persiste exatamente na “(...) disposição a se adaptar ao vigente, uma valorização entre massas e lideranças, deficiência de relações diretas e espontâneas com pessoas, coisas e ideias, convencionalismo impositivo, crença a qualquer custo no que existe” (p. 62-63). O autor atribui a possibilidade de rompimento com essa ideologia ao momento da formação superior que, além de lugar da discussão deste trabalho, também é o lugar a partir do qual se discute a formação docente, referida pelos alunos por diversas vezes, conforme já apontado. Para ele, a conscientização e aprendizado psicanalíticos³ poderiam dar conta de compreender a dinâmica envolvida na relação entre professor e aluno, a fim de que fossem superadas as contradições. Também aponta uma possível “solução”, para o fato de os professores serem impelidos a sufocar suas reações afetivas. Desse modo, poderiam revelar seus sentimentos de forma racionalizada, concedendo o mesmo direito aos alunos, inclusive como forma de desarmá-los, já que estes nutrem, segundo Adorno verificava naquele momento, aversão à prática docente.

Aproveitando a discussão acerca dos outros presentes na relação entre ledor escolar e aluno do Ensino Superior, não se pode deixar de apontar as possibilidades anunciadas a partir da relação com os colegas de sala. O ledor parece figurar como um mediador também nessa relação, colaborando com o que Crochik (2001) apresenta como “hipótese de contato”, a partir de pesquisas realizadas especialmente em Portugal. O autor parte da ideia de que o preconceito surge na ausência de contato com o alvo dos julgamentos. Aproximar o preconceituoso do objeto de seu preconceito permitiria uma possibilidade de re-elaboração da percepção inicial, possivelmente modificando a percepção quanto ao alvo do preconceito.

O ledor parece colaborar na experiência em sala de aula para essa re-elaboração à medida que fica claro, a partir dos apontamentos dos entrevistados, que a presença do ledor no cotidiano da sala de aula vai se modificando conforme o tempo de convivência

³ Quando Adorno se refere à Psicanálise, não quer dizer com isso que o professor deva conhecer e se apropriar das técnicas psicanalíticas, mas que os conceitos elaborados, principalmente por Freud, poderiam contribuir para que o conteúdo inconsciente presente na relação entre professor e aluno pudesse vir à tona.

dos alunos com deficiência visual e seus colegas, conforme exposto nos resultados desta pesquisa. Alunos com maior tempo no curso acabam diminuindo os laços de dependência criados no início do curso com seus leitores e estabelecendo cada vez mais relações com outros colegas em sala de aula, transformando a função do leitor conforme as relações vão se estabelecendo. Essa transformação acaba permitindo o estabelecimento de laços entre o próprio leitor e os colegas, o que pode se mostrar desagradável ao próprio aluno, como Igor relatou. Ao mesmo tempo, o leitor também pode contribuir com o estabelecimento de relações diretas entre os colegas e os alunos. Essa discussão não pode ser aprofundada neste momento, mas fica como registro de uma possibilidade de investigação futura.

Finalmente, para dar conta daquilo que diz respeito à relação entre leitor e aluno especificamente, faz-se necessário retomar o que se discutiu de maneira introdutória com base no que Guimarães (2009) propõe acerca da diferença entre leitor e leitor. Partindo da proposição da autora, pode-se dizer que o leitor é aquele que realiza as leituras específicas em espaços institucionais a fim de que uma pessoa com deficiência visual tenha acesso a um conteúdo impresso escrito, utilizando-se de normas de interpretação fornecidas externamente (pela instituição ou pela pessoa com deficiência), mas também de seu conhecimento prévio.

Nesse sentido, nesta pesquisa, especifica-se que o leitor escolar é o profissional que realiza leituras no e do espaço acadêmico, com um objetivo acadêmico, utilizando-se de acordos quanto à interpretação feita a partir dessas leituras. Esses acordos sofrem influência da norma vigente na instituição em que o espaço se insere, mas cabe ao aluno com deficiência visual e ao leitor ajustarem-se a essa situação. Além disso, o leitor também organiza materiais não acessíveis de modo que o aluno com deficiência visual tenha contato com o conteúdo do curso de maneira bem sucedida. O termo “espaço acadêmico” define o tipo de relação que se estabelece entre ambos. É, por vezes, a sala de aula, mas também alcança os espaços em que uma leitura acadêmica se faz necessária, como bibliotecas, conteúdos digitais não acessíveis, entre outros. Quanto ao termo “leituras”, utiliza-se o plural por se tratar não apenas da repetição em voz alta do conteúdo impresso escrito, mas também da contextualização do que ocorre no espaço definido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que aqui se discutiu, elaborou-se algumas considerações de fechamento para dar conta da pergunta que se pretendeu responder: como se relacionam leitor e aluno com deficiência visual na sala de aula e quais as possibilidades do estabelecimento de relações com potencial de autonomia com vistas à formação dos indivíduos?

A partir dos resultados e das análises, considera-se que o leitor pode incorporar à sua função a criação de condições para a consciência dos conteúdos que permitam ao indivíduo fazer a crítica quanto às suas experiências. Isso poderia se dar por conta da proximidade, do tempo de convivência e cotidiano estabelecido. Por outro lado, esses elementos podem, também, constituir uma relação unicamente pautada na heteronomia do indivíduo, tornando a relação aprisionada e aprisionante. Cabe uma ressalva: como já discutido, todos os indivíduos – não apenas aqueles com deficiência visual – são, em alguma medida, heterônomos. No caso dos sujeitos desta pesquisa, existe a dependência do sentido da visão, assim como todos os indivíduos em sociedade exprimem algum grau de dependência; caso contrário, não existiriam tal como são, inclusive com a possibilidade de crítica a essa condição.

De qualquer maneira, existe a possibilidade de resistência, feita cotidianamente, como forma de não sucumbir totalmente à coisificação, o resultado do processo de pseudoformação. E essa possibilidade se dá por meio da autonomia, nunca plena, mas como potencial para experiências formativas que a educação – não restritas a ela – pode propiciar.

No caso da pessoa com deficiência que acessa o nível superior da educação, essa possibilidade existe dada a própria natureza dos estudos superiores, que exigem maior compreensão e elaboração do próprio conteúdo estudado. Além disso, pela presença do leitor, é possível criar novos vínculos com aquilo que se aprende a partir desse conteúdo. Como Fabio afirmou em sua entrevista, o leitor permitiu a ampliação das possibilidades de apreensão do conteúdo, como também certa independência nos estudos, que possibilitaram a construção de experiências formativas com potencial para a autonomia. E isso se deu não apenas no nível do conteúdo aprendido. Mas, e essa é a contribuição do leitor, nos contextos que dão significado à experiência. Na relação com

o espaço da sala de aula (que comporta não apenas o conteúdo, mas as pessoas que ali se relacionam), o leitor pode contribuir à consciência crítica do aluno, diminuindo a possibilidade de total heteronomia e dependência. Exatamente por essa ambivalência em sua função, que não se expressa em momentos separados entre si, o potencial de autonomia surge e, conforme a relação do indivíduo com deficiência visual se constitui nesse espaço, esse potencial pode emergir.

Nesse sentido, apesar da constante orientação de que o leitor deve restringir sua prática à leitura do material escrito, sua presença na sala de aula acaba por permitir experiências formativas. Daí a necessidade de especialização, por parte do leitor, com uma orientação psicanalítica – assim como a do professor –, nos termos definidos por Adorno. Essa especialização profissional contribuiria para que, diante de determinadas situações que evocam conteúdos inconscientes – e, portanto, impeditivos às experiências formativas –, o leitor pudesse fazer a autorreflexão crítica, no sentido de manter uma postura não apenas ética, mas que permitiria a autonomia. A autorreflexão se estenderia a todos os envolvidos. Na medida em que professor, aluno e leitor tiverem consciência dos elementos que fazem parte da relação e que, por vezes, geram desconfortos e animosidades, a prática teria um componente crítico e, dessa maneira, apontaria para a formação. Não se pode confundir o que aqui se apresenta com uma formação em Psicanálise. O que se pretende é apresentar uma possibilidade crítica à formação acadêmica e profissional desses indivíduos.

De qualquer maneira, exemplos que dão peso ao que se apresentou acima puderam ser verificados em algumas entrevistas, no que diz respeito à relação entre professor e aluno, tendo o leitor como mediador. A possibilidade de trazer à consciência, que permitiria ressignificar a apropriação do conteúdo, pode se efetivar na própria relação desde que se tenha clareza sobre os aspectos desencadeadores de conflitos. Nos relatos, alguns alunos, diante do aparente despreparo do professor, começaram a buscar alternativas para dar conta do conteúdo da aula, bem como a procurar explicações que permitissem alguma compreensão sobre essa relação. Entre elas, estava a afirmação de que o professor de fato não tinha preparo – ou didática ou qualificação – para ensinar um deficiente visual ou, ainda, que o professor só sabia ensinar uma pessoa com deficiência porque, num dado momento, outro aluno “o iniciou” nessa prática. Essas especulações sobre a ação docente não têm necessariamente confirmação empírica e dizem respeito a um inconsciente que emerge. O leitor, presente no contato aluno-professor, por determinação da instituição, não pode

interferir. Uma vez que não cabe ao profissional ensinar ou sanar dúvidas, o aluno é levado a se posicionar. Fernando elaborou sua fala afirmando que ensinou o professor quanto ao que deve ser feito. A necessidade de buscar respostas pode se constituir como uma experiência formativa e, a cada momento, permite algo de autonomia ao indivíduo.

Com relação aos colegas, Fabio apontou possibilidades no trabalho do ledor. Este, a partir do contato do aluno com seu grupo de colegas na execução de uma atividade em sala, permite a independência necessária para que haja fluidez na realização da tarefa. E essa forma de trabalho pareceu resolver, para Fabio, a presença do ledor e também a dificuldade de relacionamento que tinha, a princípio, com os colegas, que se dava em sua percepção exatamente pela presença do profissional em sala.

Como se pode perceber, e retomando o que se perguntou nesta pesquisa, a relação entre o aluno com deficiência visual e seu ledor, no Ensino Superior, pode permitir a autonomia a partir do surgimento de experiências formativas que possibilitem a consciência crítica. Essa relação depende do tempo de convivência, da empatia e do cotidiano que se estabelece com base nisso.

É possível uma formação do profissional ledor que permita a compreensão desses elementos, incorporando essa compreensão em uma *práxis* criticamente orientada. Equivale dizer que a autonomia, e a consequente formação (*Bildung*), não é apenas do aluno, mas também do profissional.

Como se tentou mostrar ao longo desta dissertação, os trabalhos a respeito de pessoas que leem para estudantes com deficiência visual são recentes, assim como é também toda a discussão acerca das pessoas com diferentes deficiências que, cada vez mais, acessam o nível superior da educação brasileira.

Com base nas políticas de governo, principalmente em nível federal, a afirmação acima ganha respaldo ao se observar os incentivos destinados às universidades públicas durante os anos 2000 para dar conta da questão da acessibilidade, como muitos dos trabalhos constantes do levantamento bibliográfico deste trabalho vêm confirmar, publicações geradas a partir de tais incentivos ou após sua implantação. Além disso, a referência às pessoas com deficiência na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (de 1996), assim como a criação de secretarias em níveis federal, estadual e municipal para dar conta das questões das pessoas com deficiência, dentro e fora da educação, são sinais não apenas do crescimento da preocupação em relação à questão, mas também do quanto parece ser necessário se fazer ainda. A inclusão de dados estatísticos acerca da existência de pessoas com deficiência no Censo da Educação

Superior – não apenas de alunos, mas também de professores – também confirma a impressão de que, cada vez mais, autoridades, pesquisadores, profissionais e especialistas se debruçam sobre a formação e a qualificação profissional das pessoas com deficiência.

Alguns aspectos mereceram, nesse momento, serem destacados. São questões que permearam toda esta dissertação e que, por não se constituírem em foco da discussão presente, foram deixadas em segundo plano. Elas serão enumeradas nesse momento, inclusive como propostas de continuidade do trabalho aqui apresentado.

Retomando um apontamento feito à ocasião do levantamento bibliográfico deste trabalho, não se pode negar o nexo entre a formação superior da pessoa com deficiência e o trabalho. A questão ficou aqui indicada, não sendo possível seu avanço nesta dissertação. Contudo, verifica-se que, em concomitância com as políticas educacionais, também houve um avanço das discussões no campo do trabalho. Em 2007, o Ministério do Trabalho lançou uma cartilha sobre a inclusão de pessoas com deficiência no mercado do trabalho, tendo como referência a reserva legal de cargos, lei que existia desde 1991, mas que foi retomada nos últimos anos.

Nesta pesquisa, todos os entrevistados estavam empregados. Seus estudos, inclusive, dependiam do emprego quase sempre conseguido por força da legislação, que obrigou as empresas a cumprirem as determinações impostas pelo Ministério do Trabalho. O acesso à formação superior contém em si, pela natureza do estudo nesse nível, uma possibilidade de autonomia ao indivíduo, mas, ao mesmo tempo, insere-o nas relações de submissão ao capital, por meio da inclusão ao mundo do trabalho, confirmando a tendência integradora desse modelo econômico.

Outra questão que merece destaque está mais alinhada à Psicologia e diz respeito às subjetividades – de alunos e ledores – envolvidas na relação que aqui se estudou. Não se pode negar, como colocado desde o princípio, a influência mútua de ambas as partes no cumprimento das tarefas em sala de aula. Ignorar esse fato pode contribuir com a tendência de “mecanizar” ou desumanizar a prática pedagógica, tornando o leitor num mero “recurso”, como a lupa ou o computador. Especialmente a partir do entendimento e consideração da existência de uma subjetividade atuante por parte do profissional, pode-se pensar um modelo ou um ponto de partida para sua qualificação enquanto tal. Essa formação deve ter uma orientação crítica, com o objetivo de contemplar as questões de investimento libidinal envolvidos no processo, e não abrir mão de seu caráter político. Isso quer dizer que, para a educação escolar estar afinada com a

formação, ela deve fortalecer o indivíduo ao mesmo tempo em que promova a educação política.

BIBLIOGRAFIA

Levantamento Bibliográfico

CARVALHO, J. O. F. ; DALTRINI, B. M. 2002. *Educação a Distância: Uma Forma de Inclusão do Deficiente Visual à Educação Superior*. Actas dela Conferencia Internacional sobre Educación, Formación, Nuevas Tecnologías y E-Learning Empresarial. Agência de Educación y Formación Virtual, Valência. Texto disponível em: <http://www.educoas.org/virtualeduca/virtual/actas2002/actas02/601.pdf>, em 27 nov. 2011

CHAHINI, T. H. C. 2006. Os desafios do acesso e da permanência de pessoas com necessidades educacionais especiais ns instituições de educação superior de São Luís-MA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão.

COSTA, V. A. 2001. A formação na perspectiva da teoria crítica da sociedade: as experiências dos trabalhadores deficientes visuais do Serviço Federal de Processamento de Dados/RJ. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FERREIRA, A. F. B. C. 2008. Biblioteca Louis Braille do Instituto Benjamin Constant: assegurando ao deficiente visual acesso ao conhecimento. *Revista ACB*, Florianópolis, v. 13, n.1, p.282-290. Texto disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/554>, em 27 Nov. 2011.

FERREIRA, S.B.L.; SILVEIRA, D. S.; NUNES, R.R.; LIMA, C.S.P.C. 2010. Avaliando Acessibilidade em Sistemas de Comunicação com Usuários Cegos. *Revista Brasileira de Sistemas de Informação*, v. 3, Rio de Janeiro. Texto disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/isys/article/viewFile/1305/1166>, em 27 nov. 2011

FORTES, V. G. G. F. 2005. A inclusão da pessoa com deficiência visual: a percepção dos acadêmicos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GUIMARÃES, Z. M. A. S. 2009. O desempenho do/a leitor/a em situações de prova em tinta junto a pessoas cegas (PC). Tese de Doutorado. Universidade Federal de Campina Grande.

LEIRIA, C. G. 2002. Uma outra história de leitura – considerações sobre o aceso dos cegos à palavra escrita na era das mediações digitais. In: Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 25, Salvador. *Anais Eletrônicos...* São Paulo: INTERCOM. Texto disponível em: http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18782/1/2002_NP6LEIRIA.pdf, em 27 nov. 2011

MAZZONI, A.A.; TORRES, E.F.; ANDRADE, J.M.B. 2001. Admissão e permanência de estudantes com necessidades educativas especiais no ensino superior. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.23, n.1, p. 121-126. Texto disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2751/1890>, em 27 nov. 2011.

MOREJON, K. 2009. O acesso e a acessibilidade de pessoas com deficiência no ensino superior público no Estado do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

OLIVEIRA, E. T. G. 2003. Acessibilidade na Universidade Estadual de Londrina: o ponto de vista do estudante com deficiência. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília.

PEREIRA, M. M. 2007. Inclusão e Universidade: análise de trajetórias acadêmicas na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RAPOSO, P. N. 2006. O impacto do sistema de apoio da Universidade de Brasília na aprendizagem de universitários com deficiência visual. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília

SILVA, L. M. 2007. Subjetividades mediadas: as relações entre leitores cegos e leitores. *Congresso de leitura do Brasil*, 16, Campinas. Texto disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem09pdf/sm09ss03_07.pdf, em 27 nov. 2011

SONZA, A. P.; SANTAROSA, L. C. Ambientes digitais virtuais: acessibilidade aos deficientes visuais. 2003. *Ciclo de palestras sobre novas tecnologias na educação*. Porto Alegre. Texto disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/eventos/cicloartigosfev2003/andrea.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2011

THOMA, A. S. 2006. A inclusão no Ensino Superior: “_ Ninguém foi preparado para trabalhar com esses alunos (...) isso exige certamente uma política especial...”, In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 29, Caxambu. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPED. Texto disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/gt15-2552--int.pdf>, em 27 nov. 2011

Referências

ADORNO, T. W. (1995). *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

ADORNO, Theodor ; HORKHEIMER, Max. (Org.). 1978. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix (Texto original publicado em 1956)

ADORNO, Theodor W. 1986. Teoria de la seudocultura. In: ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. *Sociologica*. Madri, Taurus. p. 175-199.

BORGES, J. A. [s.d.] DOSVOX – Uma nova realidade educacional para deficientes visuais. Texto disponível em <http://intervox.nce.ufrj.br/textos/artfozdoc>, em 20 set. 2011.

CONDE, A. J. M (2005?). *Definindo a cegueira e a visão subnormal*. Disponível em <http://www.ibc.gov.br/?itemid=94#more>, em 20 dez. 2011.

Crochík, J. (2001). Teoria crítica da sociedade e estudos sobre o preconceito. *Revista Psicologia Política*, 1(1), 67-99. Texto disponível em <http://www.armario.cl/Biblioteca/Autores/ABCD/Adorno/Crochik,%20Jose%20Leon%20-%20Adorno,%20Teoria%20Critica%20e%20Estudos%20Sobre%20Preconceito.pdf>. Acesso em 05 jan 2012

CROCHIK, J. L. 2010. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 21, n. 1, mar.2010. Texto disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000100003&lng=pt&nrm=iso>, em 1 nov. 2010.

CROCHIK, José Leon. A personalidade narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica. *Psicol. USP* [online]. 1990, vol.1, n.2 [citado 2012-03-26], pp. 141-154 . Texto disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771990000200005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1678-5177. Acesso em: 05 jan 2012

GUR-ZE'EV, Ilan. A formação (Bildung) e a Teoria Crítica diante da Educação Pós-Moderna. In: PUCCI, B.; ALMEIDA, J.; LASTÓRIA, L. A. C. N. 2009. *Experiência Formativa & Emancipação*. São Paulo, Nankim.

HORKHEIMER, M. 1976. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Editorial Labor. (Trabalho original publicado em 1946)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. (2010). *Resumo Técnico: Censo da Educação Superior de 2009*. INEP/MEC, Brasília. Disponível em http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo_tecnico2009.pdf, em 15 mar 2012.

LÁZARO, R. C. G. (2005?). *Deficiência visual*. Disponível em <http://www.ibc.gov.br/?itemid=93#more>, em 20 dez. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. (2006). *Direito à Educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais*. 2ed. Brasília. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/direitoaeducacao.pdf>, acesso em 15 mar 2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO (2007). *A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho*. 2 ed. Brasília. Disponível em: http://www.mte.gov.br/fisca_trab/inclusao_pessoas_defi12_07.pdf. Acesso em 15 mar 2012.

ANEXOS

ANEXO A

Transcrição de Entrevista – Fabio

PESQUISADORA: vou fazer umas perguntas bem genéricas, não tem resposta certa nem errada e eu gostaria de saber apenas a sua opinião, você pode falar o que você quiser, tá bom?

Fabio: certo

P: fala um pouquinho sobre as coisas, os recursos que você utiliza aqui, você falou que utiliza o ledor, tem o seu computador. Queria que você falasse um pouquinho disso, se falta alguma coisa, sobre esses recursos.

F.: então, da faculdade, fornecidos pela faculdade, eu utilizo o ledor. Eu converso com os professores, também, pra que eu possa fazer as avaliações no meu computador, aí, no caso, o computador é meu, não é fornecido pela faculdade, mas... você falou assim... o que eu acho que pode tá... o que precisaria também ter? Aí eu acho que transcende um pouco, né, mas pra mim seria ideal que eu tivesse um computador na sala mesmo, da faculdade. Por exemplo, eu conheço faculdade em que toda aula que é dada é fornecida pro aluno, depois, em CD. Então eles dão todas as aulas com um datashow e no tempo que o professor vai dando a aula, ele vai gravando as telas, ele tem um microfone, então aquilo gera um arquivo de vídeo, toda aula gera um vídeo que depois eles formatam em CD pra cada aluno no final da semana. É na Faculdade X, que eu conheço uma pessoa que faz lá e tem esse recurso. Então eu acho muito legal assim, que poderia ter aqui também. Poderia ter em todas as outras, devia ser meio que um padrão assim, facilitaria bastante pra mim.

P: Você falou que transcende?

F.: Então, é que eu acho que isso não só legal pra o deficiente visual, mas pra todos os alunos de maneira geral. Pra mim seria fantástico porque de repente poderia até dispensar o auxílio do ledor, se tivesse esse conteúdo que o professor tá passando na lousa. Se tivesse esse conteúdo digitalizado pra mim, no computador, eu poderia acompanhar as aulas sem a necessidade de ter uma pessoa ali pra mim, só pra passar pra me passar o que tá sendo passado na lousa.

PA: Fala um pouquinho do seu histórico. Como você chegou até aqui?

F.: Eu sempre estudei em escola comum, né? Sempre em escola particular, a gente sempre foi se adaptando, né? A cada ano aparecia alguma coisa nova e eu cheguei a tentar... porque as escolas, elas meio que se colocam numa posição assim: “ah, tudo bem, você pode estudar aqui na nossa escola, mas aí a gente vê, eles jogam mais a responsabilidade no aluno mesmo, como se a instituição fosse muito boazinha de deixar você estudar lá e assim: “ mas como que eu vou ter acesso ao material? mas como que o professor vai me passar isso”... é, aí eu que ia atrás pra pegar esse material, né? E aí eu fiz... bom, foi isso que eu fiz. Aí, assim: colocando coisas diferentes. Fazia prova pelo computador ou o professor manda matéria por e-mail e esse negócio da lousa, por isso que eu falei até da Faculdade X, que eu fiquei sabendo disso, achei muito legal. Porque assim: se durante todo meu histórico escolar, se eu tivesse esse recurso seria um facilitador muito grande, eu acredito que não seja uma coisa tão complicada assim de se fazer, sabe?

P: ... o “negócio da lousa”?

F.: de passar de uma maneira digital o conteúdo, sabe? Não ficar dependendo da lousa.

P: Essa questão de fazer provas pelo computador, de fazer as avaliações por e-mail, como isso aconteceu?

F.: foi sugestão minha. Sempre foi assim: é muito difícil você achar, se não praticamente impossível você achar uma escola que pega um aluno deficiente visual do começo, sei lá, que vai começar a estudar, de maneira proativa, sabe? Pelo menos eu percebo isso com a escola, com a minha experiência e com a experiência de algumas pessoas que eu conheço também. Então é sempre assim, ficar na responsabilidade do aluno ver como é que ele vai fazer pra conseguir acompanhar, sabe?

P: e você sempre estudou na mesma escola?

F.: não. Estudei da 5ª ao meio da 7ª série eu estudei numa escola. Depois, da sétima até o 2º ano do Ensino Médio eu estudei em outra e depois o 3º ano do Ensino Médio eu fiz em outra. Essa última escola que eu fiz foi a... é uma escola estadual, até eu falei que sempre estudei em escola particular mas o 3º ano

não. O 3º ano eu fiz na YZ. Escola Estadual YZ, alguma coisa assim. E lá eles tem uma política diferente, também, você vai e você faz, você tem que participar de umas oficinas e você vai e faz suas provas, e enfim, bom, é isso...

P: Aí você se formou no ensino médio?

F.: E aí eu vim pra cá, pra Faculdade W porque eu fiquei sabendo que tinha o aux... o recurso do ledor. Aliás, esse recurso do ledor, ele não é divulgado, né? Pelo menos eu não fazia ideia que ele existia até que alguém me falou que tinha essa possibilidade.

P.: E do dia que você entrou aqui a primeira vez até hoje? Como tem sido o seu estudo aqui dentro?

F.: bom, tem sido muito tranquilo, até por conta do ledor, que é um... foi uma experiência... tem uma pessoa do lado pra auxiliar, pra pegar o conteúdo passado, que tava sendo passado na lousa, foi uma experiência super nova e super positiva, assim... eu nunca imaginei que poderia ter um auxílio desses, é legal porque me colocou realmente no mesmo patamar dos outros alunos, né. Eu pude acompanhar a aula como as outras pessoas mesmo, assim, fazendo as atividades na sala, isso é uma coisa que eu não fazia muito. Antes de eu entrar aqui na faculdade, sempre ficava alguma coisa pra você fazer em casa, alguma coisa que as pessoas conseguiam fazer na hora e eu tinha que pegar esse conteúdo depois, pra depois fazer em casa e o fato de eu ter o auxílio do ledor me propiciou eu poder acompanhar realmente na mesma velocidade, né, ao mesmo tempo que o restante da sala...

P: Pensando nessa sua trajetória até agora, no Ensino Superior, qual o papel da instituição de ensino?

F.: o papel que ela exerce ou o papel que ela deveria exercer?

P.: ...fica a vontade...

F.: Eu acho que a instituição de ensino superior ela deveria exercer um papel maior que é o que ela exerce, assim: pra mim... tá sendo, assim... mais... lógico, você vai adquirir conhecimento e tudo mas é uma, é uma fase que eu sei que tenho que passar, né? É uma coisa que eu percebo que as pessoas fazem mais pra pegar o diploma mesmo do que pra adquirir conhecimento, né... E isso, acho que é meio cultural, sei lá, acho que a maioria das faculdades, elas tem esse papel, mais de... quase comercial, assim, sabe?

P: como assim?

F.: assim: de buscar entrar pra fazer um curso, pra pegar o diploma, mas assim, acho que adquirir conhecimento... não sei se eu tô falando besteira, se é isso que você queria ouvir, sei lá. Mas... acho que acaba ficando em segundo plano. O cara faz uma faculdade porque ele precisa de um diploma, não porque ele precisa adquirir conhecimento. Mas isso, assim, não sei se transcendeu o deficiente visual e tudo... não sei também o que você quer ouvir...

P: a partir da sua experiência, qual o papel da instituição?

[silêncio de 22 segundos]

F.: meu... [pausa] nunca tinha parado pra pensar nisso, sabe? ... Deveria ser capacitar, você falou assim, da instituição como um todo, não só com relação à inclusão, assim...

P: também... com relação ao que você achar que [F. ri] eu tô te perguntando

F.: é difícil... é muito, muito, muito genérico, assim você... não sei... com relação à inclusão é o papel que toda a sociedade tem, né, de realmente tratar as pessoas igualmente nas suas diferenças, não tem um negócio assim? Uma coisa do Direito que fala isso, né... Então é por aí, acho que ela tem que ser realmente acessível né? O que ela não é no Brasil em todos os sentidos, não só com relação às pessoas que tem algum tipo de deficiência, mas ela não é possível de maneira geral. Na verdade eu acho que, às vezes, nem a instituição de ensino, as vezes eu percebo que nem a própria instituição de ensino sabe mesmo qual é o papel dela, sabe?

P.: do ponto de vista da inclusão ou como um todo?

F.: do ponto de vista da inclusão também, mas ela é... assim, que nem no caso da Faculdade W eu acho que eles estão aprendendo. Só o fato de ter uma sala de inclusão, ter ledores, intérpretes, eu acho que tá indo por um caminho legal. Agora, como um todo eu acho, no Brasil, as universidades tem meio que se encontrar ainda, pra que realmente seja um lugar aonde as pessoas vão, pra onde as pessoas possam ir pra

adquirir conhecimento mesmo e não só como se elas tivessem só pegando um diploma. Eu acho que tá faltando... o Ensino Superior tem que ir um pouco além disso. Teria que... [não termina frase]

P: Você pode me contar algum fato que aconteceu aqui, alguma coisa que ficou marcada, com relação à sua experiência dentro dessa instituição.

F.: Marcada em que sentido?

P: alguma coisa que você guarde como importante, a respeito de qualquer coisa, algum fato, alguma situação constrangedora ou que você ficou feliz, que você achou legal, alguma experiência marcante, dentro dessa instituição, do ponto de vista dos seus estudos, da sua formação aqui dentro.

F.A: Acho que é o fato de eu conseguir fazer as atividades no mesmo tempo das outras pessoas ou ao mesmo tempo, conseguir realmente participar da aula, porque, como eu disse, nas outras experiências que eu tive antes de entrar na faculdade, eu não conseguia vivenciar isso, talvez pelo fato de eu não ter o auxílio de alguém pra me passar o que tá sendo passado na lousa ou então eu tinha que pegar esse material depois pra fazer depois, então eu perdia muita coisa da aula. Uma coisa que marca, que marcou aqui, logo no início, que eu não tava acostumado com isso, é poder, de repente, por tá acompanhando igual ao restante da sala, poder fazer perguntas na hora, coisas que surgiam depois, porque se eu não posso fazer as atividades no momento que eram pra ser feitas, você acaba tendo dúvidas depois que você não pode esclarecer com o professor. Então isso foi bem legal, assim, no começo. Agora estou meio acostumado porque eu estou praticamente terminando o curso, mas no começo foi uma coisa que marcou bastante, assim.

P: Que diferenças do seu comportamento você percebe entre o primeiro dia de aula e hoje?

F.: do meu comportamento aqui dentro? Acho que agora é natural falar isso, acho que agora eu tô mais maduro, bem mais maduro do que quando eu entrei, né, e eu acho que é isso, bem natural falar isso, mas acho que é isso que eu percebo. De grandes mudanças eu também não percebo tanto porque eu tô... o curso é relativamente curto, não sei se teria alguma grande mudança em mim que a faculdade teria que ter proporcionado, é... mas... assim... não percebo nada...

P: Mas com relação aos seus métodos de estudo...

F.: Se eu continuo estudando da mesma forma que antes, é isso? Assim, na verdade sim, acho que praticamente a imensa maioria das faculdades é assim, é muita coisa jogada e você tem que correr atrás, você tem que pesquisar. As pessoas normalmente tem um choque muito grande, porque a escola não ensina isso, a escola põe o aluno numa posição muito confortável de que o papel dele é só sentar ali e o professor passando as provas. E a faculdade meio que vai te empurrando pra você ter essa coisa de pesquisar, de correr atrás por conta própria e tudo, mas eu já tinha um pouco disso então pra mim não foi uma coisa tão chocante assim, essa transição. Mas eu percebo que, realmente, pra algumas pessoas há, porque as pessoas não aprendem isso, ninguém ensina isso, de você ter que pesquisar, e chega na faculdade os professores te tratam como se você já tivesse que ter esse hábito, sabe, mas eu sempre tive, assim, um pouco disso de pesquisar, de estudar sozinho e eu sempre gostei... [baixa o tom de voz] dessa... dessa forma de adquirir conhecimento.

P: agora vamos falar especificamente dos ledores. Como é no dia-a-dia, você e seu atual ledor? Como que você divide, como que são as atividades? Um dia comum de aula, como é?

F.: o papel dele é assim: bom, a aula começa e o que o professor põe na lousa, daí eu pergunto e ele vai me passando, porque assim, normalmente quando o professor vai passar alguma coisa, eu percebo que ele passou alguma coisa, eu pergunto e aí o ledor é como se fosse uma extensão dos meus olhos mesmo, assim, ele pega e me passa o que tá sendo passado na lousa e é basicamente isso. Tem uma situação também que, de repente eu não posso fazer a prova no computador, ou eu não posso entregar a prova num pendrive, fazer a prova de maneira totalmente digital, aí ele pega e transcreve o que eu digitei pra uma folha. Mas a atividade principal e a mais legal [riso], assim, é passar o que está sendo, o que tá acontecendo em termos visuais mesmo na aula. As vezes o professor faz um gesto, fala alguma coisa, desenha alguma coisa e aponta, sabe assim? É como se fosse uma extensão mesmo dos meus olhos, pra eu poder... expande, chega uma hora que a sintonia é tão legal, como aconteceu com o R., né... eu fiquei praticamente um ano e meio com o mesmo ledor e aí era muito legal porque ele meio que já tinha pegado o meu timing e aí quando... sabe? Fluía muito dez, assim, as vezes eu nem percebia que eu tava usando um recurso externo, assim...

P: tem algum fato que você gostaria de contar que foi interessante, que ficou marcado, na sua relação com esse ledor que você citou? Que você percebeu, o dia que você percebeu, alguma situação que ilustre a hora que você percebeu isso que você tá falando...

F.: Acho que foi acontecendo, não teve uma coisa que me fez perceber isso, assim... acho que quando eu vi já tava sendo, sabe, foi uma coisa assim meio “nossa, tem uma pessoa aqui do lado que tá passando pra mim o que o cara tá passando na lousa”, assim. Às vezes a coisa flui tão naturalmente que você acaba nem percebendo, você percebe quando não tem... aí você fala assim: “poxa vida, né”, mas porque passa a fazer parte mesmo, é um recurso tão funcional e tão simples, né, assim.

P: você pode descrever pra mim uma situação que ele te ajudou, assim, nesse sentido que você tá falando? Uma prova ou alguma aula que foi mais... não necessariamente o R., pode ser...

F.: anh... [10 segundos] deixa eu ver... bom sei lá, é... acho que mais o comprometimento dele, né, é legal, por exemplo, as vezes eu estou perguntando, ele tá me passando alguma coisa que tá na lousa e aí ele fala aquilo de uma maneira, de repente eu não entendi muito bem e tem um diagrama, alguma coisa assim, e aí eu percebo, realmente, o comprometimento dele em me passar o que está ali, se ele, de repente não entende o que é, ele vai atrás pra saber ou ele tenta me explicar de alguma maneira, isso é bem legal, assim, esse comprometimento com o que o profissional tá fazendo mesmo que é me passar o que está sendo, que está acontecendo que eu não consigo perceber. Então, seja um diagrama, seja alguma coisa visual que aconteça, ele procura passar pra mim da melhor maneira possível e preocupar se eu tô realmente querendo entender o que está querendo dizer ou não. E quando, e quando não, tentar falar de outra maneira. Comprometimento mesmo, assim, sabe, não tá ali só pra... [não completa a frase]

P: houve alguma situação que você percebeu que precisou da descrição do ledor, de alguma coisa que tava acontecendo na sala, que você não teve acesso? Você pode descrever alguma situação dessa?

F.: [tom de voz baixo] hum, não sei se vou lembrar alguma coisa específica pra narrar o que realmente aconteceu, mas acontece muito, assim, ah, sei lá, passa alguém ou acontecesse alguma coisa e alguém faz uma cara, sei lá. Até mesmo nesse sentido de, não só de copiar conteúdo, as vezes acontece alguma coisa que faz parte ali, pra entender o contexto da coisa e, vira e mexe acontece, é natural que aconteça, não lembro alguma coisa específica pra narrar, não...

P: Sempre acontece, então?

F.: é, acontece bastante porque é aquela coisa e às vezes você se acostuma também. Como eu nunca tive esse recurso fora da faculdade, eu nem sabia que isso era possível, né, então às vezes você se acostuma a estar num contexto em que você não vai conseguir absorver tudo o que tá acontecendo na hora, seja conteúdo, seja alguma coisa que aconteça mesmo, alguma coisa estética que aconteça e eu não vou conseguir enxergar, então, é, eu tava meio que acostumado com isso e aí quando você tem o auxílio do ledor, meio que amplifica o que eu estou percebendo da aula, muita coisa que eu tava acostumado a não perceber ou não perceber na hora eu passava a saber o que tava acontecendo, ter um domínio maior do que tava acontecendo.

P: Algum momento você chegou a pedir pra ele descrever, que você percebeu que estava acontecendo alguma coisa e você pediu pra ele descrever?

F.: sim.

P: Acontece bastante também... ou não, acontece de vez em quando...

F.: acontece de vez em quando...

P: menos do que ele descrever por ele mesmo.

F.: ah, entendi. Não, acontece mais. Acho que é porque eu prefiro assim também, que eu solicite e ele descreva, eu não assumo uma posição muito de ficar esperando que ele me fale alguma coisa, eu meio que pergunto, tanto é que até pra copiar alguma coisa eu que falo: “poxa, o que que tá passando” e tal.

P: Isso, do começo da faculdade até hoje mudou? Antes era diferente? Ou você sempre foi assim?

F.: Eu sempre procurei. É claro, depois que se acostuma com... você entende como é que funciona o recurso, como é que ele vai poder me ajudar... porque, no começo, eu cheguei, sentou um ledor do meu lado e eu não sabia muito bem como é que eu poderia usar esse recurso e aí, claro, você assume uma posição mais passiva mesmo, “ah, vamos ver o que ele faz. Ele vai ler pra mim o que tá na lousa?”. Aí, com o tempo, quando você se acostuma com esse tipo, quando eu me acostumei com esse tipo de recurso, aí começa a ser mais ativo, mais proativo o meu papel, aí eu sei que eu posso perguntar isso aqui pra ele,

eu sei que “ah, aconteceu tal coisa” e eu sei que se eu perguntar pra ele, ele vai me explicar o que está acontecendo, aí você começa a ter a noção de como que ele pode te ajudar...

P: E quando muda de ledor, pra se acostumar, como que é?

F.: ah, é bastante ruim, porque assim, no caso do meu curso especificamente tem muita representação gráfica de muita coisa e, assim, não que o ledor tenha que conhecer os conceitos, mas tem que ter um código entre eu e o ledor pra que ele consiga ou... é porque tem uma outra situação também que eu meio que precisei desenhar um diagrama na hora, então é uma coisa que eu não poderia fazer se não tivesse o ledor, mais uma coisa que eu não poderia acompanhar, aí no caso, eu falo pro ledor, a gente meio que combina: “ah, quando eu falar tal coisa é tal símbolo que você coloca” e ele vai descrevendo pra mim, então, é logico com o tempo e, se vem num crescente, o ledor acaba pegando os conceitos e rola uma troca mais fácil, né? Quando muda de-de profissional é ruim porque, realmente, vai um bom tempo até que você consiga combinar: “ah, quando eu falo isso eu quero dizer aquilo”, e tanto pra essa, pra esse momento dele transcrever alguma coisa que eu estou falando pra ele desenhar, sei lá, um diagrama, quanto pra ele, sei lá, saber quando que eu ... como é que funciona, porque às vezes o outro ledor não sabe o papel que ele vai ter que assumir, né, e eu imagino que varie bastante de aluno pra aluno que ele está acompanhando, então vai um tempo tanto pra ele entender o que eu preciso, quanto, pra depois que ele entender o que eu preciso, pra gente conseguir combinar ali ou começar a rolar mais fácil essa troca.

P: tá, vamos falar um pouquinho sobre a sala de aula... Você conversa com seu professor?

F.: sim

P: como que é a comunicação você-professor?

F.: então, é... isso é bem curioso, mas é normal, acho que eu percebo em “n” outras situações da vida cotidiana mesmo, o professor às vezes, ele... porque também tem os intérpretes de Libras, no meu caso tem dois alunos na minha sala que são surdos e tem um intérprete lá pra eles. Então assim, pra esse caso, lógico, o professor fala com o intérprete e o intérprete interpreta pra eles, o certo seria ele falar com os alunos e o intérprete nem ter que interpretar, mas tem essa cultura, e aí o que acontece, muitas vezes, é do professor falar com o ledor e não falar comigo, mas aí eu sou bastante chato nesse sentido, eu...[riso] normalmente o ledor não assume esse papel de intérprete, né, então acontece, assim, das primeiras vezes do...do professor novo, ele vai falar com o ledor, mas eu pego e tomo a frente e...

P: E quanto aos colegas? Você conversa?

F.: Converso. Hoje mais do que no começo que era natural, eu sou bastante tímido também, então... mas hoje, porque a turma era muito maior também e tudo o mais, mas agora eu sinto que... porque do começo pro final do curso eu fui ficando muito mais próximo, porque assim, eu acho que de certa forma pode, no começo se distanciar, se eu tenho o ledor pode dar essa ideia de que eu não estou querendo me relacionar com os outros alunos, que eu não vou precisar pedir auxílio pra eles, mas eu acredito que não, hoje eu vejo, tá evidente que não, sabe? Não sei se é nesse sentido que você perguntou, sei lá, que veio isso na minha cabeça, que pode ser uma coisa que as pessoas falem: “é ruim porque aí ele não está interagindo pra ter auxílio”, mas hoje eu vejo que muito pelo contrário, às vezes eu consigo até participar de alguma atividade em grupo, alguma coisa assim com auxílio do ledor, coisa que eu não conseguiria se não tivesse. E é muito mais confortável pra mim também, porque é uma pessoa que eu sei que não está deixando de absorver alguma coisa ou de aproveitar a aula da maneira que ela queria pra poder me ajudar, então é uma pessoa que tá ali só pra aquilo, é mais confortável de interagir.

P: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar...

F.: só...

P: ... a respeito do ledor?

F.: Ah, é um recurso muito legal que eu não sabia que existia, conheci aqui e achei um recurso fantástico, eu sei que, é como eu falei no começo um pouco, se a aula fosse citada de outra maneira, se o conteúdo fosse passado de maneira digital pra mim, talvez dispensasse boa parte do auxílio que o ledor presta pra mim, mas eu acho muito positivo pra própria realidade de hoje, que a gente tem no Brasil, acho fantástico, coloca realmente o aluno no mesmo patamar do que os outros, com as mesmas condições de absorver as mesmas coisas que as outras pessoas que enxergam perfeitamente.

ANEXO B

Transcrição de Entrevista – Margarida

Pesquisadora: Me conta por que você escolheu esse curso?

Margarida: Eu escolhi esse curso porque eu não tinha um sonho, sabe, “ah, eu vou ser médica”, coisa que hoje em dia não daria, né [risos]. Porque lá onde eu trabalho, eu trabalho em agência bancária, então o foco é todo mundo ou em administração ou em contabilidade, aí eu optei por adminis..., ADM”

P: E por que você escolheu essa instituição?

M.G.: Porque, como eu já conhecia por causa do projeto [de capacitação], né, que tem um suporte, o suporte é suficiente através do ledor, vim até por isso. Por causa do ledor mesmo, porque em casa, perto de casa tem faculdade, aqui é longe, por causa do ledor, né, por causa que ajuda muito.

P: Quanto tempo você demora pra chegar aqui?

M.G.: Uma hora e meia

P: Qual é o caminho? Ônibus, metrô...

M.G.: trem e metrô

P: Você vem direto do trabalho ou você sai de casa?

M.G.: Venho direto do trabalho

P: Então você pega trem e metrô pra chegar até aqui?

M.G.: é, só que como eu saio às 3 horas, aí eu enrolo um pouquinho em algum lugar, porque se eu for pra casa fica muito cansativo, aí eu venho direto, fico esperando na estação, minha colega e 6h a gente vem pra faculdade.

P: Que horas você chega em casa?

M.G.: Meia noite e vinte, é no outro dia.

P: E que horas você sai?

M.G.: 8:10

P: Do ponto de vista da sua experiência, qual o papel desta instituição? Pro seu conhecimento, pros seus estudos?

M.G.: O papel da instituição... Ah, através dos profissionais estar passando o conhecimento, né... os professores são maravilhosos, apesar de que alguns tem dificuldade em dar aula pra deficiente visual, tem aquela história: “aqui, ali...” [risos], mas a gente vai ajudando...

P: Como é isso? Descreve uma situação pra mim

M.G.: Igual matemática, é “x elevado ao quadrado”, aí ele vai falar “x elevado sobre aqui”, sobre, contas de dividir, contas... eles deixam muito a desejar nessa parte.

P: Entendi. Conta um pouquinho como foi sua trajetória escolar, como você chegou até aqui?

M.G.: Isso lá desde o Ensino Médio?

P: desde o começo

M.G.: Até hoje, né, eu tenho grande dificuldade em leitura, em escrita, porque eu sempre fui uma criança muito tímida, aí quando eu, com a dificuldade visual, eu não sabia que eu era deficiente, então eu fui aprender a conhecer as letras na segunda série, no segundo ano segundo, que eu tinha repetido, porque eu era tímida, se eu sentasse no fundo, não pedia pra professora me por na frente, porque eu não enxergava a lousa, eu ficava. Então até a segunda série, a primeira e a segunda série normal de todo mundo, eu escrevia rabiscos... Aí acho que foi na segunda série que eu comecei a entender as letrinhas, porque lá em 94 o aluno passava sem que soubesse ler, aí eu via minha irmã avançando, que era mais nova, é mais nova um ano, e ela foi avançando, eu tive vergonha e me dediquei e aprendi pelo menos ali. Aí eu passei pra terceira, ensino médio, aí chegou no ensino médio, foi no segundo ano que eu perdi a visão, aí eu passei do meio do ensino médio, o segundo e o terceiro ano, só indo pra sala de aula pra presença, porque eu não sabia que tinha lupa de ampliação pra deficiente visual, ampliação, eu não tinha conhecimento. Aí depois

que eu terminei o ensino médio, eu conheci associações pra cegos e aí que eu fui conhecer o mundo da “cegaçada” [risos]. Conhecer braille, a bengala, as lupas de ampliação, até o projeto [de capacitação para pessoas com deficiência], que eu conheci a faculdade e hoje eu tô aqui, por causa do projeto, senão não tinha, também, conhecimento.

P: Quem que te apresentou o “mundo da cegaçada”, como você diz

M.G.: Eu fui na assistente social buscar auxílio pra pegar carteirinha gratuita, aí ela me deu o endereço do Instituto X. Aí eu, então, não parei de praticar, eu fiz cursos lá no instituto x, no instituto y, até que eu parei por causa do serviço, que eu arrumei serviço em 2009, por causa do projeto [de capacitação], aí tô aqui na faculdade.

P: Fala um pouco da sua família

MG: ah, minha família é tudo de bom, amo meus pais, nós somos muito unidos, graças a Deus.

P: Quem tem na sua casa?

MG: eu sou casada. Eu moro com meu marido.

P: E tem filhos?

MG: não.

P: E quem é a sua família do dia-a-dia? É só seu marido? Você fala com seus pais todo dia?

MG: não. Ah, a minha família, se for contar assim, seria o pessoal do serviço, porque meu marido trabalha a noite. Eu vejo ele 5h da manhã, quando ele chega e só, durante a semana... eu vou ver ele no sábado.

P: Ele é deficiente visual também?

MG: não

P: E você não fala com sua mãe no dia-a-dia, então, é mais o seu marido? Quem te apoia é mais o seu marido mesmo?

MG: Eu falo mais com minhas colegas, quem foi do curso, minha mãe eu ligo pra saber como ela tá, se ela tá bem, as vezes eu ligo durante a semana, eu tenho mais contato mais é com as minhas colegas, mesmo.

P: Antes de você entrar na faculdade, você teve apoio, como teve aqui ou parecido? Algum tipo de apoio? Queria que você falasse um pouco mais sobre isso, porque você já falou um pouco.

MG: apoio pra entrar na faculdade, na minha vida?

P: por conta da deficiência, na escola...

MG: não.

P: Como você estudava?

MG: até meu segundo ano eu enxergava na lousa, que eu usava óculos. Aí depois eu só ia pra sala de aula pra ter presença. A prova eu fazia com uma colega de sala e foi assim que eu tirei, porque eu acho que eles pensaram com eles, eles pensaram se me repetissem seria mais um ano com a presença, que eu não tinha suporte e eu também não tinha conhecimento em nada, acho que foi assim que eles me chutaram da escola [risos].

P: Agora vamos falar um pouquinho do ledor. Você acha que ele tem influência no seu estudo?

MG: influência...

P: Ou se ele tem alguma importância?

MG: ah, tem, com certeza, ele ajuda muito. Como tem aulas, muitas aulas que o professor escreve na lousa, se não fosse o ledor, se eu fosse depender de um amigo da sala de aula jamais a gente ia saber se tem algum recado, ou matéria nova. Como tem aulas, muitas aulas que o professor escreve na lousa, se não fosse o ledor, se eu fosse depender de um amigo da sala de aula jamais a gente ia saber se tem algum recado, ou matéria nova..

P: Quando muda de ledor, como que é?

MG: Horrível.[risos]. Até você se adaptar com a pessoa, conhecer o jeito da pessoa, se ela é extrovertida, se ela é fechada, gosta de conversar, até o jeito dela ler é diferente, eu acho diferente quando troca de leitor... Ah, mandar explicar, o jeito dela escrever tudo, as coisas...

P: Teve algum leitor que você pensou “esse aqui deu certinho” e aí, de repente, foi embora?

MG: já [risos], mas isso foi no projeto [de capacitação], aqui ainda não.

P: Você não repetiu o leitor do projeto e da faculdade? Já teve o mesmo, não?

MG: Tive um, quem é, não lembro quem era, mas por coincidência ficou comigo, é que teve um segundo período que nós trocamos de leitores, por coincidência ficou comigo, aí eu fiquei tão feliz [risos]... ela tá até hoje aqui, eu queria que fosse minha leitora, mas não pode escolher, né...

P: Você acha que o aparato que a instituição dá é suficiente... ou satisfatório?

MG: No meu caso, sim, porque eu só utilizo a leitora. Se eu precisar de uma leitora fora do horário da sala de aula, eles oferecem, é só pedir um dia antes, marcar horário com uma leitora pra ajudar. Pra mim, sim.

P: Você acha que tem alguma coisa que precisa melhorar?

MG: melhorar? Só se for ensinar os professores, pra eles pararem de falar “aqui e ali” [risos], “aqui colocamos isso”, um auxílio pros professores, ter um treinamento, né... porque no projeto [de capacitação] eu sei que era mais deficiente, aqui eles sempre esquecem que é um aluno ou dois, mas tem um aluno ou dois que não tá vendo o “aqui e ali” da lousa. Dificulta. Igual matemática, eu só consigo pegar o raciocínio da conta se eu tiver acompanhando. Na sala de aula o professor não deixa, ele fala “presta atenção primeiro” e eu não consigo. Eu não consigo pegar o raciocínio só ouvindo, sabe, sem acompanhar passo-a-passo.

P: E os professores conversam com você? Você conversa com eles?

MG: em dificuldade? Não. Acho que é uma falha minha também, de chegar no professor e ficar falando “professor, para de ficar falando aqui e ali” [risos].

P: Ninguém fala isso pra ele?

MG: não.

P: E aí cabe ao leitor te ajudar...

MG: Me informaram que é a gente que tem que se manifestar. O leitor está enxergando, o leitor, né... e a gente não, a nossa dúvida. O professor tem que estar... a gente tem que chegar no professor para ele parar de falar isso. Uma vez eu até falei, “professor fala mais devagar, mais devagarzinho”, mas entra num ouvido e sai no outro. Ignora.

P: Teve alguma situação que você teve que falar com o professor e aconteceu algum problema, o professor não se referiu a você... você pode descrever alguma situação dessa? Ou que você se surpreendeu com o professor, um professor que teve um posicionamento correto...

MG: não. Por enquanto, não. O professor lá, como fosse todos... normais... normais somos, né, mas sem nenhuma dificuldade visual... por enquanto ainda não. Quando eu chamo na mesa, ele vem, explica, mas explicação pra sala toda é aquela dificuldade do “aqui e ali”, mas quando eu chamo na mesa, eles explicam muito bem, fica mais fácil de entendimento.

P: E seus colegas de turma? Você pode falar um pouco deles?

MG: colegas de turma eu diria que é só o Fernando [risos] e a Gabriela. Essa sala é um pouco desunida, é cada um por si e tchau.

P: Como assim?

MG: ah, tem as panelinhas. Eu com você, eu e você e o resto se dane. É cada um por si, não tenho muito contato com outros alunos, só um ou dois lá do fundo que a gente fala um ‘oi’, mas a convivência de segunda a quinta é o Fernando e a Gabriela. Que são [deficientes] visuais também, vivem no mesmo mundo que eu, [abaixa o tom de voz] de visão e dificuldade ...

P: O que você espera pra daqui cinco anos?

MG: ah, estar formada [risos]. Daqui cinco anos, vou estar com meu diploma, com satisfação porque não é fácil ficar o dia todo ou trabalhar, cansada, com sono, com chuva, passa ser gratificante, quando, daqui há cinco anos, ter o dever cumprido.

P: E que mais, da sua vida?

MG: Pra eu conseguir já dar outro passo como profissional, crescer profissionalmente, eu quero alcançar muitas coisas profissionalmente, espero ter uma carreira profissional. Mas onde eu estou hoje? Hoje eu sou telefonista, porque daqui cinco anos eu começo a dar um segundo passo na minha vida profissionalmente [risos].

P: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

MG: não [risos]

ANEXO C

Transcrição de Entrevista – Luis

P: Conta um pouco sobre sua família, com quem você mora...

L: Na realidade, na minha família é assim, eu moro hoje com minha mãe, mais a minha irmã. Minha mãe é aposentada, minha irmã trabalha, eu, por enquanto, trabalho... é uma família normal, normal assim, eu tenho mais, fora assim, oficialmente eu tenho quatro irmãs. Eu sou o único homem, filho, de quatro irmãs. Uma irmã é falecida, restam três, eu sou o do meio. O do meio, na realidade...

P: Você trabalha?

L: Atualmente trabalho e a questão da deficiência, interessante que, da minha família somos três que tem o mesmo problema, eu e mais duas irmãs, só que meu pai e minha mãe não tem nada, nada, nada. Segundo a lenda, diz que eu herdei, nós herdamos dos avós paternos, aquela coisa de pobre: pobre só herda doença, pobre é fogo.

P: E quanto tempo você demora pra chegar aqui do trabalho, ou de casa...

L: Olha, a média normal, de um dia normal aqui, daqui na minha casa dá, estourando, 35 minutos de ônibus, de ônibus sem trânsito, sem nada. Agora, se pegar trânsito, aí só Deus sabe. Mas a média mesmo, o normal, é 35 minutos.

P: Onde que você mora?

L: Eu moro em [nome da cidade, na Grande São Paulo]

P: E você trabalha perto da sua casa?

L: Por enquanto, sim. Na realidade, atualmente, estou terminando o meu mandato de Conselheiro Tutelar no município, aí lá eu estou trabalhando perto de casa, aí acho que em agosto termina o mandato e eu vou partir pra outra.

P: “Pra outra” é outro ramo...

L: É, outro ramo, vou pra outra área. A probabilidade é ir pra área bancária, porque eu tô procurando alguma coisa, assim, nessa área.

P: Por que você escolheu esse curso nessa instituição?

L: Olha, o curso, em si, eu escolhi porque eu sou uma besta quadrada, porque, na realidade, meu sonho era música [risos]. Porque assim, eu sempre trabalhei, eu toco violão, teclado, sempre dei aula de música e eu fiz um curso técnico em Administração numa escola ao lado [da instituição], chamada Escola D, depois eu fiz um técnico em Marketing, né, e aí...

P: na mesma escola... que é estadual, né?

L: Não, a D. Acho que é da prefeitura... é, da prefeitura. Então assim, o que aconteceu: quando chegou a hora de ir pra faculdade, eu sempre falava que ia fazer música, sempre. Música. “Ah, qual é teu objetivo?”, “eu vou chegar a ser maestro”, sempre, “vou chegar à regência”, só que eu me deparei com o mercado de trabalho, né, porque hoje o mercado de trabalho pra música é seguinte: se você tem o QI você entra, se você não tem você fica de fora.

P: QI que você está falando é...

L: Quem Indica, né, quem indica... ou você fica do lado de fora, né, porque o mercado ele é muito fechado, né, eu tenho esse exemplo por minha professora de música, mesmo. Ela tem, mais ou menos, uns 40 anos dando aula e ela, assim, muitas pessoas famosas já passaram pela mão dela e ela não ganha bem, ela ganha pra sobreviver, trabalha igual uma louca. Aí, quando eu peguei o curso de administração e eu fiz da seguinte forma: administração é uma área bem ampla, em qualquer buraco dá pra você encaixar uma pessoa que fez administração ou até mesmo um administrador. E aí eu resolvi. A Faculdade Y, na época que eu resolvi fazer o curso, eu pesquisei algumas faculdades próximas, tanto na minha cidade como na região próxima da minha cidade, e o que que eu pensava: sempre nas escolas, eu me virei sozinho, devido à lousa ser na parede, aquela coisa, é mais escuro, então assim, eu sempre me virei, quando eu tive minha última sequela no olho esquerdo, que foi descolamento de retina que eu tive, a minha visão caiu bastante, bastante mesmo, foi assim... drástico. E aí eu comecei a pesquisar se tinha algum recurso nas faculdades que pudesse me auxiliar, se fosse necessário me auxiliar. Eu estive na

faculdade T, porque eu sou bolsista da associação S, né, e na minha cidade só tem a faculdade T. Lá eu fui tratado, assim, terrível, eu quase mandei a mulher pra... pra fora do Brasil, mas aqui o tratamento foi diferente, porque o rapaz falou que tinha um trabalho de inclusão, eu vim aqui, fui bem tratado e eu procurei ainda mais próximo, tipo UniX, UniW, essas coisa assim, na época não tinha, não sei hoje. Isso foi em 2009, na realidade a minha pesquisa começou no final de 2008 e aí eu procurando não achei, acho que hoje já tem mais, ampliando cada vez mais. E o tratamento aqui foi muito bom, graças a Deus foi muito tranquilo, aqui nunca tive problema em questão de professores, não tive, só a lesa que é demais, mas isso é problema meu, não é da faculdade.

P: Fala mais um pouco da sua trajetória escolar, até você chegar aqui. Como você chegou até aqui?

L: Eu, na realidade, é o seguinte: como todo bom brasileiro, eu estou atrasado, eu sempre falo, estou atrasado uns dez anos em questão de estudo. Por quê? Porque minha família sempre foi muito simples e eu lembro que na época de... quando tava na 5ª série, hoje o pessoal fala muito de bullying e naquela época tinha “bule”, tinha chaleira, tinha esse tipo de coisa, só que ninguém falava. Acho que sempre teve e, devido a esse problema de visão que eu tive, também sofri muitas coisas. E aí juntou o tal do, esse tal de, que eu não acho que é b... acho que é gente que não tem o que fazer, e a dificuldade financeira que nós passávamos na época, eu optei entre estudar e trabalhar. Eu optei o trabalho e aí eu parei de estudar na... com 15 anos eu parei de estudar, fui trabalhar, depois pra eu conseguir uma vaga denovo demorou pra caramba...

P: Você saiu em que série?

L: Eu tinha parado na quinta ou na sexta. Para você ver, até na questão do estudo mesmo eu comecei bem atrasado, quando era pra eu estar terminando, eu estava na quinta ou na sexta, por aí... né, parei e fui trabalhar... E aí trabalhei de tudo um pouco e o mercado de trabalho começou exigir, começou exigir no mínimo o ensino fundamental. E aí eu retornei, denovo, pra escola... em 2000, não, minto, em 98, fiz o supletivo do ensino fundamental, fiz, depois, o supletivo do ensino médio, parei durante um bom tempo, só que eu fiz muitos cursos de qualificação de curto período, tipo esses que o Sebrae dá. Hoje é o CAT que tem muita formação. Antigamente era o Centro de Solidariedade que tinha muitos cursos, então eu... para você ter ideia, eu tenho mais ou menos uns dez certificados, de tudo um pouco e tudo quanto era curso eu tava fazendo, primeiro porque era de graça, segundo que era uma qualificação a mais, eu sempre fui curioso pra aprender as coisas. E aí foi quando me veio a oportunidade de conseguir uma vaga aqui na escola D., foi em 2006, eu tinha feito a inscrição e fui chamado pra fazer administração e aí acabei pegando no embalo, que também lá é muito puxado, o curso lá, por ser uma escola municipal, o pessoal fala “é ruim”, pelo contrário, eu vejo aqui coisa que eu vi lá. Lógico, a proporção aqui é muito maior, porque é faculdade tem que ser, mas o conteúdo lá é excelente, eles puxavam lá que você ficava doido. E aí depois do curso, dois técnicos, veio a necessidade do superior, e aí depois quem sabe uma pós ou... o meu foco, o meu objetivo é chegar, no mínimo, num mestrado, no mínimo. Aí depois que eu fazer a parte de negócio, aí eu faço uma faculdade de música, ah... que maravilha [risos]

P: Vai estar ganhando bem?

L: Eu espero que sim, aí eu faço Música, porque aí eu tenho espaço pra lazer.

P: E a partir da sua experiência, qual o papel dessa instituição?

L: Vou dar um exemplo pra você, deixa eu ver se consigo... Da minha experiência, em relação a que?

P: Em relação ao estudo, ao conhecimento.

L: Olha, eu acho que a instituição é muito boa, eu gosto, particularmente. Eu não sei se é porque eu simpatizei com o local, pelo tratamento que eu tive aqui, foi muito bom a questão da acolhida mesmo que eu tive, na questão do pessoal da inclusão, e eu acho que os professores são muito bons, também. Eu que são, né... são bons. A instituição aqui... é uma pena que o pessoal... estudo é estudo, quem faz a instituição é os alunos, mas os professores são bons e o conteúdo que eu vejo aqui da Administração, eu acho que tá compatível, além... além, não, mas tá compatível ao mercado de trabalho e a organização do curso é boa. A forma como a instituição fez esse curso, eu acho excelente, eu acho que é algo que algumas faculdades ou já fizeram, não sei, mas como aqui é... o curso, nos dois primeiros semestres é bem amplo e depois você vai focando mesmo na área. Então cada semestre tem uma coisa determinada de tal setor. Tem um setor só de Marketing, e aí desenvolvemos trabalhos só de Marketing, só de RH, só de RH, agora estamos estudando o trabalho só de Logística e Produção e aí depois vem TI, depois vem Finanças e vem Gestão, Gestão em Negócios. Então assim, eu acho que a maneira que é tratada o curso, eu acho muito interessante aqui na Administração, porque não é tão jogado, que nas outras faculdades é meio jogado, meio.. Você faz marketing no primeiro semestre, depois vai aquela bagunça danada... Eu acho que assim

a experiência pra mim aqui tá sendo excelente. Espero que um dia eu ainda dê aula aqui dentro, você imagina só? Ninguém fica perto.

P: Você falou dos professores. Você acha que são os professores, que eles tem na cabeça a sua dificuldade, que você precisa de alguma coisa? Ou você acha que isso não é necessário pra você?

L: Então, eu acho que não é necessário porque assim: hoje eu sou conselheiro tutelar e hoje nós estamos vivendo um grande impacto na área do Estado que eles estão trabalhando com a inclusão, antes tinha sala especial, hoje a sala especial já não pode, primeiro que o estatuto nem permite, é o tipo que excluir e o Estado deveria fazer como as faculdades, pelo menos a faculdade Y que eu conheço, como faz, ou seja, ter um aluno com dificuldade na sala, mas uma pessoa pra auxiliar na dificuldade, não na matéria, a matéria ele tem que se virar mesmo, tem que correr atrás, mas na dificuldade, na questão de leitura, na questão de intérprete, quando tem e os professores não tem como dar uma atenção. Hoje acontece muito, muita reclamação onde eu trabalho, que as mães chegavam assim: “ah, mas meu filho tem problema e o professor não dá atenção pra ele”, e aí pro professor fica difícil, porque ele tem uma sala com 80 alunos, 50 alunos, cada um de uma maneira diferente, fica difícil dar atenção especial, mas os meus problemas aqui, pelo menos dos professores, eu nunca tive problema com nenhum deles, já tô no 5º semestre e nunca tive problema e até os professores daqui mesmo, que chegou uma época que eles chegavam e não trazia prova ampliada, eles deram um jeitinho, a pessoa leu, eles chegaram a me repassar meio ponto, alguma coisa porque sabiam... porque, assim, sabiam também que eu tinha estudado, lógico, não é a moleza, eu sabia que eles sabiam da situação, então... E eu sou cara de pau, se eu não entender, coloco assim: “não enxerguei”. Eu lembro na prova da outra escola, que as letras eram pequenas, eu não consegui ler nem uma questão [risos]. No final das contas eu escrevi “não consegui responder a prova porque estava muito pequena a letra”, essa professora ficou numa vergonha danada [risos], ela não sabia como olhar pra minha cara, ela ficou até sem graça, então assim, pra mim eu sou mais um aluno, só mais um...

P: E isso é bom, na verdade.

L: Eu acho que isso é ótimo, porque sou normal, como qualquer um, é como eu sempre falo, acho que tem que ser assim mesmo, eu sou tão capaz como qualquer um, como qualquer outra pessoa. Lógico, é o que eu sempre falo, eu demoro mais? Lógico que eu demoro porque a pessoa, quando ela enxerga bem, o cérebro, ele funciona de acordo com a visão. Se eu vejo, o cérebro processa rápido, se eu não vejo tão bem, ele já processa mais lento, mas também não quer dizer que eu seja mais devagar do que eles, pelo contrário. Na minha sala o pessoal acha estranho. Eu fiquei de sub no último semestre [risos] eu passei foi vergonha, porque o pessoal falava “ah, Luís, tá fazendo o que aqui, vai embora pra casa”. A grande maioria que ficou de sub nessa disciplina de Estatística, que foi mais da metade da sala, eles não acreditaram que eu tinha ficado de sub também. Eles não acreditaram porque eles vem a dificuldade que tem por conta de visão, do visual, que não atrapalha em nada.

P: Você passou na sub?

L: Ah, lógico, eu tirei 9,5 só de raiva. Ela ficou me devendo meio ponto, é que eu não conversei com ela ainda, pra eu cobrar o meio ponto dela [risos]... Mas, assim, tem que ser dessa forma, tem que ser dessa forma, porque na... eu vejo nas escolas estaduais não tem e no passado não tinha. Você pode ver hoje que o mercado de trabalho, ele foca muito, fala: “ah, vamos trabalhar com inclusão, com inclusão, com inclusão” e aí eles estão se deparando com a seguinte situação: eles querem colocar pessoas que tenham a necessidade especial na empresa, mas eles não encontram a pessoa que esteja capacitada. Por quê? Porque no passado, sempre teve pessoas com dificuldade nesse país, pessoas que não andam, que não enxergam, sempre teve. Só que era excluído. Ah! Era considerado como não tem capacidade. E agora que eles estão vendo que tem capacidade pra trabalhar, eles não tem qualificação porque o mercado nunca deu oportunidade e nem a própria instituição de ensino não deu oportunidade. Agora eles tem que correr atrás do lucro, né?

P: Conta pra mim como que foi na escola, pra você se virar. Você falou que se virava nos estudos, como é que foi isso?

L: Olha, aqui na escola D., vou te dar um exemplo da escola D. Quando começou na escola D. Eu já tava com a visão bem baixa, porque assim, antes da minha retina descolar, o que aconteceu? Meu olho direito tem hipermetropia, então minha visão sempre foi baixa, além de baixa, tremia muito. Quando eu tive descolamento de retina, que foi justamente no olho esquerdo, que eu tinha uma miopia que era regressiva, ou seja, o meu olho esquerdo estava enxergando muito bem, o oftalmo falou: “olha, a probabilidade de chegar aos 60 é de você estar enxergando como uma pessoa normal com esse olho”, e aí, justamente no olho esquerdo, eu descolei a retina, e aí eu perdi a visão, assim, graças a Deus não foi total, mas acabou invertendo. O olho que enxergava mais enxergou menos, e o que menos, enxergava mais. Então, assim,

pra eu readaptar foi muito difícil, foi muito difícil, e aí as experiências que eu tive logo de cara foram num curso técnico que foi na escola D. A princípio foi meio complicado, entendeu? Mas aí, o que acontecia? O professor escrevia na lousa e quando eu não conseguia enxergar, eu perguntava para o aluno do lado, e aí a sala começou a ajudar, os da frente começaram a ajudar. Chegou num ponto do curso que o pessoal lia da lousa pra mim, “ah, deixa que eu leio”. Então assim, eu acabei me virando dessa forma, o pessoal acabava... eu sempre falava, tinha um pessoal da sala que era os meus olhos, eles enxergavam por mim, e aí foi como eu comecei a me virar, dessa forma, usando o equipamento de lupa, hoje uso dois óculos, um pra perto e um pra longe, não ajuda muita coisa, não, mas engana o cérebro.

P: E, com os seus colegas ajudando, o professor não estava nem sabendo, nem passava pela escola...

L: Não, eles sabiam, eles até sabiam porque até lá mesmo eles já me traziam a prova ampliada, tinha professores que já traziam, sem mesmo eu pedir eles traziam, lá na escola D. Eles já traziam, a grande maioria, na realidade, trazia a prova ampliada quando eu pedia e quando eu não pedia tinha uns que já tinham essa consciência e trazia pra mim. Então pra eles eu era simplesmente mais um, normal, que não fazia diferença nenhuma, eu enxergando bem ou não... Pelo contrário, quando eu tirava nota boa, era que nem aqui, quando eu tirava nota boa era o pessoal enchendo meu saco, curtindo uma com a minha cara.

P: Falando em professor, eu vou pedir pra você falar um pouco sobre o professor. Se eu te falo “professor”, o que você tem a dizer?

L: Ah, o professor é... eu vejo, eu assim, mesmo com essa falta de respeito que tem hoje com o professor, eu acho que o professor continua sendo “o cara”, porque sem ele... nós não chegamos em lugar nenhum. Nenhum. Lógico, tem professor e tem “o professor”, tem aquele que realmente leva jeito, é vocacionado pra dar aula, e aí ele consegue, as vezes até quando ele não domina muito a disciplina, ele consegue desenvolver um bom trabalho, esse você tem, é... tem essas qualificações, mas querendo ou não, é o que eu sempre falo: bater de frente com o professor é o aluno que sempre perde. O único meio de você bater de frente com o professor é você mostrando pra ele que você sabe da matéria dele, que ele errou, porque você sabe. Eu tive um caso desse aqui na faculdade W, não sei se é interessante, porque assim: para você ter ideia a questão de professor, eu tive, em marketing, o professor daqui da faculdade, o R. Nossa, o cara manja muito, ele é o cara em questão de marketing, ele tem formação até fora do Brasil e tal e coisa. Só que pra dar aula ele não é muito bom, o que é muito comum, a pessoa pode ser bom profissional mas pode não ser bom professor, isso é muito normal. Eu acho que eu sou um bom professor de música, mas não sou bom músico. Isso eu sei, mas assim, eu conheço muita técnica de música, muita teoria, conheço muito mesmo, porque eu estudei pra isso, no caso, não foi do céu. Mas pra eu tocar já, eu sou relaxado, preguiçoso. Então, por isso que eu falo, sou melhor professor de que músico. E o caso do professor R. é interessante. Ele é um bom profissional, mas ele dava aula e eu não entendia a matéria dele e aí eu tirei um quatro, na primeira prova dele do semestre. Aí eu falei “rapaz, pra tirar oito nessa prova vai dar um trabalho danado” e aí eu continuei estudando, estudei, fiz um curso do Sebrae que focava mais ou menos no que ele estava falando e fui fazer a prova e tirei sete. Aí eu falei “caramba, vou pra sub”, não gostei muito da ideia, mas... E eu lembro que na sala, muita gente ficou bravo com ele porque, realmente, o pessoal que não gostava da matéria dele, da aula dele, brigando porque tava com nota vermelha, tal e coisa e, na dúvida eu fui perguntar pra ele sobre um questionamento, sobre um negócio chamado CRM. E eu tinha colocado na prova como eu aprendi no Sebrae e ele deu errado. E aí eu perguntei “professor, isso aqui tá errado?”; “tá”; “mas professor, CRM é isso, isso, isso e a outra ferramenta é uma outra situação, não é?”; “não, Luís, você está errado”; “professor, não estou questionando aqui a tua nota, não é isso, não entenda dessa forma, porque eu precisava de um oito e tirei um sete e eu vou pagar tua sub hoje e vou fazer, o que eu to questionando é a matéria, porque assim, pra mim não tá claro”, né. Só pra você ter uma ideia era Marketing de Relacionamento e CRM. Só pra você ter uma ideia, pra você entender uma coisa: o carro, ele tem o câmbio e tem o motor e nós podemos colocar CRM como motor e Marketing de Relacionamento como câmbio, pra quê? Pra que pudesse dar um resultado de marketing e aí eu perguntei “professor?” e ele confundiu, falou que a parte de CRM e Marketing de Relacionamento era a mesma coisa. Essa era a interpretação da prova dele, só que eu aprendi diferente, tranquilo. Falei “professor, eu acho que está errado, eu acho, porque eu aprendi assim, assim, assim, assado. Só que você tá me falando que marketing de relacionamento e CRM é a mesma coisa, tudo bem. Amanhã, se eu for dar aula da disciplina da sua matéria, se eu for lecionar marketing em algum lugar, eu vou ensinar que marketing de relacionamento e CRM são a mesma coisa, porque eu aprendi com o senhor, aqui na Faculdade W”. Aí ele olhou assim... respirou... aí falou que não era ele quem tinha feito as provas, eram outros professores. E aí os olhos de porco, que tava brigando com ele, já ficaram ... faltou derrubar a mesa porque queria catar um pouco da nota. “Então, professor, não estou aqui te questionando a tua disciplina, a tua prova, deixando isso bem claro. O professor aqui é o senhor, eu sou só aluno. Só que eu entendi a sua matéria, eu precisava da sua nota, eu estudei aqui a sua matéria e fiz um curso fora, pra eu realmente entender. Só pra

concluir, no outro dia retornei aqui, entrei aqui na sala, ele: “ah, Luís, o professor falou que está certo”, eu falei: “ah, tudo bem, professor, sem problema”. E aí, depois de muita discussão, chegou outro professor também de marketing, começou bater o pé que era. Aí eu dei o exemplo, “tudo bem, vocês me convenceram, então eu posso falar pra vocês o seguinte: que o motor e o câmbio é a mesma coisa. Se o marketing é o carro, o motor é o marketing de relacionamento e o câmbio é o CRM, é a mesma coisa?”, “não”, “então pronto, então não é, porque o carro não é um sem motor e sem um câmbio, um depende do outro, mas um não é o outro, não é isso?” Resumo: eu já tinha pagado minha sub, que eu fui uma besta quadrada, paguei, mas aí ele foi e me deu meio pontinho, ele falou: “não, tá bom, então tá bom, vou te dar meio pontinho”, “mas vou deixar bem claro: eu não to te pedindo ponto, eu estou querendo esclarecimento da matéria”. Então, assim, eu penso que professor, você nunca pode bater de frente com uma pessoa, ainda mais com ele, com ela, que geralmente são mestres ou são doutores, você tem que mostrar pra eles que você entende do assunto, você não tem que ter medo, porque você entende do assunto. Quando você não se dá bem, o que cala a boca de professor é nota alta. É isso e eu acho que tem que ser assim, isso tanto na faculdade, no ensino fundamental e... é dessa forma.

P: E seus colegas de sala?

L: ah, são muito doido, tem um pessoalzinho muito bom, graças a Deus, o pessoal daqui... porque os dois cursos técnicos que eu fiz, eu tive colegas muito bons de sala e, infelizmente é que quando acaba o curso, você acaba se distanciando, ainda mais numa cidade muito grande, mas tem pessoas muito boas, que me ajudaram muito e aqui também, tem uns que me ajudam bastante e sempre tem uma colaboração que é necessária, ninguém anda sozinho, ninguém aprende sozinho, você só aprende quando você passa, quando você troca ideias com os demais, e eu, graças a Deus, eu não tenho problema com ninguém, que eu também fico no meu canto. Falo com quem fala comigo, não é porque: “ah, o Luis é metido”, não. É porque, assim, como eu eu tenho essa visão de raio-x, eu não gravo a feição das pessoas, muitas vezes, as vezes passo no meio da rua e eu não estou nem aí, você fala: “ah, esse cara não tá nem aí com a gente”. Lógico que, no meu caso é mesmo mais auditivo, então se a pessoa falar comigo eu lembro dele, se ela não falar eu fico na dúvida, e se eu chamar Maria e é João? Mas graças a Deus, os colegas, todos e até hoje, nessa minha trajetória de estudar mesmo, eu nunca tive problema com colega em sala, toos sempre me ajudaram e sempre me ajudaram. E sempre me olharam como eu era um cara CDF. Eu não sou, eu sou uma pessoa normal, lesado como qualquer um.

P: Por que você acha que as pessoas acham que você é CDF?

L: Sei lá, porque eu tenho alguma coisa. Não sei, sinceramente eu não sei, porque eu não sou! Eu sou uma pessoa normal, eu sou realmente. Olha, P., eu não sei. Eu tenho um grande problema que as pessoas... eu acho que eu tô fazendo até o curso errado, eu tinha que fazer Psicologia, diz que o psicólogo costuma ouvir bastante e as pessoas, eles acabam... não sei, as vezes simpatizando ou falam coisas que vem além de curso. Eu tenho um... se eu fosse escrever um livro contando dos casos que eu já ouvi, tanto agora como conselheiro tutelar, como até meus próprios amigos de sala de aula, até fora de sala de aula, daria um belo de um livro, viu? Porque eu escutei cada coisa...

P: Eles sentam pra conversar com você?

L: Sentam... as vezes eu prefiro ficar calado em alguns lugares porque a pessoa chega e fala. Se eu puxar assunto com alguém em algum lugar, as vezes, a pessoa começa a falar coisa da vida deles que não interessa a mim, eu fico só ouvindo.

P: A que você atribui?

L: Eu não consigo te responder isso, porque eu não sei. Te juro, eu não sei. Eu não entendo até hoje o porquê disso. A única coisa que eu posso fazer é ouvir e falar “olha [risos], coloca na mão de Deus, que Deus resolve” [risos]. Pior que é porque, assim, eu não sei, eu realmente não sei dizer pra você. Graças a Deus, nessa vida eu tive muito mais amigos que inimigos porque tem pessoas que não gostam de mim, mas também eu não tô nem aí pra isso, porque quem não gosta de mim eu não tô nem esquentando a cabeça. Mas, graças a Deus, a grande maioria... pode não ter gostado, mas... disfarçaram bem [risos].

P: Fala um pouco sobre “ledor”

L: Tive ótimos leitores aqui, ótimos, não tenho reclamação de nenhum. O Tarso só que uns garranchos desgraçados, já falei pro Tarso “vai escrever direito, infeliz!” [risos], que é o atual [risos], tem uns garranchos o infeliz, mas dá pra... eu não tenho problema porque, assim, eu sou muito tranquilo, eu sei, eu particularmente, eu sei a função do leitor. O leitor tá ali pra me auxiliar, ou seja, pra me auxiliar, pra ler pra mim. Graças a Deus, aqui eu só tive leitores muito bons, muito bons... Aqui eu tive, comecei com o Mauro... não, minto, comecei com a Janete, depois veio o Mauro, ficou durante um tempo comigo, aí o

Mauro saiu pra dar aula, depois veio a Sônia. No segundo semestre eu tive você que me acompanhou durante algumas aulas, tinha o João. E tinha a Amanda. Também, pessoas, assim, fantásticas. Nunca tive problema. Aí depois eu tive de novo a Janete. mais o João. E aí agora estou com o Tarso. Esse semestre inteiro, mas, assim... pra mim, eu acho que o trabalho deles é importantíssimo. Porque, assim, sem eles... eu teria sofrendo aqui, viu? Porque pra enxergar nessas lousas, aqui, de madeira... [risos] Só por Deus pra ter misericórdia.

P: Quando muda de ledor, como é que é?

L: Olha, até se adaptar um pouco é ruim porque, assim, é mais incômodo pra eles do que pra mim, entendeu? Porque o ledor, aqui eu tenho comigo, ele tá pra me auxiliar e assim, eu entendo que é o papel dele me auxiliar na sala de aula, então pra mim a coisa fica bem clara: você lê, eu escrevo. Se você ler rápido, eu vou escrever rápido, se você ler devagar, eu vou escrever devagar, então assim, é estranho por questão da aproximação, que é daquele jeito, mas em questão de trabalho mesmo eu acho que todas as faculdades deviam fazer a mesma coisa. Eu, se eu conheço qualquer reitor de faculdade, eu falo: “meu, aplica lá um grupo de inclusão na tua faculdade que você vai se dar bem”. O ledor, pessoas que fazem a leitura de LIBRAS, eu acho muito bom. Não é pra qualquer um porque tem que ter paciência, porque você tem que está lendo pra pessoa e tal e coisa... tem, as vezes, que escrever também, mas... eu acho que o trabalho que tá tendo aqui, muito bom e indico, viu? [risos]

P: Você falou sobre uma coisa de aproximação, você pode falar mais?

L: A questão da aproximação, é assim. Como eu sou uma pessoa muito calada, eu sou muito quieto, eu sou uma pessoa muito fechada, na realidade, a pessoa... então assim, pra eu puxar assunto... um exemplo: puxar assunto com uma mulher, mesmo, é difícil... eu chamo a menina para, se você não tem muita amizade, você não vai, não consegue puxar uma brincadeira, porque assim, querendo ou não, eu acho que entre o ledor e o aluno tem que ter um laço de amizade, porque senão não desenvolve, eu acho que não desenvolve. Você não pode somente tratar o cara... é o seguinte, você chegou agora só pra ler pra mim e vai embora? não. Você tem que ter uma amizade com a pessoa, porque se você não pegar uma amizade com ela como é que você desenvolve o trabalho? E aí, a proximidade que eu falo é questão de você se aproximar e conseguir ter, descobrir uma brecha pra você formar uma amizade com uma pessoa. Eu acho que se a... e por ser na sala de aula, o espaço que você tem pra você ter essa amizade com essa pessoa... que aí você já chega, no meu caso, eu chego a aula já tá andando, já tá funcionando, e as vezes eu... você não consegue mal falar direito, então pra você ter essa proximidade é difícil na sala de aula. E aí eles vão embora e vai cada um pro seu canto. Então assim, o espaço tá sendo pouco pra ter uma aproximação e aí só vai vindo com o tempo. Ou a gente acaba pegando amizade, porque, graças a Deus, o pessoal que eu já tive aqui é tudo... eu considero meus amigos, apesar de que se eu passar por eles pelo meio da rua, eu não vou lembrar quem é, mas se falar comigo eu sei quem é.

P: Mas alguma coisa pra falar sobre ledor?

L: não... [risos] são tudo uns tranqueira [risos]

P: Tem mais alguma coisa pra falar, que você queira deixar, pensando na deficiência visual no ensino superior?

L: Olha, eu acredito que as faculdades, elas tem que invetsir muito, porque hoje o mercado de trabalho, ele pensa numa pessoa portadora de necessidades, não porque hoje é bom, porque é lucro pra empresa. O governo, existe um subsídio, existe um abatimento do imposto e, falando como administrador, é ótimo. Quanto menos imposto pagar, melhor é. E, hoje, as instituições de ensino superior, eu falo pra você, se investir na questão da formação desde a sua, desde a área acadêmica, desde o começo da sua formação, da graduação, pós-graduação e assim vai em diante, com Mestrado e Doutorado e assim vai, se invetsir nessa área, vai crescer muito. As faculdade que acreditarem nisso e fizerem um trabalho como aqui a Faculdade W faz... lógico, não é 100%, não é, mas nada é 100%. Mas se tiver melhor ou semelhante como aqui a Faculdade W faz, outras faculdades fazem, tanto na graduação como na pós e nos demais cursos... meu, a tendência é ganhar muito dinheiro, porque o mercado de trabalho, a tendência é aumentar cada vez mais, que agora que eles perceberam que, hoje o mercado de trabalho, ele percebeu que deficiente não é só filho de pobre, deficiente é deficiente, e precisa estudar e aí vão dar um espacinho pro filho de rico estudar também e perceber que o pobre também tem ... então assim, é importante na questão do Ensino Superior e, eu, o que me fez trouxe na Faculdade W mesmo é que foi a questão da inclusão, a questão da inclusão. E aí depois o curso eu acabei percebendo que, realmente, a forma do curso é muito melhor de que nas outras que eu pesquisei. Mas a questão da inclusão é fantástico. Já to pensando numa pós, já to pensando aonde é que eu vou. Talvez a PUC, já que está bom eu vou tentar uma bolsa lá [risos]... oh, tudo é possível...

P: E a música?

oh, a música é bom demais... Oh, Jesus, a música é um problema, viu? A música é [suspiro]... é muito bom, eu gosto muito, eu sou uma pessoa que curte de tudo um pouco, desde o mais chique ao mais porcaria que existe, eu escuto de tudo um pouco, porque como eu dou aula, eu costumo... se eu falar pros meus alunos que eu não ensino a tocar violão, eu não ensino a tocar teclado, eu não ensino a cantar... eu ensino você a conhecer música e aí, se você conhecer música, você toca qualquer tranqueira. E aí eu acho que a música vai ficar pra depois, infelizmente. Eu tenho um cunhado que ele faz música aqui na Faculdade W, pior que foi meu aluno, aquela besta quadrada [risos], começou comigo, hoje está fazendo graduação em música, mas ele teve a oportunidade de trabalhar com pessoas da área, coisa que eu não tive essa oportunidade, mas, no futuro, quem sabe, eu faça música ou eu faça alguma coisa em Direito. Mas a música é uma coisa que a gente usa mais pra relaxar, pra distrair a cabeça, é um escape. Música é algo muito bom, muito bom mesmo. E eu acho que todo mundo tinha que fazer música, todo mundo tinha que estudar. Primeiro que já foi provado, quem conhece música é um pouquinho mais inteligente que os outros porque usa o lado esquerdo do cérebro, consegue usar os dois lados... já foi provado cientificamente... o meu lado esquerdo já está meio enferrujado porque eu não estou praticando muito, mas já foi provado. Mas eu acho que é muito bom, eu gosto, gostaria de estar estudando música, te juro, mas eu... a necessidade do mercado e, hoje, a realidade, pra mim, é a administração e eu pretendo realmente, não sei se Deus vai permitir, mas eu pretendo terminar esse curso... não sei se eu vou direto pro mestrado, talvez eu faça uma especialização antes porque eu pretendo dar aula antes, e aí pra eu dar aula tem que ter, no mínimo, uma pós pra conseguir umas aulinhas, então eu pretendo chegar na área de negócio, no mínimo, num mestrado. No mínimo. Não sei se eu chego, eu vou tentar... e depois, quando eu tiver com uns cem anos, eu faço música...

ANEXO D

Transcrição de Entrevista – Fernando

Pesquisadora: Fala um pouco sobre a sua família, com quem você mora, convive no dia-a-dia...

FERNANDO: Bom, hoje eu moro com a minha mãe, mas desde os sete anos, com a separação dos meus pais, eu fui criado, no período de aula, pela mãe junto da irmã e, no período de férias, eu ia passar as férias escolares com o pai.

P: Seu pai mora em outra cidade, ou...

FR: em outra cidade, mora no interior de São Paulo

P: Então é mais a sua mãe e irmã?

FR: No dia-a-dia é a mãe e a irmã.

P: Fala mais um pouco

FR: ah, desde a descoberta da deficiência, pra todos foi um choque. Pra mim, como eu cresci com isso, eu entendo que faz parte do desenvolvimento, pra mim eu tenho uma vida normal, dentro dos meus limites e hoje eu sei respeitar esse limites. Já fui querer aprender a andar de skate, jogar futebol de campo, andar de bicicleta, hoje que tenho receio de andar de bicicleta, até por conta do trânsito, ate por conta de outros espaços, não só pelo que eu tô vendo a minha volta, mas porque tenho receio se as outras pessoas estão me vendo.

P: Como assim?

FR: A partir do momento que você está dirigindo um veículo de locomoção, o pessoal não respeita, o pessoal também não sabe o que você vai fazer... não consigo responder na mesma velocidade a uma pessoa atravessando na frente da bicicleta ou desviando de um buraco... minha percepção não é tão boa assim...

P: Como descobriram sua deficiência?

FR: Descobriram minha deficiência no pré, quando precisou copiar a lição da lousa, a professora do pré falava que eu fazia tudo menos copiar a lição da lousa: brincava, desenhava, conversava, mas na hora de copiar a lição da lousa eu não copiava nada, ficava desenhando, ficava fazendo rabisco no caderno.

P: E antes disso você não teve nenhuma dificuldade... ou sua família não relata nenhuma dificuldade?

FR: Não percebeu nenhuma dificuldade...

P: Foi só por conta da lousa da escola mesmo...

FR: Foi só por conta da escola, só pela professora ter percebido.

P: E falando em escola, como é que foi?

FR: Ah, até a quarta série eu me esforcei muito pra copiar lição de perto da lousa. Vinha, ficava a um metro da lousa e forçava a leitura, era devagar, sempre deixava matéria em branco, mas sempre me esforcei pra copiar. Da quinta série em diante uma professora deu a ideia de eu sentar junto com um colega de sala no qual ele fosse lendo em voz alta, como se fosse um ditado, e assim foi até o terceiro colegial.

P: Você mudou muito de escola nessa época?

FR: não. Sempre estudei na mesma escola e... mudei uma vez de escola, mas mudei mais por conta do corpo docente, que eu achava que ia ter um estudo mais diferenciando, mas eu acabei vendo que era igual ao que eu tinha na escola anterior e eu acabei ... fiquei um ano em uma outra escola e voltei pra escola que eu sempre fiquei, mais por conta das amizades, porque eu já tava habituado, era perto de casa...

P: Essa primeira escola que você estudou era pública ou particular?

FR: Estadual.

P: E a outra, pra onde você mudou, era o quê?

FR: Estadual também.

P: Quando que você mudou de escola?

FR: No primeiro colegial. Minto, do primeiro pro segundo. Eu fiz o segundo numa escola e voltei pra original pra terminar o terceiro. E assim: dentro da escola, na escola que eu me mudei foi meio estranho porque o pessoal não conhecia o limite, não conhecia as brincadeiras, então você acaba sendo meio alvo. Já na escola de origem, da sétima série até o primeiro colegial sempre foi a mesma turminha, então você acaba ficando com a amizade mais forte com o pessoal... e eu era incluído pra participar de tudo: jogar volei, jogar futebol, não tinha distinção em nada. Porque assim, na verdade, eu mudei da escola procurando um ensino mais forte, mas quando eu acabei vendo que um lado compensava o outro. Então assim: na escola de origem eu tinha matérias de matemática, história, física fortes, enquanto na outra escola essas eram as fracas que, na qual eu tinha fraca na primeira escola, eu tinha forte na segunda... então... nunca compensava os dois lados, pelo que eu percebia, não era 100% das matérias que atendia tudo.

P: E nunca utilizou nenhum recurso a não ser seus próprios colegas, que era o que dava dentro da sala...

FR: Nunca. Nunca fui atrás de material diferenciado ou uma escola especial.

P: Por quê?

FR: Ah... até porque eu me sentia sempre.. acompanhei a sala de igual pra igual. Nunca tive problema com nota vermelha, com falta, com as disciplinas ou até mesmo por ser discriminado dentro da sala, então... acabava fazendo parte dentro do todo... [um colega surdo entra na sala, FR faz sinal, em LIBRAS de “oi, tudo bem?” e o colega o cumprimenta com um aperto de mão.]

P: quem definia quem te ajudava na sala?

FR: eu mesmo. Tinha a turminha, a gente começou com um ou dois amigos mais próximos ditando a matéria, mas chegou uma fase que eu tinha um amigo pra cada matéria. Pra não ficar pesado pra ninguém, um ditava matemática, outro português, outro história e assim ia.

P: Nunca deu problema isso?

FR: Nunca deu problema. Dava disputa na hora da prova, né.

P: Por quê?

FR: Ah... a matéria que eu dominava mais todo mundo queria fazer prova comigo. Aí a que eu dominava menos, eu tinha que correr atrás pra ver quem é que sabia mais. Sempre fui avaliado muito pelo que eu sabia falando. Na escrita, em questão de ortografia, os professores sempre davam uma, vamos dizer assim, eles entendiam que por eu sempre entender a matérias falada, minha ortografia nunca foi boa e, por conta disso, eles corrigiam dentro do que eles achavam justo me corrigir.

P: Falando agora sobre o Ensino Superior: por que você escolheu esse curso, nessa instituição?

FR: por causa da ferramenta do ledor. Foi decisão unânime. Eu procurei outras instituições, não tive resposta de como seria o ledor, como que faria pra fazer inscrição, pedi um ledor pra me acompanhar em sala, outras não quiseram nem me atender, outras eu estou esperando a resposta até hoje. E, mesmo assim, teve instituição que eu cheguei e falou: “olha, você se cadastra, faz o vestibular, passando no vestibular você volta a falar com a gente que a gente vai ver o que pode fazer pra você”.

P: E você precisava de ajuda no próprio vestibular...

FR:... e eu precisava de ajuda no próprio vestibular... e eu achei antietico, a coordenação primeiro fala pra mim que eu preciso entrar na faculdade pra depois ver o que ela pode me auxiliar, eu achei que foi indiferente.

P: E como foi seu tratamento na que você está agora, quando você foi prestar seu vestibular?

FR: O vestibular... não sei se é porque a faculdade já vem preparada pra isso, então você tem um ... você já tem um campo de acessibilidade pra ser preenchido dentro do formulário, então você requisita o que você precisa pra prova, se é um material impresso ou se é um auxílio do ledor. Por a minha visão ser sempre a perda da visão foco, o que me dá dificuldade pra ler e pra enxergar a distância, eu sempre optei pelo auxílio ledor, porque se torna uma coisa mais prática e mais rápida pra mim, em vez de eu tentar ler um material ampliado... eu, particularmente, se eu for imprimir alguma coisa pra eu ler sozinho, eu tenho que usar uma fonte 20 ou 22 e, por conta disso eu prefiro o ledor, porque eu fico com... a velocidade que eu demoro pra ler uma página, uma pessoa convencional, com prática, lê duas. Então eu me sinto despreparado, não vou... não fico igual pra competir.

P: Dentro da instituição, o que você acha dos recursos que você tem disponível?

FR: Olha, a ferramenta do ledor foi passado bem claro pra gente: ele é como se fosse um óculos que ele faz... a intenção dele é, justamente, transparecer o que está escrito, impresso, ou qualquer matéria. O ledor não é responsável por explicar ou por fazer você entender, ou até mesmo ajudar você a responder a matéria que você tá estudando. Se você tem dúvida, é bem claro que você tem que procurar o professor. O ledor não é um apoio de ensino, ele é um apoio de... cópia, ele vai ser só o seu óculos pra enxergar o que tá acontecendo na sala de aula.

P: Na hora de você perguntar pro professor, como você faz? Como é?

FR: Olha, o professor que hoje ministra uma disciplina, vai muito da Didática que o professor usa. Eu vejo professores que usam explicações como “isso aqui vem dali e vai pra lá”, “isso aqui sobe daqui”, ou “isso aqui desce pra lá” ou “isso aqui move daqui pra lá”, fica ... assim, a gente escutando é muito vago. Então, por exemplo, numa aula de matemática, você falar que “o valor que tá na linha de cima tá descendo pra linha de baixo depois do número que você tá referenciando” ou até mesmo ele lendo o que ele tá escrevendo em voz alta, ajuda o discernimento do que está acontecendo e pra onde a conta está se ramificando, a maneira, assim, de mil por cento. Então, eu acredito que vai também de você sentar com o professor e fazer a orientação que você precisa, o que é mais foco... ou até mesmo ensinar o professor: “professor, fala desse jeito que fica mais fácil pra minha compreensão”, ensinar ele a olhar, explicar como que a gente entende a matéria falada.

P: Você é a terceira pessoa que fala sobre o professor dando exemplo de “aqui”, “ali” e não falando exatamente o que é. Aconteceu algum fato específico?

FR: Olha, é que... o seguinte: a disciplina... hoje eu estudo administração, então você tem uma disciplina a qual envolve gráfico, tabela e conta, você pega um professor... se for uma matéria escrita, o professor de direito, o professor de português ou, sei lá, o professor de comunicação, ele vai falar o que está escrito. Já um professor mais da área de Exata, no qual envolve raciocínio e contas, muitas vezes ele nunca passou... nunca trabalhou com deficiente e ele não sabe. Pra ele é muito fácil porque ele tá vendo o que tá acontecendo, ele estudou desse jeito, aprendeu desse jeito. Agora você adaptar, ensinar ele a olhar esse plano de conta, olhar um gráfico de uma forma falada, pra ele também é uma novidade, então... ele não foi preparado pra isso. Acho que quando o professor deve ter estudado pra ser bacharelado dentro da sua disciplina, ele deve ter ... ninguém deve abordado ou pensado nesse caso. Porque, se você for ver bem, uma sala com, geralmente, 70 alunos ou até mesmo uma faculdade com 1.500 alunos você vai ter 1% que é deficiente visual, talvez nem isso... Então, você pega um corpo docente que... geralmente o professor sabe de alguma dica porque trabalhou com deficiente em outro momento...

P: Não porque esteja preparado...

FR: ... não porque esteja preparado. Porque nessa forma, eu entendo que, dentro da disciplina que ele estudou, acho que ninguém nunca pensou em falar no termo de acessibilidade pra uma pessoa com deficiência, seja ela qual for.

P: Nesse contexto todo, dos seus estudos, dos seus professores... qual o papel dessa instituição?

FR: Olha, o papel da instituição, eu entendo, é me tornar capacitado pra brigar no mercado de igual pra igual. Então a mesma coisa que os outros, o restante da sala tá aprendendo, eu tenho que aprender da mesma forma. Se dentro do plano de ensino tá dito que você vai aprender tabela, gráfico, vai aprender a olhar essas coisas e entender porque existe uma curva ou porque que aquele desenho é daquele jeito, ou porque o valor saiu no início da tabela e passou pro fim da tabela e não passou por nenhuma outra etapa, é o princípio da faculdade é esse: é me tornar capaz de me distinguir o que tá acontecendo no mercado e saber tirar as minhas próprias conclusões a partir de uma situação futura que eu venha analisar. Então acredito que a instituição tem que ensinar e, em ultimo caso, se a pessoa se sentir muito perdida, a gente tem que procurar um auxílio numa aula de reforço, até mesmo aula particular, mas eu acho que parte muito... parte um lado do aluno e um lado do professor. Se o aluno sentir que ele tem dificuldade e precisar contratar uma aula particular, eu acho que seria interessante abrir esse canal para falar com a faculdade: “olha, eu to com dificuldade numa matéria em específico e precisaria de uma aula a mais pra ter meu entendimento, que seja uma aula particular”. Ai seria o caso de você analisar se existe a possibilidade, horário disponível ou até mesmo se você vai pagar por uma aula a mais... se você não tá aprendendo com o professor, por quê não contratar uma aula particular e usar esse canal pra contatar o professor que entende, que domina aquela matéria para você e vai passar o conhecimento. Porque o papel do professor é dividir o conhecimento dele com os alunos, então a partir do momento que você se sente seguro a receber esse conhecimento, se não for numa sala de aula, pode ser numa aula particular.

P: Você está falando do Curso de Aprimoramento [oferecido pela faculdade Y]

FR: O Curso de Aprimoramento é importante, só que o curso... eu entendo que é.. uma aula de reforço... mas mais com um caráter de você usar os alunos que estão terminando uma disciplina a ter uma vivência do que é ser professor. Então eles também tem um plano de ensino que, às vezes, acaba sendo corrido, dependendo da matéria que ele tá lidando... e eu acho que o pessoal pode até confundir: o que é uma aula de reforço e o que é uma aula de aprimoramento. Então, se você entrar numa aula de aprimoramento sem saber o que é a base da matéria, você não vai tá aprimorando, você vai tá tentando correr atrás pra acompanhar o restante da turma. Então eu entendo que o curso entra como se fosse uma aula de estágio pro aluno que tá terminando a disciplina, que vai ministrar umas aulas como professor e aprender a lidar com sala.

P: Então serve mais pros alunos que estão dando aula... do que pros que estão “recebendo”...

FR: Quase ... digamos que 80% pro professor e 20% pra quem tá lá. É legal porque o aluno que tá lá, de repente, pega o detalhe que falta, de tudo aquilo que ele não viu a vida inteira ou que ele não prestou atenção, de repente em uma aula que ele fez ali, ele pega o detalhe, mas você vê que o curso é mais voltado a estimular o professor a dar aula. O caráter social é legal, eles querem pegar e trazer os alunos de outras disciplinas pra ver quais são as dificuldades dele, mas eu acredito que é uma aula de reforço é diferente, porque eles tem um plano de ensino que foi traçado não sei por qual maneira e eles tem de passar aquele plano de ensino em um determinado tempo, então se você ficar perdido, você tem que tentar acompanhar a sala da mesma forma.

P: Talvez acabe piorando a situação do que ajudando...

FR: ah, se for um aluno que não tá entendendo, você fica mais frustrado, né... porque, imagina, você tá trabalhando, você vai no intuito de entender uma matéria ou entender uma situação que você já não domina, aí você chega lá e essa matéria é passada como se fosse um flash na sua frente e você fica mais frustrado, você fala: “pô, eu vou aprender isso quando, então?”

P: Só para ficar claro, o Curso de Aprimoramento retoma conceitos do Ensino Médio ou ele reforça o que está sendo passado nas aulas de graduação?

FR: Eu acredito que eles reforçam os conceitos da Graduação...

P: Então de qualquer forma, você tem que vir de um Ensino Médio já sabendo do que se trata...

FR: Já sabendo... já tendo uma base do que se trata

P: Se a pessoa veio com um Ensino Médio fraco não vai fazer diferença esse Curso de Aprimoramento?

FR: Se torna mais difícil pra ela. Se você pegar uma pessoa que nunca foi boa de Matemática ou nunca foi boa de Português e cai numa sala de Curso de Aprimoramento sem saber o básico, ela engatinha... ela vai sair com mais conhecimento do que ela entrou, isso é óbvio, mas talvez ela não tenha o mesmo aproveitamento do que uma pessoa que teve o ensino de base...

P: Você falou que antes da faculdade você não teve nenhum recurso, sempre foram os colegas que te ajudaram... Nessa época, da escola, você achava que tinha possibilidade de ter algum recurso? Ou nem pensava nisso...

FR: Nem pensava, porque até então o colégio serviu como exemplo, né... Eu tive um estudo no qual eu dependia de um colega de sala pra estudar, pra copiar matéria e, bem ou mal, a gente sabe que nem todo mundo tá de bom-humor todo dia, então você tem que aprender a lidar com situações em que a pessoa num dia tava brava, não queria ditar a matéria ou não tava afim de fazer o que você tava fazendo, então tem meio que... além de ser amigo, tem meio que compreender também quando o... de repente, a pessoa que me auxiliava não estava disponível... então, por ser uma linha de amizade, eu também não podia cobrar como se fosse um serviço. Com o leitor eu posso, eu tenho um contrato que ele defende e... “olha, eu preciso que você me auxilie a desenhar um gráfico”. Se o leitor falar “não vou”, eu tenho um contrato que me assegura, “eu não consigo desenhar, você tem que desenhar pra mim”...

P: Já aconteceu alguma situação dessa?

FR: Comigo não

P: Você já soube de alguma situação dessa?

FR: Não... nada que seja uma bola de neve. Existe situações que eu escutei de leitores, como já escutei de alunos que você... o aluno é folgado, o aluno pede pro leitor copiar a matéria e, enquanto o leitor tá

copiando o aluno tá pescando, tá cochilando na aula... ou seja, o ledor tá... o trabalho dele, o esforço dele ali tá sendo em vão. Como já escutei também que o ledor copiou de qualquer jeito e deixou... e na hora que o aluno pegou pra estudar, num momento fora da sala, não entendeu nada do que tava acontecendo... ou quem foi ler pra ele não entendia nada, não entendia o capricho de uma letra, não entendia a marcação que foi feita no caderno. Então acho que, antes de você ter o caráter de “ah, eu vou ajudar”... tem que alinhar, com a pessoa que você está auxiliando, o que é ajuda e até onde eu posso ajudar. Porque senão fica um negócio, também, de você pegar pela mão e ficar puxando aluno pela mão e não da certo. Eu acho que, na minha opinião, o aluno também tem que mostrar... o aluno com deficiência tem que mostrar que ele quer progredir também, ele tem que... no trabalho, ele não vai ter um ledor do lado dele o tempo todo, então ele tem que procurar outros recursos, outras maneiras de aprender a usar daquele jeito... Até porque, antes de conhecer a ferramenta do ledor, antes da faculdade... eu me formei no colégio em 2002, eu vim a fazer faculdade no meio de 2010, parte porque não sabia o que eu queria fazer, em questão de disciplina, o que eu ia estudar... e outra porque, na escola, eu tinha os amigos que cresceram comigo, então eu tinha uma linha de amizade mais forte, agora, imagina, pra mim chegar numa sala que eu não conheço ninguém, nunca vi ninguém a vida inteira, você sentar do lado e falar: “oi, prazer, meu nome é tal, você pode ditar a matéria pra mim?” Pô, você chegar com isso de cara, até você fazer uma amizade, você já perdeu duas semanas de aula, e de repente você vai conversar com o corpo docente que vai ministrar a matéria e eles falam: “olha, eu posso te ajudar em mandar a matéria por e-mail, mas na sala não tem como a gente ter o computador pra você ficar acompanhando”. Então você fala: “poxa”... fica uma coisa puxada pra você, pra assim... eu tenho que me virar mas também não consigo fazer tudo sozinho... Então, antes de entrar numa faculdade, eu pensei muito nisso: “eu vou ter alguém pra me auxiliar na faculdade?”. Cheguei até a cogitar a hipótese de trazer alguém de casa, trazer um parente, trazer um amigo de fora, que estivesse disponível, pra me ajudar a copiar a matéria.

P: Então a maior questão é dentro da sala mesmo, porque fora... a matéria fora, o professor pode mandar, depois você vai acompanhar.

FR: É... do lado de fora, se for matéria digitalizada eu tenho o auxílio do computador com auxílio de voz. E mesmo se eu estiver em algum computador que não tenha o auxílio de voz, eu vou ter alguém, eu vou procurar alguém pra dar um suporte pra mim. Pode ser um amigo, pode ser a namorada, pode ser a mãe, quem tiver perto, passou ali na hora que tá com o computador ligado: “vem cá, lê isso aqui pra mim porque eu não tô conseguindo”. Até mesmo porque o software de voz, ele não abrange 100% da navegação. Hoje existe bastante página na internet que são imagens, eles usam uma imagem em caráter de foto pra transmitir um caminho ou transmitir uma versão de um programa que você tá usando. O software de voz ele interpreta que aquela imagem é uma foto, foto não tem caracter pro software ler, então... ele não funciona nisso. Então a hora que eu preciso de uma pessoa, um “vidente” que a gente chama, né, é uma pessoa que enxerga normal pra falar pra gente: “oh, você vai clicar naquele botão, tá escrito isso”. Então é... nesse ponto... tem jeito? Tem, só que ainda assim, digamos que você fica dependente ali uns 5% de tudo que você pode acessar.

P: Eu vou falar algumas palavras e eu gostaria que você dissesse o que vier à mente: Professor.

FR: Responsável a dividir o conhecimento, o professor que... você pega um professor que tem um nível de educação, um nível de entendimento mais abrangente que os alunos, você consegue conversar com ele, alcançando o nível dele. Pedindo um auxílio que ele consegue passar pra você, que vem ao caso do que eu comentei: eu vou ensinar o professor a falar do jeito que eu entendo. Se ele não puder, aí a gente procura outro meio. Mas, a partir do momento que ele tá ali pra ensinar a matéria, eu também tô ali pra ensinar ele a como falar comigo...

P: ... já que ele não sabe...

FR: ...já que ele não tem esse conhecimento de como tratar um deficiente, eu falo: “oh, você pode falar assim que é melhor”. Até mesmo em caráter de professor não enxergar eu como um coitado. Eu não cheguei ali porque alguém fez o favor de me trazer ali. Eu cheguei pra ser aluno dele com as minhas forças, com a minha vontade, então esse negócio de falar... de fazer aquele tratamento: “ah, então você faz assim...”, fala daquele jeito, começa falando daquele jeito mais manso, como se você fosse deficiente mental, né, porque começa a falar mais devagar como se eu não tivesse compreendendo, como se ele começar a falar rápido e eu não tivesse compreendendo o que ele tá falando. Então é onde eu pego muito no pé de falar que o professor precisa aprender a falar de um jeito que eu entendo. Lógico que a gente chega nessa abordagem em caráter de amizade, se o professor não consegue passar ou entender que é desse jeito, aí cabe eu a tentar conversar com aluno, tentar conversar com outra pessoa que consegue explicar com a mesma linguagem.

P: Você tem algum exemplo de situação em que isso tenha acontecido? Com algum professor... sobre a sua postura...

FR: Algum professor que eu cheguei a falar com ele e não consegui compreender...? Olha, é muito difícil, muito difícil, até porque em toda a minha vida de ensino, até professor de Educação Física conseguiu, a gente conseguiu chegar num meio termo de como ele me explicaria... porque é mais a vivência do dia-a-dia. No primeiro momento, o professor fala: “poxa, como que eu vou fazer isso?”.. Ah, tem um caso legal: eu sou formado eletricitista residencial e quando eu tava fazendo a prova para entrar num cursinho, um cursinho de seis meses, o professor que estava ministrando a prova era o professor que daria o curso de eletricitista residencial. E, no final do curso, ele chegou a falar pra mim que quando eu cheguei na prova, ele pos a mão na consciência e pensou: “poxa, como eu vou ensinar ele a mexer com fiação elétrica? Como eu vou ensinar ele a fazer um plano de estrutura, fazer uma planta baixa de uma casa?” E ele me chamava e falava assim: “olha, como que eu posso falar pra você de uma maneira.....” E aí ele dava a nomenclatura certo dos fios, dos disjuntores e a gente, num primeiro momento, deu um tropeçada, mas aí, conforme ele aprendeu que você falava o que era a linha de raciocínio, foi embora, não tive problema nenhum. Quando era alguma matéria em desenho, ele vinha e escrevia a matéria pra mim, falava: “olha, a lâmpada é assim, você tem quatro fio que aborda ela, do lado direito, geralmente, tem os dois que alimentam, do lado esquerdo tem os dois que devolvem energia”... E assim passou o conhecimento de uma forma fácil. Não sei se é porque eu sempre tive o caráter lógico de ... as coisas tem um padrão pra ser feito, mas eu entendia... sempre entendi muito bem. Uma matéria que eu sempre tive dificuldade foi inglês, até mesmo porque inglês não é uma matéria que dá pra se ditar, né. No início eu peguei a matéria de inglês soletrando. Me falavam: “W-E-espaco-Y-O-U-espaco” e ia, mas se tornava mais difícil. Aí teve uma professora que, vendo a dificuldade, ela falou: “ah, por que você não compra uma papel carbono e folha sulfite, coloca por trás do caderno do seu amigo, conforme ele escrever vai passar na folha pra você”. Depois que eu peguei essa dica também, a matéria de inglês ficou, parece que ficou, dez vezes mais rápido.

P: Então parece que é tudo meio que, assim, do jeito que a coisa vai acontecendo... não tem nada dado, tudo foi sendo construído...

FR: é, não tem um comportamento padrão: o aluno deficiente vai chegar na sala e o professor vai saber o que fazer e como fazer, vale muito do que aluno permite o professor fazer e o que o professor permite ajudar, até porque tem os dois lados da moeda, né. Tem professor que, às vezes, não tem a boa vontade de ensinar, que é uma coisa muito difícil de você ver, mas você tem o aluno também que quer tudo de mão beijada. Eu acho que quando o professor vê que o aluno quer o negócio tudo assim de mão beijada, é onde o professor sente e fala assim: “meo, eu tenho que ajudar, mas desse jeito eu acho que não vai”...

P: Isso é com qualquer aluno, na verdade...

FR: Com qualquer aluno, é um comportamento padrão do professor. Então você exigir do professor ou querer que ele faça as coisas por você é muito complicado. E você usar da deficiência pra isso, que eu já vi alunos fazendo isso, até por conta do Curso de Capacitação. Você pega um deficiente que: “ah, eu to aqui só pra passar o tempo”. Desculpa, o professor tá ali, ele tá sendo pago pra ensinar e você tá sendo pago pra aprender. Então eu acredito que o aluno tenha a responsabilidade de tá dividindo ali, de tá ocupando o espaço e responder pelo espaço que ele tá ocupando também, né, até porque o objetivo normal é você estudar pra trabalhar, quando você for trabalhar, lógico, dentro do que for a sua necessidade vai ter alguém te ajudando, não vai ter alguém pra fazer o trabalho por você. Então acho que, dentro do caráter profissional, você tem que ser muito íntegro e falar: “olha, eu preciso de ajuda até certo ponto, daqui pra frente eu sei fazer sozinho”

P: E seus colegas de sala?

FR: Ah, até o terceiro colegial, beleza, né, sempre tive amizades com todo mundo... Lógico, sempre tem alguma intriga, alguma coisa assim, alguém que acaba fazendo alguma brincadeira de má fé, alguma brincadeira de mau gosto, mas a gente sempre... até uma certa idade eu era encanado com a minha deficiência. Depois de uma certa idade pra frente, acho que eu era encanado até a sexta série. Da sétima série em diante eu comecei a brincar, comecei a usar a minha deficiência pra brincar com as outras pessoas, então isso fez com que eu tivesse muito mais amizade e que o pessoal aprendesse também a lidar com as minhas necessidades, né. Então ninguém nunca me pegou pela mão e falou: “olha, você vai pular do degrau da escada agora”. Não o pessoal... “Olha, a gente vai jogar bola, a gente vai chutar pra você e você chuta”. Você tá vivendo ali dentro da quadra, você tem que ter atitude de responder no mesmo nível. Eu sempre me senti preparado pra isso.

P: E na faculdade?

FR: Na faculdade... aos poucos venho fazendo amizade com outros alunos, mas ainda a gente vê que, não sei se é por causa que todo mundo trabalha, todo mundo tem outros valores... você vê que ... discriminação é uma palavra muito forte, não me sinto discriminado, eu sinto que ... que... se você não faz parte de um grupo, se você não faz parte de uma turminha, você... você pra aquele grupo é nada. Então não é porque eu sou deficiente que eles não gostam de mim, ele não... As vezes você pega um grupo que não conversa com você porque tem outros valores ou tem outros pensamentos no qual você não consegue ser compatível, da mesma forma que eles elegem e selecionam quem é que vai andar com eles, eu procuro selecionar quem é que vai andar comigo também. Tanto no caráter de postura e educação, quanto de ética, com questão a outros comportamentos que eu desaprovo. Não vou tá com um grupo que eu desaprovo os conceitos, o comportamento dele, simplesmente porque ele me ajuda a atravessar a rua. Não. Aquele grupo tem que ver que, se eu tenho uma dificuldade, ele vai ajudar dentro da dificuldade. Se eles acharem ético me ajudar, bem. Se eles não acharem, não conhecia eles antes. Eu vou me virar do mesmo jeito, não vou ficar pensando: “ah, porque eles não gostam de mim porque eu sou cego”. Eu não penso assim, penso que... a aceitação da turma é muito relativo. Tem gente que pode vir e falar: “poxa, que legal, você tem muito mais conhecimento a dividir do que a gente passar pra você” e tem o oposto, né, tem gente que acha que “não, peraí, não vou andar com aquele deficiente porque... ah, ele é deficiente, não... pô, ele vai querer que eu fique guiando, vai querer que eu leio tudo pra ele... não”. Então, acho que tem muito um caráter de educação do que é exclusão pro pessoal, né... Você vê que um deficiente, de repente, tem mais a ensinar do que a ser ensinado, são valores muito diferentes.

P: Ledor.

FR: Ledor... o ledor, geralmente, ele já é um... ele já é formado em alguma disciplina que, independente de qual matéria você tá ministrando, o ledor tá lá simplesmente pra ler, é a função dele. Então o ledor tem uma postura mais ética. Você vê que ele vai ter que passar a matéria pra você, seja ele falada ou copiada e vai tentar fazer você visualizar, em um campo global, o que está acontecendo. Já... acho que por ser formado num disciplina... os conceitos de ética, os conceitos de postura profissional ajuda muito, porque o ledor sabe da... o ledor sabe até onde ele pode conduzir um aluno deficiente... e a partir de que ponto esse aluno tá abusando da... da ferramenta. Porque o trabalho do ledor é auxiliar, não fazer, que é o mesmo caso do professor. O professor tem que auxiliar você a desenvolver que é o que o ledor também tem que fazer. Mas os dois pra responder pra você, não. Ninguém aprende nada por... por alguém fazer por ele, aprende se você fizer por você. Então ledor pra mim foi uma novidade, mas que foi uma novidade que veio a somar. Hoje, acho que, independente do lugar que eu tiver, se eu tiver um auxílio em um treinamento, na faculdade, num curso, numa prova, se eu tiver o auxílio de um ledor nesse caráter, nossa, eu... pra mim, não tem... eu vou brigar de igual pra igual. Até porque você responder uma prova de 70 a 80 questões lendo três linhas a cada cinco minutos... então, multiplica aí, quando tempo você vai ter pra ler uma prova de 70 questões. As vezes você lê a primeira linha, quando você chega na última você já não lembra o que você leu na primeira. Então você ter um auxílio de uma pessoa que passa essas informações que são escritas pra você, muito melhor.

P: Quando muda de ledor, como que é?

FR: Ah, pra mim é igual, é como se eu mudasse... mudasse de óculos. Porque o ledor, também... quando a gente muda o ledor, ele vai chegar... ele tem que saber como que ele fala pra mim. Então, se ele vai ditar, eu vou falar pra ele o que eu falei pro outro ledor: “olha, você vai ditar pra mim e eu vou tá escrevendo, você me fala”. Se tiver muito rápido eu peço pra parar. Se tiver muito devagar, eu falo: “não, pode ler normal”. Então, não sei se é porque eu já vim do colégio assim, né, que é uma matéria ditada, então pra mim é muito mais fácil... e com várias pessoas diferentes... então eu tenho que, a partir do momento que eu ensino o que o ledor precisa fazer pra eu tá fazendo a minha matéria, daí pra frente tá fácil.

P: Voltando um pouco: quanto tempo você demora pra chegar na faculdade, da sua casa?

FR: Demoro cerca de ... uma hora... pra gente deixar redondinho, uma hora e meia pra chegar com calma. E pra ir embora, também.

P: E do trabalho?

FR: Do trabalho dá menos, do trabalho dá uma hora.

P: Que horas você acorda, todo dia?

FR: Costumo acordar por volta das 6h20, 6h30.

P: Que horas você entra no trabalho?

FR: As 8h.

P: Que horas você vai dormir todo dia?

FR: Meia noite e meia, uma hora, nessa média aí.

P: Fora do espaço da faculdade, tem algum momento que você senta pra estudar?

FR: tem. Hoje tem, por causa, justamente, porque a faculdade manda muito exercício pra você fazer por conta. Então eu acabo usando hora de almoço, no final de semana que tiver em casa, eu procura tá fazendo. Mas assim... em casa e no horário de almoço, se eu tiver sozinho, muitas vezes eu... um exercício que eu desenvolvo com ledor escrevendo ou lendo alguma coisa pra mim, no tempo que eu demoro pra fazer um exercício com o ledor, sozinho ele multiplica em três. Porque você pega, de repente, uma conta de uma página de matemática, com o ledor eu demoro cinco minutos pra fazer, porque o ledor passa o valor, aí eu venho escrevendo e qualquer dúvida que eu tiver, eu tô com o ledor ali pra perguntar, até mesmo o que eu acabei de escrever, ou até mesmo o que que o exercício anterior, como foi feito. Em casa, não, em casa eu vou ter que fazer isso por conta, torna mais demorado, mais cansativo e dessa maneira, eu acho que, em casa estudaria mais, mas se tivesse mais tempo, também. As vezes em casa não tem a ferramenta adequada e eu não falo só de ter uma pessoa pra ler, você ter um equipamento que, por exemplo, uma lupa eletrônica, que nada mais é que uma câmera, uma webcam ligada numa entrada de vídeo numa televisão na qual você vai passar o papel o qual você queira ler na lente da webcam e vai ser transmitido numa tela. Então acho que não é todo deficiente que sabe fazer isso, eu aprendi agora, comprei um aparelho que, na minha opinião foi muito caro pelo tempo que eu utilizo ele, então eu acho que não... compraria se fosse mais barato... Comprei, atende minhas necessidades? Algumas, achei que atenderia mais. Mas sempre... acho que, por cada deficiente ter um entendimento do que fica melhor pra ele, é difícil você pegar um aparelho que atende 100% do desenvolvimento. As vezes o que acaba sendo fácil pra eu visualizar, pra outro deficiente, um material que eu uso não serve. Muito, digamos que você acaba gastando muito pra competir de igual, pra você buscar informação da mesma forma.

P: Tem mais alguma coisa que você queira falar sobre ledor ou sobre as questões que envolvam a sua formação acadêmica?

FR: Olha, sobre o ledor, eu não tenho muito o que falar porque é basicamente um contrato: o ledor tá ali pra ler, por ser uma pessoa você acaba se comunicando de outros assuntos, mas você tem que deixar bem claro, né, você não tá ali pra bater papo, você não está ali pra ter um vínculo de amizade. Primeiro, o ledor, depois é outro auxílio, depois é o fulano, depois é a menina, depois é... a pessoa que está por trás. O que ela está ali, primeiro, é pro trabalho. É igual uma... é igual num ambiente corporativo. Você tem uma amizade fora dali? É fora dali, dentro do ambiente corporativo, é questão de função de trabalho. Se meu trabalho é passar função pra você, você vai receber isso... o ledor é a mesma coisa, a função dele é passar matéria pra mim. Agora se o ledor quer passar a matéria e eu não quero copiar, quem tá perdendo sou eu, não é o ledor, o papel dele tá sendo feito. Com questão à formação acadêmica... olha, como formação acadêmica, eu achava que ia ser muito mais difícil. Não que não seja, eu tenho minhas dificuldades em cada disciplina, tem coisas que eu entendo, tem coisas que eu não entendo, mas eu to aqui pra aprender e... eu penso que eu vou me formar numa faculdade a qualquer custo, seja no tempo normal ou que dure mais tempo que o curso prevê. Eu acho que o mais difícil foi começar, a partir do momento que eu comecei, é só continuar no mesmo fluxo.

P: Como você se percebe daqui cinco anos?

FR: Pô, cinco anos é bastante tempo, hein? Cinco anos? Formado! Lógico, até porque eu tô terminando o primeiro ano de formação acadêmica, então tenho mais três a estudar, daqui a cinco anos... hoje eu já trabalho, então eu me entendo formado na disciplina que eu tô fazendo, penso que vou tá mais responsável com questão ao meu trabalho e procurar usar a formação acadêmica pra me desenvolver profissionalmente.

P: E a natação?

FR: A natação... a natação é um caso a parte. Eu tenho um hobby de natação paradesportiva que usou... usou, não... foi uma porta de entrada pra um mundo que... eu vi outras deficiências, seja ela física, auditiva, até mesmo os visuais com menos visão do que eu e... isso não fez com que eu tivesse dó de mim, não. Vi que muita gente aí que não tem um braço, não tem uma perna, as vezes não tem os dois... tá lá dando risada, fazendo piada, o povo rindo, leva uma vida completamente normal. Eu sempre tive uma vida normal, não foi por causa da natação que minha vida veio a ser normal, só que na natação eu vi que todo mundo tá com um limite e todo dia tá superando esse limite. Por conta disso eu usei muita coisa que eu aprendi em treinamento da natação, em treinamento... em comportamento de equipe pra fazer minha postura... Olha, hoje eu chego num restaurante, se eu não souber o que eu quero comer, eu chamo o garçon e falo: “olha, eu sou deficiente visual, eu tenho tantos por cento de visão, você pode me indicar o

que tem pra comer?”. Se for um self-service, eu peço auxílio pra me servir, se for a la carte eu pergunto pra ele dentro do que eu tô interessado a comer. Se for frango, se for massa, se for carne... aí ele fala as opções que tenho e eu escolho. Nunca fui maltratado, tudo vai de como você pede. Então já aconteceu de eu chegar num restaurante fast-food e o pessoal: “nossa, mas você anda sozinho assim?”, eu falei: “não, calma, eu tenho uma limitação, não é por isso que eu sou inválido”. Então, acho que de uns dois anos pra cá a acessibilidade cresceu bastante, mas tem muita gente que ouve falar na acessibilidade mas não sabe o que ela é. Fala que, ah, na acessibilidade você tem que ajudar uma pessoa com deficiência. Beleza, você tem, mas e quando a pessoa chega na tua frente, você tem que perguntar: “o que eu posso tá fazendo pra te ajudar?”...

P: ... e não fazer sem saber o que ela precisa...

FR: Não, é... muitas vezes a pessoa vira e fala: “não, vem cá, eu vou atravessar você!”, “não, mas peraí, eu não ia atravessar... [risos] Agora que você me atravessou, você pode me levar de volta, que eu ia continuar pelo outro lado?”. Até porque minha deficiência não é aparente. Só quando eu me identifico ou quando alguém já tem um olhar mais aprofundada com a pessoa com deficiência visual que percebe. Mas, mesmo assim, tem muita gente que quando eu falo, assusta. Eu já cheguei a ter ciclos de amigos e frequentar festas que eu fui com um amigo mais próximo e, dentre as pessoas que tavam dentro do ciclo da festa, até hoje não sabe que eu sou deficiente. E não é porque eu não quis falar. Não houve necessidade de eu me expor. Hoje, se eu precisar me expor, eu tenho tranquilidade e autonomia pra falar: “olha, eu preciso de ajuda até aqui, desse ponto eu consigo me virar, mas até aqui eu não consigo chegar”.

P: Tem mais alguma coisa que você queira dizer...

FR: Não... eu acho que, no caráter profissional, ter uma lei de cota é importante pra você exigir um comportamento das empresas, um comportamento ético que você tem... Todo mundo fala em caráter social, mas a partir do momento que você abriga um deficiente, você está melhorando a sociedade, porque primeiro você está ajudando o deficiente a se desenvolver como pessoa, e segundo, você tá numa empresa que você vai tá desenvolvendo seu trabalho. E seu trabalho é como de outro qualquer. Na hora que você olha a empresa de cima, ninguém quer saber se foi um deficiente ou se foi uma pessoa convencional que fez o trabalho, quer o trabalho realizado. Então eu sempre fui proativo. Não sei se é por causa da separação dos meus pais, eu sempre fui de cortar, parafusar, lixar, carregar, o que era preciso, eu fazia. Quando eu... já aconteceu de eu desmontar alguma coisa com um parafuso e... perder o parafuso no meio do caminho, então cabe eu saber me adaptar dentro dessas situações e... profissionalmente, hoje eu estou satisfeito, entendeu? Eu lembro de ... Eu trabalhei numa metalúrgica, no qual eu era auxiliar de embalagem, aí passei... auxiliar da embalagem, não. Eu era da embalagem, né. Aí na carteira tava como auxiliar de produção. E quando a empresa virou e falou, a chefia de primeira patente virou e falou que eu não poderia ser promovido porque eu estava numa lei de cota, eu achei antietico do chefe falar uma coisa dessa pra mim, falar que meu trabalho era menos importante do que uma pessoa convencional e não tinha possibilidade de uma promoção. Aí eu fui correr atrás do que era interessante pra mim.

P: Você saiu de lá...

FR: Eu saí da metalúrgica e hoje eu trabalho no setor bancário, no qual, é assim, a outra empresa eu tenho a agradecer porque me ensinou postura, me ensinou como primeiro emprego, me ensinou a me comportar como um trabalhador, a partir desse momento que eu entrei no setor bancário, é como se eu tivesse... numa escala de degraus, por exemplo, é como se eu tivesse saído do primeiro degrau e iso pro quinto. Porque eu passei a ter um trabalho melhor, um comportamento melhor, uma estrutura melhor que abordasse a minha deficiência. Porque você chegar numa empresa e falar: “olha, eu preciso de um software pra ler no computador”; “ah tá, a gente vai providenciar”... “olha, eu preciso de um leitor, preciso de um scanner na minha mesa pra tá lendo material impresso, eu digitalizo ele e ponho na tela do computador, ou ter uma lente de aumento diferenciada”. Pô, você escutar que a empresa está disposta a ter esse gasto pra ter a recompensa de eu desempenhar um trabalho mais competente, poxa, me dá força de vontade pra trabalhar de igual pra igual. E desde o primeiro dia que eu entrei no setor bancário não tem diferenciação. Eu tenho uma atividade a cumprir e essa atividade, eu sou cobrado, eu sou elogiado, eu tenho minha responsabilidade sobre ela, chega até a ser engraçado, eu atendo outros departamentos dentro da instituição e ninguém sabe que eu sou deficiente. Pô, legal? Legal, mas se eu precisar falar também, não tem problema, eu tô seguro do que eu tô fazendo... Bom, não imagino mais nada de mais... eu acho que, só pra fechar mesmo, deficiente não é um bichinho que, quando você vê ele na rua ou você corre pro outro lado, ou você pega ele no colo pra carregar, acho que você tem que saber respeitar o limite de cada um. Chega até a ser engraçado você falar isso porque, dentro de São Paulo, você respeitar a pessoa que tá do seu lado já é muito complicado, ainda mais sendo... você vendo um deficiente. O pessoal é todo mundo correndo, é um atropelando o outro, porque tem que correr, porque é cheio, porque o

transporte público é cheio, porque o trânsito, então acho que, de repente, um pouquinho mais de paciência com a pessoa que está com um pouco mais de dificuldade que você, favorece. Não sei pra quem você vai apresentar isso mas, pra outros deficientes, fica um aviso: eu acredito que se você tem que pedir informação, se você tem que pedir um auxílio na rua, saiba pedir pra pessoa certa. Procura pedir esse auxílio pra uma pessoa que tiver... se você tiver a possibilidade de ver, pedir pra uma pessoa que esteja melhor trajada, que tenha um comportamento não agressivo, ou procurar abordar, pode parecer engraçado, mas você procurar abordar uma mulher de meia idade que ela tenha paciência... meia idade, eu não tô falando que você não vai abordar um senhora, hein, eu tô falando que você vai abordar uma mulher entre 20 e 40 anos, a pessoa, a mulher já tem um sentimento de mãe, então você vê que ela tem a paciência de escutar que você tem a dificuldade, ela vai entender que não tá pedindo, que você não parou ela pra pedir esmola, você tá pedindo um auxílio pra você ler uma placa, atravessar uma rua, pedir informação de um caminho... e você procurar informação pra quem é um segurança, pra quem é um policial, te garanto que é muito mais seguro que você parar o primeiro indivíduo que veio na tua frente. Já aconteceu de eu pedir auxílio pra pegar ônibus e a pessoa me colocar em ônibus errado, ou até mesmo dar as costas, achar que eu ia assaltar... Então quando você vai pedir auxílio, você tem que ter... tem que ter firmeza no que você tá falando e saber que a pessoa pode reagir tanto pro sim como pro não, então você não pode deixar essas pessoas que... sei lá, te rejeitam na rua, deixar influenciar na sua vida, tem que pensar que você é uma pessoa que é mais um na sociedade, então como que você vai responder ao que a sociedade trata você... fica no seu discernimento. Nesse ponto, acho que eu concluo tudo o que eu penso como deficiente.

ANEXO E

Transcrição de Entrevista - Gabriela

P: Você acha que os programas de leitura de tela são bons?

G: São, ajudam bastante...

P: Mas poderia melhorar ou já é suficiente?

G: Não, poderia melhorar...

P: Em que sentido?

G: tem muitas coisas, assim, que eles não leem... tipo, por exemplo, sites... tem sites que não são muito acessíveis, eles não leem... é... acho que é isso.

P: Fala um pouco sobre a sua família, com quem você mora...

G: ah, eu moro com meus pais e um irmão mais novo. Assim, meus pais eles me ajudam um pouco até porque eles, eles só fizeram até... meu pai só sabe assinar o nome e minha mãe estudou só até a terceira série, então eles não entendem muito bem o que eu faço [risos], aí eles não conseguem me ajudar, mas o meu irmão mais novo, quando ele não está cansado, porque ele trabalha a noite, então é mais de fim de semana que ele me ajuda.

P: Você trabalha?

G: Trabalho, sou auxiliar administrativa.

P: Sobre a escola, conta a sua história na escola, como foi pra chegar até aqui...

G: então, eu terminei o Ensino Médio sem saber que eu não enxergava, então eu fiz sem nenhuma adaptação. Tipo, eu ia bem pertinho pra copiar da lousa, aí eu perdia muito tempo copiando a matéria e, as vezes, ainda copiava errado porque eu não via direito, aí eu pegava o caderno das minhas amigas pra copiar a matéria... e eu ia no oftalmo e ele nunca falou nada, simplesmente ele aumentava o grau do meu óculos e não falava nada.

P: E como você descobriu?

G: Então, eu descobri depois dos 18 anos que eu não conseguia mais ler o livro, que eu lia bem de perto, depois eu não conseguia mais ler e ele falou que eu tinha... que era pra eu ir pra casa porque eu ia ficar cega, que era pra eu me aposentar... foi isso que ele falou.

P: O mesmo médico?

G: Não, foi outro, que eu passei bastante, Eu passava no oftalmo desde os sete anos de idade, no SUS, né... e depois, aos 18, meu pai também não acreditou, né, e ainda pagou os médicos particulares, uns dois, e eles falaram a mesma coisa. Aí ele acreditou... mas pra ele, assim, foi muito difícil.

P: E pra você entrar aqui? Vestibular.... como foi?

G: Ah, o vestibular foi... eu achei que ia ser pior, mas assim, como tinha o ledor, ele ajudou bastante.

P: Você solicitou um ledor...

G: solicitei.

P: E por que você escolheu esse curso nessa instituição?

G: então, eu escolhi esse curso porque tem a ver com a minha profissão, né... auxiliar administrativo... e eu queria conhecer mais a fundo e... eu escolhi a instituição porque eu conheço vários, assim, umas duas ou três pessoas que fizeram o ensino superior aqui. E aí eu pesquisei nas outras faculdades e nem todas disponibilizam ledor na...

P: Então o diferencial maior foi a presença dos ledores?

G: ... dos ledores, isso e porque ela também fica mais próxima da minha casa. Entre o percurso da minha casa e do trabalho, fica mais próximo pra eu ir embora.

P: Quanto tempo demora pra você chegar aqui, da sua casa e do trabalho?

G: Então, do meu trabalho até aqui é uns 40 minutos e daqui até minha casa é mais uns 50 minutos a uma hora.

P: Quanto tempo você tem por dia para estudar, fora da faculdade?

G: Fora da faculdade? Umas duas horas, de manhã.

P: E que momento é esse?

G: Tipo das sete as nove...

P: Enquanto você está indo pro trabalho?

G: Não, que eu entro a uma no trabalho...

P: Pensando nisso, qual que é o papel dessa instituição nos seus estudos?

G: Qual o papel? Ah, o papel dela é... ela ajuda bastante a adquirir os conhecimentos, exceto os professores, que tem alguns que ficam explicando “aqui e ali”...

P: Como que é “aqui e ali”?

G: Tipo assim, o professor vai explicando contabilidade, aí ele explica assim: “Esse valor sai daqui e vem pra cá, que sai daqui e vem dali” e aí fica difícil pra gente, né... As vezes a gente tenta conversar com o professor, mas... as vezes ele nem sabe como lidar com a gente, ele acha que não tem outra forma de ensinar...

P: Você já chegou a falar com algum professor sobre isso? Conta como foi...

G: Já... ah, tipo, ele tentou me evitar...

P: Como assim? Você chegou e “ah, professor”...

G: “Ah, professor, não tô entendendo, me explica” [risos], aí ele começou a explicar “aqui e ali” e eu: “professor, eu não entendo aqui e ali”; ele: “mas não tem outra forma de explicar”. Aí um outro colega, o FL falou “não, professor, eu explico pra ela”; “ah, você explica pra ela? Então tá”, aí o FL foi me explicar e ele foi pro outro lado...

P: FL que também é...

G: ...deficiente visual, é, parcial.

P: Antes disso, antes da faculdade, você não utilizou nenhum recurso pra fazer uma comparação com o que era antes e o agora, né. E o que você conhece de outros lugares, você falou de outros lugares que fazem uso disso, fala um pouco sobre.

G: Ah, assim, tem aspectos que eles falam que é pior que aqui, tipo o ledor, às vezes, a faculdade que não tem, as vezes ela diz que vai disponibilizar e, chega na aula, não tem ninguém... e o aluno precisa ficar indo na diretoria e perde a aula e se estressa...

P: Agora eu vou dizer algumas palavras e gostaria que você desse sua opinião: Professor.

G: Professor? Ah, é essencial pra aprendizado...

P: Em que sentido?

G: No sentido que ele tem que passar o conhecimento dele da melhor forma possível, pra que todos entendam. Se ele não estiver disposto a passar tudo o que ele sabe, não... não adianta eu tá com vontade de aprender ou não.

P: Você acha que seus atuais professores estão dispostos a passar?

G: Sim, a maioria, sim. A maioria são atenciosos com a gente, pergunta se a gente tá entendendo... um ou outro que não, né.

P: E os colegas de sala?

G: Assim, eles não se aproximam muito [risos]. Não sei se é porque eu sou muito quieta, também... Mas, tipo assim, eles ficam meio com receio de chegar na gente...

P: Por que você acha isso?

G: Ah, eles me passam essa impressão. Eles ficam no canto deles, eu fico no meu...

P: Então você não conversa com nenhum dos seus colegas de sala...

G: Agora eu converso mais, que eles falam comigo, eu chego e falo “boa noite”, eles falam “boa noite”...

P: E o ledor?

G: Ah, o ledor, as vezes... [risos] tipo assim, as vezes eles atrapalham um pouco, eles confundem um pouco a gente... Ah, eles confundem a gente, ficam conversando entre eles, conversando em LIBRAS com não sei quem lá do outro lado da sala, ou entre elas duas...

P: Elas duas? Tem mais de um ledor aqui?

G: É, tem duas... elas ficam conversando, conversas paralelas entre elas, aí a gente quer perguntar alguma coisa, elas tão conversando...

P: Você acha que falta um pouco de interesse pra ajudar... ou disposição... o que você acha?

G: ah, eu acho que falta um pouco de disposição, né, porque a gente já falou com a Inclusão, porque elas foram falar que era a gente que tava conversando e não era assim, mas não resolveu nada, elas continuam falando, falando entre elas...

P: E não mudou de ledor...

G: não, não mudou, porque eles só vão mudar de ledor no fim do semestre.

P: Já houve alguma mudança de ledor?

G: não, desde o primeiro semestre são elas...

P: E você acha que desse jeito vai dar pra fazer suas coisas tranquilo... porque essa situação, parece que pra você não está muito agradável... Você acha que isso está te prejudicando de alguma forma?

G: É, não é muito confortável... Por enquanto, não [está incomodando].

P: Você acha que precisa ter algum relacionamento de amizade, um relacionamento mais íntimo, mais próximo com o ledor? Qual você acha que é o papel do ledor?

G: Ah, eu acho que não. O papel do ledor é escrever as coisas, quando o professor está escrevendo, falar o que ele tá escrevendo, se ele faz alguma expressão, ou mostra, tipo, algum quadro, e ela descrever... escrever pra gente.

P: Você tem a impressão que... quando eles estão conversando, eles estão achando que você não tá sabendo o que está acontecendo?

G: Ah, em LIBRAS ela acha que sim, né [risos]... Eu sei que ela tá falando em LIBRAS, pelo movimentos, aí as vezes acaba até distraindo um pouco da explicação do professor.

P: Então é mais nesse sentido de atrapalhar a concentração...

G: Isso...

P: Você acha que elas foram treinadas?

G: Ah, eu acho que elas foram orientadas, sim, mas eu acho que é mais dela, mesmo, do comportamento delas...

P: Se mudasse de ledor, melhoraria?

G: Ah, eu... não sei dizer se melhoraria, poderia vir um pior, né.

P: E o tempo? Na sua opinião, quanto maior o tempo com um ledor, melhor fica?

G: Ah, eu acho que fica melhor porque ele já conhece como que você é, seu jeito, porque a adaptação é muito... maçante, né. Porque até a pessoa te conhecer, como que você precisa que leiam, quanto que você vê, demora um tempo... bastante, bastante tempo. Quando o ledor já tá com você há mais tempo, já... acho que já flui melhor

ANEXO F

Transcrição de Entrevista – Igor

I: Caminhada longa, viu, cruel... ainda mais quando você não se identifica com o curso...

P: Você não se identifica com o curso?

I: Agora não, perdi o gosto, por uma série de fatores...

P: Mas por quê? Não tem nada a ver com...

I: Não... exatamente, não tem nada a ver com o que eu imaginava que era e eu sou apaixonado pelo que eu faço profissionalmente.

P: Que é o quê?

I: Trabalho na área de Radiologia. Sou auxiliar técnico em Radiologia, eu amo o que eu faço, só que não dá pra se especializar porque... é imagem, né.

P: E aí você faz o que na Radiologia, então?

I: Eu faço a parte de revelação... poderia fazer alguma coisa direcionado pra fotografia, que é o que Jonas faz, que Verônica faz... Mas agora não dá tempo mais, já tinha começado o curso.

P: Você não pensou de trocar pra outro curso, dentro da Faculdade Y mesmo?

I: Pensei, mas já tava no final, aí eu...

P: Quando você viu já tava acabando, né... [risos]

I: É! Aí eu... como desafio, com uma experiência de vida, também, né, que conhecimento ninguém tira da gente, né...

P: E quando você terminar, pretende fazer o que com essa faculdade?

I: não sei ainda... exatamente, aí que tá, a maior dificuldade minha é isso aí, administrando com muita dificuldade, chegando agora na reta final, parece que tá fácil, mas não tá, não...

P: Fala um pouco sobre a sua família.

I: Minha família, nós somos em seis irmãos, de deficiente visual só tem eu e meu irmão mais velho que perdeu a visão com 12 anos e eu perdi com 20, que eu perdi de um olho com 14 e do outro com 20 e... minha família é toda dividida, mora dois irmãos em M..., meu pai e outro irmão moram em R..., eu moro aqui com a minha irmã, que praticamente não para, não fica em casa, praticamente não mora comigo, né, ela fica com... ela arrumou um namorado e fica na casa do namorado, isso já tem 2 anos, aproximadamente e... eu me viro muito bem sozinho, graças a Deus.

P: Você é qual irmão, na...

I: Sou o segundo, desculpa, o terceiro...

P: Seus pais?

I: Minha mãe é falecida, quando ela faleceu eu tinha oito anos... meu pai mora em R..., foi pra lá a trabalho, gostou de lá e permaneceu por lá.

P: No seu dia-a-dia tem mais alguém que você conviva mais...?

I: ...convivo mais, atualmente, com a minha noiva, que... to sempre com ela, né, também não poderia ser menos, né [risos]

P: Vocês... se encontram todo dia...

I: é... como a gente estudava na faculdade, a gente pratica esporte e defende a mesma instituição... agora a gente tá, optou por não ficar por instituição nenhuma, estamos só pela Faculdade Y, então a gente se vê quase todos os dias...

P: Ela é deficiente visual também?

I: Sim, é a Verônica, ela também é deficiente visual, ela estuda aqui na faculdade, também faz relações públicas, ela está no 5º semestre.

P: Você conheceu aqui?

I: Não, eu conheci na escola de braille, a gente foi aprender o braille e fazendo o Ensino Médio e, por influência, ela veio estudar aqui na faculdade, através de mim.

P: Você falou de braille: você sabe braille? Usa aqui na faculdade?

I: Sim, sei. Não uso aqui na faculdade porque, além de eu não gostar muito do braille e ser um pouco acomodado nesse sentido, é porque o braillei prat... ficou defasado, né, com o crescimento da tecnologia, o braille ficou pra trás, é ultrapassado, né, porque o computador lê, a gente meio que se acomodou porque tem o áudio... e o suporte que faculdade dá também. E Eu tenho uma série de dificuldade, uma dificuldade enorme com o braille porque eu começo a ler o braille, começa a me dar dor de cabeça porque eu fico tentando enxergar os pontinhos... eu ainda tenho memória ótica, ainda enxergo... com o olho fechado, eu fico vendo cores, azul, amarelo, então ficou muito presente em mim isso ainda, porque eu perdi a visão já com 20 anos, né, aí eu fico querendo enxergar o pontinhos e começa a me dar dor de cabeça e eu não consigo acompanhar a leitura. Tenho uma séria dificuldade, se for pra ler uma página, eu leio, mas leio pra mim, né, se for ler em voz alta não sai muita coisa, mas pra mim dá sequência nisso me começa a dar dor de cabeça e eu não consigo ler mais, aí trava.

P: Alguém te perguntou alguma vez se você queria usar braille?

I: Não, ninguém nunca perguntou se eu queria usar braille... mas eu cheguei a usar no primeiro semestre, no primeiro e no segundo, porque eu imaginava que fosse conseguir acompanhar com o braille... abandonei.

P: Fala um pouco sobre sua trajetória escolar...

I: Então, eu estudei na escola, sempre estudei junto com todo mundo em escola pública, né, todo mundo que eu digo é as pessoas que não tem a deficiência, porque eu também não tinha na época. Estudei até a quarta série na escola comum, tinha um pouco de dificuldade de enxergar a lousa, mas o óculos corrigia um pouco, eu sentava sempre na primeira carteira... e estudei até a quarta série, aí meio que me acomodei, parei de estudar, aí voltei a estudar com 17 anos, depois de fazer uma cirurgia no olho, que já tava com, já tinha praticamente perdido a visão, fiz um cirurgia de catarata e minha visão voltou, aí eu voltei a estudar, aí eu defini dentro de mim mesmo: “enquanto eu tiver visão, tenho que aproveitar pra estudar porque, quando eu perder a dificuldade vai ser grande mesmo”... e voltei a estudar, depois com 20 anos vim a perder a visão, quando eu perdi a visão eu vim tentar uma oportunidade em São Paulo, né, porque eu morava em M..., lá não tem recurso nenhum para o deficiente lá, eles não estão preparados, aí eu vim tentar uma oportunidade emprego aqui. Comecei a trabalhar numa gráfica, trabalhei um ano e oito meses, aí fiquei desempregado e fui prestar um concurso. Quando eu fui prestar o concurso, caí na real, “preciso estudar, não tenho condições de ficar do jeito que tá”, porque foi muito só no chute, a pessoa começava a ler as questões e eu só falava “a”, “b”, por eliminação e... sem entender nada do que tava sendo passado pra mim e... me conscientizei que eu precisava estudar. Então foi devido a isso que eu voltei a estudar também, né. E eu comecei a fazer um estágio no hospital logo na sequência, de auxiliar de radiologia, e para conseguir a carteirinha do conselho teria que ter ensino Médio completo... aí me motivou mais ainda. Eu comecei a fazer o Ensino Supletivo e fiquei supreso porque não tive muita dificuldade no Ensino Médio e a escola pública não disponibilizava ledor, que acredito até hoje aconteça isso. E quem eram os leitores nossos, em sala de aula, eram os próprios colegas de sala. Aí quando surgiu a oportunidade de vir pra Faculdade Y foi através do esporte, que eu comecei a, logo em seguida eu conseguia conciliar o atletismo e o emprego que eu tinha no hospital, o estágio no hospital, que logo na sequência veio a se transformar num emprego. Aí surgiu a oportunidade de eu praticar esportes, correr, e eu corria com muita dificuldade porque sou de asma e pra corrida você precisa do fôlego pra correr e não tinha como respirar direito e foi tudo superação. Fui superando etapa por etapa... Aí, logo em seguida, eu entrei pra uma associação que falava do projeto aqui da faculdade, aí fizeram a parceria, entrei pra faculdade e tinha que optar por um curso. A princípio meu sonho de consumo era fazer ou fisioterapia ou educação física, só que Fisioterapia só tinha no período da manhã, no período da manhã não dava pra eu vir porque tinha que treinar pra tá praticando, pra continuar a prática do esporte, senão não dava, então não tinha um horário vago na parte da manhã. E a tarde eu trabalhava, trabalho, no hospital. Então, Educação Física, que tinha a noite, eu fiz um autoavaliação sobre o curso, era interessante só que o fundamento de um professor de Educação Física é corrigir movimentos, e eu fiquei pensando nisso, como que uma pessoa deficiente visual vai conseguir corrigir movimento? O que me barrou nesse momento foi isso, foi uma decisão pessoal, não foi ninguém que chegou em mim e falou. Aí eu, depois eu achei que não deveria ter feito, mas tem vários colegas aqui na faculdade mesmo, que são deficiente visual e que estão fazendo Educação Física, que isso não é barreira nenhuma, o fato de corrigir movimentos. Tem como solucionar isso que

parecia uma problemática. Acaba virando uma solucionática [risos]... eu falo sem parar... você me perguntou mais alguma coisa? Tem mais alguma pergunta?

P: Eu queria q vc falasse com quantos anos você parou de estudar a primeira vez e com quantos voltou... e depois também...

I: Eu parei a primeira vez com doze anos, na 4ª série, aí voltei a estudar com 17, estudei até os 19, aí parei de novo devido à visão, não conseguia acompanhar as aulas, aí voltei a estudar depois com 26 anos, no supletivo do Ensino Médio.

P: Você já falou um pouco, mas eu queria que você falasse mais especificamente porque você escolheu esse curso nessa instituição?

I: O curso... foi por... por falta de opção, mesmo, porque eu fui por eliminação e eu imaginava: “eu tenho que procurar um curso dinâmico”, participei de alguns eventos, assim, que eu ia visitar e achava que, dentro da grade de relações públicas... então, o curso eu escolhi porque imaginava que fosse um curso dinâmico e tinha a disciplina de Eventos, que eu acompanhei alguns colegas que faziam Eventos e eu achei interessante porque “ah, eu vou poder aplicar isso”, que é uma coisa bem dinâmica, mas no decorrer do curso eu fui perdendo o encanto pelo curso... e... e a faculdade foi devido à parceria com o esporte mesmo e a inclusão que Faculdade Y faz com o deficiente que é, no meu ponto de vista, é um dos melhores, não acompanhei outras faculdades, né, não tenho notícia, mas a Faculdade Y, nesse quesito em relação ao deficiente, onde ela tem os projetos sociais são muito bons mesmo.

P: Então, pensando nisso, pensando na sua formação, qual que é o papel dessa instituição?

I: O papel desta instituição, é... o conhecimento que eu adquiri durante o tempo de curso, aí vai ter uma importância muito grande pra mim... e saber que, aqui vai tá aberto vagas pra outros colegas virem, outros colegas deficientes visuais, tanto é que, quando surgiu a oportunidade eu fui um dos primeiros a vir desse projeto de atleta solidário e, na sequência, veio o Silvio comigo também, mas eu que insisti muito pra trazer ele pro projeto, chamei o Jonas também, o Jonas está fazendo História, tá cursando História; A Talita que está fazendo Educação Física, e na sequência veio Verônica, então, assim, pra mim não é merito nenhum, mas eu fico muito feliz que eu participei desse projeto e que não ficou só em mim, não parou só na minha pessoa.

P: Qual que é a sua rotina, como é seu dia?

I: Meu dia não tem uma rotina definida, não. Normalmente eu acordo 6h da manhã e saio de casa umas 7h, não é todo dia isso, tem dia que eu durmo até um pouquinho mais tarde, porque esses dias que eu acordo 6h da manhã são os dias que eu vou treinar e, do treino eu vou direto pro serviço e do emprego direto pra faculdade.

P: E quanto tempo demora do seu trabalho até aqui? Que tipo de meio de transporte?

I: Demora 50 minutos no máximo, só de metrô.

P: E daqui para sua casa, quanto tempo é?

I: Uma hora e meia e ... agora tá demorando uma hora e quarenta, uma hora e cinquenta, porque minha noiva também tá estudando aqui e eu fico esperando ela... e eu faço um trajeto maior, quando eu vou com ela, então eu acompanho ela até uma estação, até a estação O. E, de lá, eu pego um ônibus e vou pra casa. Mas quando ela não vem ou ela não estudava, eu ia pra casa direto, com mais pressa, né, mas agora os fins justificam os meios, né.

P: Antes de você entrar na Faculdade Y, você teve algum recurso? Fala um pouco sobre isso... dentro da escola, nos estudos...

I: Infelizmente não. Eles não disponibilizavam de computador... pra entrar na escola, eu tive que apelar, eu tive que usar a argumentação que eu ia na delegacia de ensino, porque eles não queriam disponibilizar vaga. E já tinha expandido a inclusão, então eles eram obrigados a dar suporte... a incluir o deficiente e dar suporte pro deficiente, mas lá eles não levavam isso em consideração, então eu não tive suporte nenhum. A ajuda que eu tive era dos próprios colegas de sala, que ficavam ditando a lição pra mim, na época eu não usava o gravador, não tinha computador também, pra dar o apoio pra gente, pra nos auxiliar, então era bem precário, assim...

P: E quem definia quem te ajudava?

I: A princípio começou com eu mesmo, eu encostava numa pessoa e perguntava... uma pessoa que era muito minha amiga, que ficava conversando comigo na hora do intervalo e pedi ajuda pra ela. Nos

primeiros dias eu só ficava ouvindo em sala de aula, só que a lição, as matérias era tudo passada na lousa, eu perdia tudo, não tinha como acompanhar, ficava só avoado na sala e aula. Até que um certo dia, eu pedi pra alguém ditar pra mim, eu ia escrevendo em braille, depois eu fui... na época eu consegui desenvolver bem o braille, porque eu tava precisando mesmo, não tinha outro recurso... na reglete... não tinha máquina... então não tinha uma pessoa específica, não. Normalmente eram duas pessoas que me ajudavam em sala de aula, que é o que acontece nos dias de hoje, né, porque as pessoas acham que só aquela pessoa que ajuda sempre é que pode ajudar e isso não é regra, né, qualquer pessoa pode ajudar.

P: Como assim só aquela pessoa pode ajudaR?

I: Em relação a tudo, em relação a ditar lição, qualquer pessoa poderia tá ditando a lição pra mim e... em relação ao deslocamento de um lugar pro outro, se a gente tá andando na rua: “ah, tá vindo a pessoa ali que ajuda ele sempre”, aí então a pessoa se acomoda e não ajuda por esse fato. Isso é a sociedade, praticamente, num todo, porque aonde eu trabalho é a mesma coisa e... agora eu comecei a me impor mais, eu questiono eu falo “não, não é só uma pessoa que pode ajudar, não, qualquer pessoa pode ajudar”...

P: O pessoal da sua sala, como que era antes? Teve alguma diferença ao longo do curso? Alguma mudança... na questão de relacionamento com os colegas de sala.

I: A princípio, os colegas de sala ajudavam muito mesmo, assim, até inclusive quando eu comentava há alguns momentos atrás que a gente foi os pioneiros a chegar na Faculdade Y, a faculdade ainda não tinha esse projeto de contratação de ledores, a gente passou o primeiro semestre todinho sem leitor e só tinha uma pessoa que nos acompanhava, que ditava lição e nos ajudava bastante, mas os outros colegas da sala eram muito próximos, o dia que a pessoa não vinha, alguém se prontificava, então... no decorrer do tempo, o relacionamento foi esfriando aos poucos, um pouco culpa da gente, minha e do Silvio, por ter, nós, os dois deficientes em sala de aula, aí meio que centralizava um com o outro na hora de ter uma conversa paralela, ficava focado só nós dois e o restante da sala meio destacado, então foi criando uma certa meio que antipatia por umas certas pessoas quando tinha alguma apresentação de trabalho em sala de aula e... os professores, no nosso curso, pedem pra gente dar nota, fazer um julgamento pra sala inteira ouvir e, muitas vezes, a gente dava a opinião que a gente, por não enxergar e ter o nosso ponto de vista, a gente não ficava passando a mão na cabeça de ninguém, eles interpretavam de outra forma, aí começou a criar uma certa distância disso. E até no... a gente tinha muito, depois do terceiro semestre em diante, a gente sempre teve dificuldade de se integrar em algum grupo, a gente tinha que ficar mendigando oportunidades, os professores tinham que vim posicionar já os grupos pra falar quem vai ficar com “eles”, até quando chegou no 4º semestre eu e o Silvio fazia o trabalho sozinhos, fizemos o semestre inteiro trabalho sozinho e, no meu ponto, eu questionei bem no final do semestre que eles não estavam sendo preconceituoso comigo e com o Silvio, eles tavam sendo com eles mesmos e perdendo a oportunidade de já tá exercendo a parte social do trabalho que eles vão exercer no futuro. Então, dali em diante a gente não ficou mais sem grupo. Pra formação do T.C.C. não fomos nós que escolhemos... não foi um grupo que escolheu nós, fomos nós que escolhemos o grupo.

P: O fato de ter um leitor na sala ajudou a afastar?

I: Sim, ajudou. Ajudou bastante, tanto é que, numa certa fase que a gente tinha um leitor dentro de sala de aula, que o leitor era mais amigo da sala que nós das outras pessoas. Mas a culpa não era do leitor, foi uma coisa que foi acontecendo natural, e a gente chegou a discutir entre eu e Silvio, falando assim que a gente tá responsabilizando a sala, muito, por essa distância no relacionamento, mas tem nossa parcela de culpa, devido à gente não se envolver nos assuntos, até ele mesmo, nosso leitor na época era o Vitor, ele mesmo mexia muito com o nosso brio, falava pra gente se manifestar mais, não aceitar tudo calado, o que era imposto pra nós, fez a gente se envolver, também, se integrar com a sala e nos ajudou bastante também.

P: Tocando nesse assunto, qual você acha que é a função do leitor?

I: A função do leitor, o nome já diz. Leitor, ele tem que ser os nossos olhos e não ficar preso só na leitura, só ler o que o professor escrever na lousa e não... tem a parte importante também... principalmente pra eu e pra S, e pra alguns colegas que tem baixa visão, não sei se é tão... se seria prioridade, assim, mas descrever com detalhes o... o que acontece em sala de aula, como que tá o movimento e o papel do leitor é ser leitor mesmo e ser amigo, também, do deficiente, porque algumas vezes a gente alguma antipatia com algum leitor, não foi culpa deles, a gente teve a nossa parcela de culpa também e teve uma certa dificuldade de relacionamento com o leitor.

P: E como é que isso foi solucionado?

I: Foi, infelizmente, foi a troca de ledor...

P: E quanto tempo essa pessoa ficou com você?

I: Ficou um ano... a primeira troca de ledor que nós tivemos foi um tanto quanto desastrosa, porque aí já não foi conosco, foi uma... pelo contrário, a gente tinha uma comunicação muito boa com o ledor e... e não era só comunicação, a gente... foi o nosso melhor semestre na faculdade, que a gente conseguiu absorver bem, não é nem pela ajuda, assim, porque ela não tava na nossa ajuda, nosso ajudadora, ela era nossa ajudadora, mas não era uma pessoa que fazia por nós, ela fazia a gente fazer, entendeu? Então, e a direção da faculda na época, que agora já foi trocada, infelizmente teve uma coisa pessoal contra ela e... mandou essa pessoa embora, injustamente, de uma forma tão arbitrária... Mas, infelizmente... a gente superou, na sequência veio o Vitor que também foi muito importante pra nós, depois a Amanda e agora é a Sabrina.

P: Quando muda de ledor, como é que é?

I: então, eu... a princípio eu achava um pouco desastroso porque a gente acaba criando um vínculo de amizade, mas, independente desse vínculo de amizade, nós, deficientes, a gente costuma confundir um pouco, porque, independente dele ser seu amigo, ele é um profissional, então a gente tem que tá preparado. Eu me encontro preparado, agora se, no caso, vier a ter que trocar de ledor ou, igual no dia de prova, como somos dois deficientes, dois visuais na sala, aí a direção tem que mandar um ledor pra acompanhar um de nós, eu, atualmente já me encontro preparado pra, qualquer pessoa que vier, eu poder tá, se eu ver que a pessoa tá lendo muito rápido, eu informo pra ela, eu falo: “lê com mais calma, eu peço por gentileza”, porque a gente conversa, tem uma interação muito boa com ledores, como eu costume ter, então... a diferença quando muda de um ledor pro outro, hoje, pra mim não causa tanto efeito, não.

P: E o professor?

I: Os professores, infelizmente, e isso é desde o Ensino Médio, não é só agora no Ensino Superior, eles não estão preparados pra trabalhar com o deficiente. Não tô generalizando, porque tem alguns que se esforçam, que dão o máximo de si pra tentar nos ajudar. Agora tem uns que não, já, infelizmente, vão passando e “tenta pegar com o colega” e esquece a parte deles, que é dar um suporte melhor para o deficiente. Infelizmente, na Faculdade Y também e... inclusive, presenciamos a ter uma situação de preconceito do professor perante a sala de aula...

P: Você pode contar?

I:... sim, que... o professor, ele não gosta, essa pessoa, esse professor, ele não gosta de deficiente, somente visual e de pessoas de cor negra. É muito forte isso, mas é muito triste também, o que aconteceu comigo foi em relação à minha deficiência visual, que ele tava fazendo atendimento em grupos e eu não sabia que ele passou a lista no primeiro horário, não sabia que ele ia dar aula no segundo, eu fui pro intervalo e voltei um pouquinho tarde, devido a eu não saber que ele estaria passando... como ele passou a lista no primeiro horário... quando eu entrei em sala de aula, ele tava com um grupo, uma panelinha que ele juntava ali na frente e “você pode saindo que eu já fiz atendimento com o seu grupo” e eu ignorei ele, entrei e sentei na sala, mas eu acredito que eu, eu, por medo de represália, eu não tive... porque ele que ia aplicar a nota pra mim, eu deveria ter subido na coordenadoria e ter apontado isso e... não foi só comigo, com o S também. Essa pessoa... o S precisou de pedir um auxílio pra ele, ele vai lá e: “se vira lá na internet, lá” e eu acho que a postura de um professor não deve ser essa, né, “faz do seu jeito lá e depois a gente vê”. Aí o S fez do jeito dele e trouxe pra ele e recebemos a nota muito baixa, recebemos um, tiramos um porque ele não deu auxílio, não deu apoio e nem explicou a matéria, o que era pra ser feito.

P: E de uma maneira geral, os professores...

I: Os professores... se tivesse que conceituar “bom” ou “ótimo”, eu diria que “razoável”, porque alguns se esforçam, precisam melhorar bastante mesmo, principalmente nessa parte de... de... de aplicar a aula pra um deficiente, assim, um deficiente visual, quando, em algumas oportunidades eles selecionam uns filmes pra passar, eles selecionam filmes legendados... teve várias vezes de eu ficar muito triste e ir pro auditório, chegar lá e abandonar, porque eu falei “eu não vou ficar aqui porque não dá pra acompanhar”. Por mais que esteja um ledor... porque não é só a leitura, ele lê as falas, porque precisa descrever o que se passa no filme... aí, o ledor é capaz de fazer tudo isso, mas a gente não consegue absorver a ideia que o filme quer passar, devido a isso, né...

P: ...porque é muita informação...

I: ... exatamente...

P: Existe alguma coisa que você queira falar, deixar....

I: A oportunidade de tá passando um pouquinho do que é um deficiente, o dia-a-dia de um deficiente, falei um pouco de mim, que sou uma pessoa que, graças a Deus, tudo o que veio pra mim, veio com muita luta e eu valorizo muito por isso. E agradeço a Deus por estar de pé até hoje nessa caminhada e firme aqui na faculdade, já estamos no 7º semestre, aos trancos e barrancos, mas... o objetivo principal é concluir o curso e cada dia vencer os desafios. Obrigado.

ANEXO G

Transcrição de Entrevista – Maitê

P: Fala um pouco da sua família

M: ah, minha família... eu tenho minha irmã gêmea, tenho uma irmã mais velha, meus pais são separados, eu moro com a minha mãe, minha vó e minha irmã gêmea...

P: Sua irmã gêmea também teve descolamento da retina?

M: Sim

P: E ela faz faculdade também? Ela tá fazendo o quê, hoje em dia?

M: não... ah, ela trabalha... só. Ela trabalha num banco X, lá na Cidade G. A minha mãe é professora, minha vó já é aposentada... Meu pai é comerciante, não tenho muito contato, fala de vez em quando...

P: Eles são divorciados, é isso?

M: Não, na verdade, nunca chegaram a se casar mesmo, só se separaram, cada um foi pro seu lado...

P: E sua irmã mais velha é da mesma união?

M: Sim, da mesma, só que ela já é casada e nem mora mais com a gente...

P: Então é você, sua irmã, sua mãe, sua vó...

M:... é, e meu sobrinho, que a minha irmã tem um filho, minha irmã gêmea...

P: Você trabalha? Quanto tempo demora pra chegar na faculdade?

M: Trabalho... ah, uma hora e vinte minutos, contando com o trânsito...

P: ... vem de ônibus?

M: ônibus e metrô...

P: E quanto tempo você demora pra chegar da sua casa até o trabalho?

M: Ah, 1h30, 1h40

P: E do trabalho até a faculdade é a mesma coisa?

M: Não, do trabalho até a faculdade é uns 40 minutos...

P: E pra voltar pra sua casa da faculdade...

M: uma hora e vinte....

P: Trabalha com quê?

M: Com atendimento ao cliente, no banco...

P: Você fez parte do Projeto de Capacitação?

M: Sim...

P: ... ah ta, e daí você trabalha no banco... certo, fala mais sobre a sua família, seu dia-a-dia, como é um dia da semana, um final de semana...

M: ah, o dia da semana é, assim, eu quase não fico em casa, eu só vou em casa praticamente pra dormir, então fica difícil de eu falar assim, né... Mas... fim de semana a gente sempre procura reunir a família toda, tem a minha irmã que é casada que vai pra lá, tem a minha tia também, que mora perto da gente, aí de domingo a gente sempre se reúne em casa, almoça... fica todo mundo junto...

P: ... no final de semana que você tem maior contato com seus familiares... você namora? Tem amigos fora da faculdade...

M: ah, tenho, bastante, eu participo de uma associação de deficientes visuais, lá na Cidade B, e a gente faz bastante atividades esportivas... o go ball, que é um esporte criado pra deficientes visuais, atletismo, natação, xadrez, futebol... o go ball é tipo um handball adaptado, a gente fica em forma de um triângulo, a menina que fica no meio fica um pouco mais à frente, a gente arremessa a bola rasteira e, pra defender, a gente cai no chão, assim, deitada de lado, pra bola bater e ficar e, se a bola passar é gol, aí tem alguma

regrinhas, tipo, se jogar a bola alta é penalidade, aí a pessoa tem que defender a bola sozinha, as outras duas meninas saem da quadra. Além dessas três meninas que ficam em quadra, pode ficar mais três no banco e... é isso...

P: E essas atividades você faz no final de semana, nas férias...

M: Eu faço academia também, nesse tempo do serviço pra faculdade, eu faço academia...

P: Fala um pouquinho da sua trajetória escolar... como foi na escola?

M: ah, na escola, apesar das dificuldades, na escola a gente tinha a sala de recurso, que era uma sala pra dar apoio pra gente, de repente pra tá transcrevendo alguma lição pro braille, ou então a tinta pra professora corrigir... foi lá também que eu aprendi o braille... assim, na recreação, eu fiz em escola normal, escolar particular, aí depois eu fui pra essa escola pra aprender o braille. É, foi super tranquilo, nessa escola tinha a sala de recurso pra auxiliar a gente, mas todos os anos do colégio eu fiz em escola normal, em sala normal, né... pública. Assim, era meio cansativo, porque, na maioria das vezes, eu ia o dia inteiro, né. Ia de manhã na sala de recurso e a tarde no colégio, ou então a tarde na sala de recurso e de manhã no colégio, então... era super cansativo, mas... valeu a pena.

P: Na escola que sua mãe trabalha?

M: Ela já trabalhou na escola que eu estudei...

P: ... sempre foi a mesma escola?

M: só no último ano que eu mudei pra perto de casa, porque eu comecei a trabalhar, aí tinha que estudar a noite, aí eu optei por mudar de escola e estudar perto de casa.

P: E como era na escola, dentro da sala? Com o professor, os alunos...

M: Ah, o professor, as vezes, fica meio perdido. Os alunos... fazia fila pra ver quem ia ajudar [risos], é... também tinha professores que já conheciam, aí já era mais fácil de trabalhar... no último ano, assim, tinha... os alunos foi super tranquilo, tinha uns que não conheciam, mas foi normal. Agora, os professores não sabiam direito como trabalhar e, assim, era eu e minha irmã, né, que estudávamos na mesma sala, aí a gente acabou... ah, a gente tentava passar da melhor forma pra eles tentarem nos ajudar e a gente tentar ajudar eles.

P: Tem alguma história que ilustre isso que você está falando?

M: Ah, deixa eu ver... não tô me lembrando de nenhuma... ah, geralmente eles perguntam se a gente sabe ler em hebraico, não fala “braille”, né. Não sabem falar “braille” e aí ele confundiu braille com hebraico [risos]

P: E você sabe falar hebraico?

M: [risos] ah, eu não, não sei nem... [risos]

P: E com a sua irmã, com que era? Por que uma devia ajudar a outra...

M: Ah, sim [risos]. Que nem, ela mudou de escola primeiro, né, aí depois de um mês eu terminei o semestre e mudei...

P: ...sentiu falta dela nessa tempo?

M: é, porque, a gente... desde a quinta série a gente sempre estudou junto, na mesma sala, né. Na primeira e na quarta, não, porque eles colocaram uma política que tinha que colocar [boceja], desculpa, tinha que colocar um deficiente visual em cada sala, né. Aí depois eles mudaram, acharam que tinha que colocar todos os auditivos numa sala, todos os visuais em outra... e por aí vai...

P: E você falou que sabe braille, você usa aqui na faculdade? Eu falei certo, né?

M: O braille, não [risos]. Falou [risos]! Não, o braille eu não uso mais, não... só assim, quando tem prova de português, por exemplo, que a professora não deixa usar o notebook, aí eu faço redação em braille e depois eu passo pro leitor. Mas usou, assim, poucas vezes... Eu prefiro a reglete, mas eu já usei a máquina bastante, quando tem, assim, alguma trabalho, um trabalho muito extenso, aí a gente prefere usar a máquina, que fica mais bonitinho, né. Porque a reglete deixa uns buraquinhos na folha e tal... mas eu prefiro reglete.

P: E seus colegas eram bem tranquilos, né... não teve dificuldade...

M: Eram... ah, tinha uns que eram meio bobinhos, mas... [risos], que não conhece, que fica com brincadeira boba, tipo “quem tá aqui?”, isso é mais no primário, né... Aí a gente não tinha muita paciência, não, mas era coisa de criança, né [risos]

P: Já deu briga por essas coisas? De ficar sério?

M: ah, não, a gente conversava com eles, falava que não gostava... só os auditivos, eles eram muito chatos, sabe? As vezes eles batiam na gente e saiam correndo... Aí a gente descobriu que era eles e fomos reclamar na diretoria, né, aí resolveu, acho que foram conversar com eles, né e tal.... Eles são muito atentos...

P: E por que você acha que eles faziam isso?

M: ah, sei lá, ele... não sei... [risos]

P: Aí, então, chegamos no Ensino Superior. Como foi o vestibular?

M: ah, foi bem tranquilo. Eu já conhecia a faculdade, né, pelo fato de ter feito o Curso de Capacitação aqui... e... teve auxílio do ledor, foi super tranquilo...

P: Você chegou a pesquisar outra faculdade?

M: Sim, pesquisei a Faculdade C...

P: E por que você optou por essa?

M: Ah, sinceramente, porque eles oferecem bolsa para atleta, né, e como eu sou atleta, eu me matriculei aqui pra tentar ganhar essa bolsa. Só que a modalidade que eu tô atualmente treinando é o goball e eles não dão pro goball porque não é uma modalidade que participa dos Jogos Abertos e, pra eu participar de uma outra, eu tinha que treinar na associação deles, na cidade S. E como eu trabalho e estudo não tenho condições de tá indo pra lá.

P: Mas você pretende continuar a faculdade, mesmo sem a bolsa...

M: Pretendo, não sei se aqui... mas pretendo, sim. Porque pra começar já foi meio complicado, né, aí parar não dá certo, né, pra voltar depois... fica meio complicado, né, porque assim, eu já... depois que eu terminei o colégio eu fiquei um ano parada, que foi em 2007. Aí em 2008, eu prestei o vestibular, e aí eu fui... na Faculdade J, lá na Cidade J, eu ia fazer fisioterapia [risos], aí eu prestei no meio do ano e passei e como eu fui desligada do serviço, não deu pra fazer. Aí depois, em 2009, eu prestei denovo, a minha irmã ficou grávida e a minha mãe decidiu mudar e, assim, a gente ia gastar muito dinheiro, porque a gente morava em apartamento e... e aí tinha que comprar móveis, enfim... então a gente teve muitos gastos e aí eu acabei não fazendo... aí agora, graças a Deus, surgiu essa oportunidade e, até agora, tá dando certo.

P: Então você acha que a instituição tem algum papel na sua formação? Qual é ele?

M: Ah, eu acho... ah, eu acho que, sei lá, eu to adquirindo novos conhecimentos numa área que eu gosto e... tem também o auxílio do ledor, né, que ajuda bastante...

P: Antes da faculdade, você já teve ajuda, na sala de recursos, né... Você vê diferença entre o que você tinha na escola e o que você tem na faculdade?

M: ah, na escola tinha mais recursos, né. Na escola eu tinha material em braille, aqui também, eu tenho alguns livros, né... mas não são todos... tinha impressora braille, também, aqui na faculdade, eu não tenho conhecimento, acho que não tem, porque isso não foi passado pra mim. E aqui a gente tem o auxílio do ledor, né, que na escola a gente não tinha, ou o professor ditava a matéria ou então algum aluno se oferecia pra tá auxiliando. Geralmente eles ditavam mesmo, quando era prova, a gente passava tudo em braille e o professor direcionava pra sala de recursos...

P: Falando um pouco de ledor, me fala o que você pensa sobre ele... O que você acha...

M: ah, eu acho que é um recurso muito bom, que todas as faculdades devem adotar, porque a gente precisa mesmo... é um auxílio, assim, indispensável, eu acho... Ah, a função dele é auxiliar nas coisas que a gente precisa, tipo, se o professor passa alguma tarefa na lousa, aí ele dita pra gente...

P: Quando muda de ledor, como é?

M: ah, a gente estranha um pouco, né, porque sempre a gente tá acostumado com aquela pesso, mas... eu acho que a gente tem que tá... tem sempre que se adaptar a novas mudanças...

P: Teve algum ledor que você não gostou? Todos foram tranquilos?

M: Não... foram...

P: E, eu acho que você não teve muito contato depois... você acha que vc teve algum tipo de amizade, você consideram que sejam seus amigos?

M: Ah, tive, tive sim, desde a época do curso de capacitação, tem algumas ledoras que a gente se fala por MSN e tal... é bem legal [risos]

P: Fala um pouco sobre professor.

M: ah, o professores, eu ainda não tive nenhum problema, né, assim... de adaptar, porque, lógico que eles já tem conhecimento de algum outro aluno, deficiente visual aqui na faculdade... os professores são muito tranquilos...

P: Qual a função deles?

M: ah, é ensinar, pra gente... a matéria dele e tal... ah, passar os conhecimentos de uma forma clara pra que todos os alunos entendam...

P: Você acha que ele deveria tratar você de que forma? Deveria tratar você diferente?

M: Ah, tratar da forma como ele trataria qualquer outro aluno, independente da deficiência...

P: E seus colegas de sala?

M: ah, no começo eles ficam meio perdidos, né, porque não tem contato, e isso é normal, né, de uma pessoa que não conhece uma pessoa com deficiência... acaba não sabendo como agir, mas agora eles já acostumaram e são bem legais com a gente.

P: Você conversa com seus colegas de sala?

M: Converso, geralmente a gente vai embora junto e tal...

P: tem trabalho em grupo, você já tem seu grupinho...

M: tem... é, na verdade eu não tenho um grupo fixo, cada hora eu tento ta fazendo com grupos diferentes, pra conhecer novos amigos e tal.

P: E como que é ora conhecer eles, porque você parece ser bem extrovertida, tranquila... como você faz pra conhecê-los? Como ta sendo?

M: ah, ta sendo bem tranquilo. Assim, como a gente ta com outra sala, né, que fica o curso de Análise e Rede juntos, então são muitas pessoas, né... Aí a gente conversa... to sempre... eu e o Wilson [colega de sala, também deficiente visual] cada dia vai embora com um amigo diferente, estamos sempre conversando com o pessoal da sala. As vezes tem um trabalho de disciplina diferente, a gente procura tá se encaixando em outros grupos...

P: Você e o Wilson ficam muito juntos? Sempre você sentam próximos...

M: sim, é porque a gente divide o mesmo ledor, né, então acaba ficando próximo.

P: E como que é dividir o mesmo ledor?

M: ah, eu nunca tive problema... então, por exemplo, se tem que ditar uma matéria, daí ela dita pra nós dois e a gente vai acompanhando.

P: E da diferença, de uma estar mais adiantado que o outro, ou não tá conseguindo exercícios...

M: anh... aconteceu uma vez, num exercício de matemática, que todos os enunciados era o mesmo, aí eu falei pra D, eu falei: "ah, D...", a D é nossa ledora, eu falei: "ah, D, fala só a equação porque o início é tudo igual", aí o W. Não gostou, falou que pra ele tinha que falar tudo e tal, esse foi a única coisa, assim, que aconteceu que... a gente discordou. E ela continuou ditando do jeito que ele preferiu, né, do jeito que ela já tava ditando. Mas foi tudo bem... E eu acompanhei normal porque, na verdade, é.. eu falei pra ela cortar essa parte porque era tudo igual nos exercícios, né, pra facilitar, mas já que ele não concordou, então... continuou tudo na mesma.

P: Há cinco anos atrás você imaginava que estaria aqui? O que você pensava? Que diferença tem entre o que você pensava e o que acontece hoje?

M: não... ah, eu pensava que eu ia tá cursando a faculdade de Fisioterapia, que eu ia tá ajudando meus atletas da associação, de repente tá numa seleção brasileira, fora do país, viajando, porque há cinco anos

atrás eu só treinava, né... Assim, estudava e já treinava, então eu pensava na minha carreira de atleta [risos].

P: E daqui cinco anos, como você se imagina?

M: ah, eu me imagino ganhando muito dinheiro, como programadora e tal [risos]

P: Dentro do banco, ainda, ou não?

M: ah, não... sei lá, viu, pode ser dentro de outro banco, de uma empresa que pague mais, que eu possa crescer profissionalmente...

P: O que você espera do seu trabalho atual?

M: ah... uma promoção, porque lá é difícil, viu? Não, é o departamento administrativo... lá é super tranquilo, meu chefe pega um pouco no pé, mas a gente já acostumou. Eu sou analista de atendimento. Tipo, os clientes reclamam, aí eu analiso a reclamação e dou um posicionamento pra ele...

P: E como que está sendo?

M: Chato, Não gosto... ah, não... negócio de ficar, ah, sei lá, não gosto. Eu queria tá trabalhando com TI, não chega já programando e tal, até mesmo porque eu não tenho muito conhecimento, mas sei lá, de repente trabalhando com suporte de informática, acho que seria um bom começo.

P: Por que você acha que tem colocaram nesse lugar?

M: sinceramente, não sei. Acho que uma vaga que tinha lá disponível e me colocaram lá.

P: Em momento nenhum você manifestou interesse na área de TI?

M: Na verdade eu não falei, mas eu falei que não queria nada relacionado à atendimento. Porque eu já trabalhei num empresa de telemarketing e eu não gosto, já tentaram me colocar pra atender e não deu muito certo, aí eu fiquei na monitoria, aí até que eu produzi um pouco. Mas negócio de atendimento, não gosto, não...

P: Eu fiquei pensando aqui... você falou que sua mãe é professora. Ela é professora de fundamental? Como que é a sua relação com essa mãe?

M: É, de fundamental... ah, é bem legal [risos]... Ah, minha mãe até já deu aula pra mim na sala de recurso [risos]... é... era um pouco chato porque, assim, os professores passavam pra ela todas as nossas atividades, né, assim como eles passam pra qualquer professora de recurso da gente. Então aí, por exemplo, as vezes eu queria fazer a lição de História e ela queria que eu fizesse a lição de Português, que era a lição mais atrasada, entendeu, ela sabia as lições atrasadas e, ah, ela queria que eu fosse o exemplo, né... porque como ela dava aula na escola e tal... ter uma filha que não estuda pega mal, né [risos]

P: Duas, então...

M: É, então! [risos]

P: E, nisso, sua irmã tinha as mesmas questões sobre... sua mãe tratava do mesmo jeito...

M: Do mesmo jeito, aí as vezes tinha alguma prova, assim, e os alunos falavam: “ah, a mãe de vocês não deixa vocês verem a prova?”... Não, ela não deixava, não... Os alunos achavam que... mas ela não deixava, não. A gente perguntava... porque ela que passava a prova pro braille, né, aí a gente perguntava e ela: “ah, pergunta pra professora de vocês” e tal, “estuda bastante o conteúdo”, mas nunca... falou nada...

P: E sua mãe sabe braille, como que ela chegou nisso?

M: É que, assim, quando ela começou a fazer a faculdade de Pedagogia, ela já... na verdade, foi assim: quando a gente começou a aprender o braille, ela acompanhava a gente na escola, no Lara Mara, que é uma instituição que tem aqui em São Paulo, aí ela acabou se interessando por aprender, até mesmo pra ajudar a gente a estudar e tal. E aí ela começou a ... ela foi ajudar na escola que a gente estudava e aí ela começou a fazer a faculdade e aprendeu o braille, LIBRAS, ela já deu aula pra deficiente mental, também, deficiente auditivo, visual...

P: tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

M: não, acho que não [risos]

ANEXO H

Transcrição de Entrevista – Jonas

P: E como que foi sua infância?

JB: Normal. Igual uma criança normal, assim, antes da deficiência, né. Eu tinha tudo o que uma criança normal faz, brincar, levar pedrada na cabeça [risos]. Eu era uma criança super ativa, né, e tive a oportunidade de estudar em escolas boas, né, naquela época, mil novecentos e oitenta e lá vai bolinha, não se tinha escola particular na minha cidade, cidade pequena, né, lá no interior do Nordeste, então a gente não tinha escola particular, então as escolas públicas eram muito boas. Depois quando eu terminei o Ensino Fundamental, o Fund I e Fund II, em linguagem de professor, né, em escolas públicas, depois eu tive oportunidade de estudar numa escola técnica federal, então eu tive o ensino Médio como o Ensino Fundamental numa escola técnica federal e aí eu concluí em 1995 o curso técnico em agrapecuária, numa escola técnica federal de um estado do Nordeste.

P: E você veio pra São Paulo quando?

JB: Com uns 20 anos, se não me engano, em 1996... ah, mais por questão de descobrir, né. Eu acho assim, meus irmãos já moravam aqui em São Paulo e aí eu... não era fácil pra um filho de... meu pai era mestre-de-obra, minha mãe do lar... concluir uma universidade, então a gente achou que a oportunidade de estudar em São Paulo seria melhor. O meu intuito, quando eu vim pra São Paulo, foi mais pra estudar, não foi pra trabalhar. Porque assim, a gente tinha uma base muito sólida na minha casa, quer dizer, isso significa o quê? Uma base sólida: a gente não passava fome, era uma cidade do Nordeste, que a gente chama, do interior, né, mas meu pai, como era um profissional, a gente não passava necessidade, né. Escolher São Paulo pra morar foi uma questão mais porque meus irmãos já tavam morando em São Paulo e aí eu vim com o intuito de estudar. Não aconteceu isso [risos], eu entrei numa empresa pública, né, que é os Correios, empresa pública federal e eu terminei não estudando. Por quê? Por falta mesmo de... oportunidade, assim, de eu querer estudar. Porque minha irmã que veio antes de mim conseguiu concluir a universidade, conseguiu... concluir o ensino superior, né, e hoje ela tá muito bem, mas eu não consegui por questão de não querer mesmo, né. Resumindo, né?

P: Até hoje...

JB: Até hoje! Então, assim, a virada que deu na minha vida foi depois que eu fiquei deficiente, aos 28 anos, aí eu falei: “cara, é uma oportunidade de estudar”, né.

P: E quantos irmãos você tem?

JB: Dez.

P: Quantos estão em São Paulo?

JB: Cinco... e lá tem cinco. Abre aspas, fecha aspas: eu tenho dois irmãos deficientes. Um é mental, que a gente chama mental severo, quer dizer, ele precisa que a minha mãe e meu pai dê banho nele, ele não fala, ele emite som de algumas palavras, toda a higiene pessoal é minha mãe que tem que cuidar, mas ele consegue comer, beber sozinho, né... E o outro irmão meu é esquizofrênico, e aí... pauleira lá em casa, mas... lá no Nordeste, eles moram com meus pais. Minha mãe e meu pai já são aposentados, já tem uma vida estabilizada... bem.

P: Continua contando um pouquinho depois que você... quando você começou a ter os problemas da...

JB: Perda da visão. Então, isso começou em, se não me engano, em 2004. E aí eu trabalhava nos Correios, era funcionário dos Correios, era carteiro, e aí eu percebi que minha visão já não estava sendo igual. E aí... e eu sempre tive tratamento com oftalmo porque eu era, tinha miopia, mas normal... miopia com 2,5, com 2... e aí comecei a perder visão acelerado, comecei a perder visão muito rápido. E aí, descobriu que eu tinha uma ovejite, mas antes da ovejite, meu diagnóstico foi glaucoma. Tratei um ano errado, aí a perda acelerou-se mais, depois eu cheguei a ir até o Hospital das Clínicas, que eu tô hoje, e aí se fechou o caso como ovejite. A ovejite é uma inflamação no centro do olho, na ulve, e ela destrói todo seu olho. Se você não for rápido no tratamento, você fica cego. No meu caso, por chegar no Hospital das Clínicas na metade desse processo, eu ainda consegui ficar com um pouco de visão, que a gente chama baixa visão ou visão subnormal. No meu caso, hoje, ela não tem grau de visão, não tem porcentagem, mas eu tô mais pra H54.0 do que pra baixa visão, mesmo. Porque minha visão, ela tá... cada dia que passa ela não melhora, assim, ela tá, vamos dizer assim, se fechando, né, zerando. Que a questão da idade, da própria doença

mesmo... como o diagnóstico foi glaucoma... Não, foi ulveíte, mas depois eu tive glaucoma, como consequência, aí hoje eu luto pra poder estabilizar a minha pressão ocular, que o glaucoma nada mais é do que a pressão ocular. E aí, a tendência é ir perdendo aos poucos a visão, mesmo, e aí eu tô nessa batalha. Mas nem por isso a gente não desiste de nada.

P: E como você chegou até aqui?

JB: Na Faculdade Y? No processo de reabilitação, eu conheci o Igor, na L..., que é uma das instituições importantes no Brasil e na América Latina, que ia trabalhar com assistência de pessoas com deficiência visual. Tava fazendo um curso de informática, de artes plásticas e braille, e aí lá eu conheci ele. E aí ele falava que praticava esporte e me convidou. No primeiro momento eu não aceitei, mas depois, quando eu vi ele, aqui na faculdade, estudando através de uma bolsa, praticando esportes, eu tomei a iniciativa de praticar esportes, e aí eu consegui uma bolsa aqui na faculdade. Por ser atleta deficiente, né

P: Que esporte você pratica?

JB: Eu pratico arremesso de peso, lançamento de dardo e disco, né.

P: De dardo?

JB: ah, são três categorias. E agora dia 23, 24 e 25, no feriado, eu vou participar do campeonato nacional, em campinas, pela CBDB, é um órgão nacional que vai me dá a certificação, se eu passar por essa etapa, até chegar no brasileiro. E aí, passando o brasileiro, é Paraolimpíadas. Seria um peneira, que a gente fala. Peneira, né... Tô indo competir nessas modalidades.

P: E você é... competitivo?

JB: Ah, um atleta mediano, ainda não tô... a primeira competição que eu participei, eu fiquei em 4º e 5º lugar. Eu acho que agora eu tenho grandes chances de ficar entre os primeiros, os três primeiro, sim, com certeza...

P: Bom, parabéns pelo...

JB: Obrigado.

P: E, tá... e como você chegou até aqui? Você falou com o Igor, fez vestibular...

JB: é, então. Aí eu comecei a praticar esporte junto com a Simone... hoje, a Simone, ela trabalha há mais de 15 anos com deficiente, ela é uma professora de Educação Física e ela já tinha uma equipe dela, eu entrei nessa equipe dela, depois a gente foi pra uma fundação e aí ela conseguiu ajuda aqui da faculdade pelo Professor Carlos, o professor responsável pelo setor da Atlética. E aí ele falou: “Simone, eu quero montar uma equipe de deficientes” e ela falou: “eu tenho uns atletas bons”. E aí eu vim pra essa equipe. E aí eu cheguei aqui, fiz o vestibular como qualquer outra pessoa, obtive as notas...

P:...com ledor?

JB: Com ledor, foi a Ilda, meu anjo da guarda... É engraçado, porque a Ilda, quando eu cheguei na universidade, ela foi a pessoa que fez a prova junto comigo, né, me auxiliou na prova... e agora eu to saindo da faculdade com ela, né, então assim: a vida te prepara essas coisas boas, né...

P:... e aí começou o curso...

JB: o curso, é. Olha... pra mim difícil, porque eu tava com 15 anos que tava afastado dos bancos escolares e... tinha dúvidas, como é que as pessoas iam me aceitar como deficiente, como é que a própria instituição, como é que o próprio Centro Universitário Y, se teria apoio... apesar de que eu já mantinha uma comunicação com outros amigos, que moravam em outros estados, que já fazia o curso superior e que... e eles tinha o apoio. Eu tenho um colega que ele faz em Santa Catarina e a universidade dava todo o apoio. Lá em Santa Catarina, é o seguinte, se você é deficiente e você tem até três salários mínimos, o Estado te dá uma bolsa, qualquer universidade privada, certo? Você tem esse incentivo lá e a universidade que ele tá estudando, assim que o aluno entra, você tem o notebook, você tem o apoio do setor que é responsável pela inclusão do deficiente, você tem todo o material digitalizado, então você tem todo o suporte pra que você possa fazer o curso de igualdade com outro aluno. Aqui eu não sabia de nada, então pra mim, eu cheguei no primeiro dia, me apresentei, falei meu nome, falei minha deficiência, tentei entrar em contato com os professores, tentei explicar as minhas necessidades e aí foi engraçado porque os professores falaram: “Jonas, eu nunca tive um aluno deficiente, você vai ser o primeiro e vai ser um prazer poder te ajudar”, né, e depois eu tive a... fui recepcionado pela coordenação... é, que é responsável pela inclusão, né... era a professora Solange e a... Adriana? Não, é a... Fernanda. E assim, eles não tinham muito pra me oferecer. Eu, como já tinha contato com outras pessoas que já faziam curso em outras

universidades, eu falei: “olha, o ledor pra mim não é tão importante, mas o mais importante pra mim é o material acessível”, que seria o material digitalizado. Eu não uso braille, por quê? Eu já era alfabetizado, quando adulto, em tinta, então eu não uso o braille. Então é mais difícil eu fazer minhas anotações e ter todo esse material em braille, porque o custo pra a universidade... é maior. Você ter um livro em braille é o dobro, você ter um livro de 50 páginas, em braille vai dar 100, 110... e expliquei que, assim, se a universidade, se tivesse a disposição de oferecer todo esse material digitalizado seria ótimo pra mim porque eu já tinha um computador, com leitor de tela, já conseguia dominar essa questão da informática. No momento, a coordenação da Inclusão falou que não era possível, que a única coisa que tinha pra oferecer pra mim era a ledora. E aí a gente vai, abre aspas, fecha aspas: o que é a função do ledor? A lei, o MEC em si, ele não especifica o que a universidade tem que oferecer pro aluno. Ele tem que oferecer o apoio, o auxílio pedagógico que possa fazer com que ele possa acompanhar o curso de igual com os alunos. Então assim, o ledor, ele não é lei como os intérpretes, os intérpretes é lei. Então, assim, isso fica muito vago de cada universidade. E a minha crítica que eu faço ao Centro Universitário Y é que, assim, eles priorizam os leitores e se esquecem que cada um dos deficientes tem que ser olhado nas suas individualidades, né, assim, cada um é um ser que precisa ser atendido, vamos dizer assim, atender as suas necessidades. E eu percebo assim, que aqui não, aqui eu tenho um ledor e o ledor tem que resolver todos os seus problemas. Não é, porque eu não vou levar o ledor pra casa. E esse ledor, ele é uma pessoa capacitada, na maioria são pessoas que tem o curso superior e tudo, mas assim... Vamos arrumar a casa? Vamos. A universidade, o Centro Universitário Y não tem o site acessível. A plataforma do EaD, que é o ensino a distância não é acessível, aí eu vou ter que utilizar o ledor lá na plataforma do ensino a distância, que é o Ead... caramba, se eu tivesse as ferramentas necessárias eu não ia precisar do ledor ali, naquele horário. Eu não vou dizer que o ledor não é necessário, ele é porque se eu quero fazer uma prova, e essa prova eu posso fazer oral e ele vai transcrever, é legal... mas também existe ferramentas, como a informática, que eu posso... se o professor me dá essa prova num pendrive, eu posso espetar ele no meu computador, eu posso fazer essa prova com total autonomia, entendeu? Então assim, tem coisas que devem ser discutidas, eu não sei a política que a instituição usa nessa questão dos leitores, se esse pacote já vem pronto, “ah, eu vou ter intérprete, então eu trago os leitores porque eu jogo num pacote só”, se existe a questão financeira, se existe uma isenção de impostos por parte do governo, se o MEC exige isso da própria instituição... Eu me considero, assim, uma pessoa que tem um conhecimento e não usufrí desse conhecimento por questões, a gente sabe que a gente tem que dar o passo conforme a distância, eu nunca bati de frente com a instituição, nunca bati de frente com a coordenação, porque eu usufruí de uma bolsa e essa bolsa é da instituição, pra me tirarem era daqui pra lá. Então assim, eu me mantive neutro, mas sabendo que eu tinha todos esses direitos. Então eu nunca fui bater de frente, brigar, mas a instituição sabe do seu dever, eles sabem que o compromisso da inclusão não é apenas pela metade, simplesmente “ah, eu vou fazer isso porque isso vai suprir todas as necessidades do aluno”. Não, existe uma lei, MEC, eu não lembro agora, mas eu tive acesso a essa lei, no MEC existe uma lei que garante esse amparo ao deficiente na inclusão no Ensino Superior, né. Não vou reclamar, todos os leitores que eu tive foram pessoas que me auxiliaram mesmo e eu sempre deixei bem claro pros meus leitores, eu disse: “olha”, eu escaneava meu material e pedia pra eles: “corrija meu material pra mim? Deixa que o resto eu me viro”, né, porque...

P: ... corrigir pra poder ouvir pelo...

JB: ... pelo leitor de tela, porque, assim, quando eu terminei meu braille na fundação Dorina, a minha professora de braille, a Cinira, a professora falou assim: “Jonas”... eu fui lá e disse “professora, eu vou fazer faculdade”, ela “que legal”; “eu vou usar os leitores”, ela: “porra, velho, eu não concordo com leitores”...

P: A professora que falou...

JB: falou, a professora de braille. Você tem que ter AUTONOMIA, certo? E o ledor, ele te traz muito comodismo, você sem muita autonomia. Por outro lado, eu tenho alguns amigos que estudam em outras instituições que não tem o apoio de ledor e aí tem horas que o professor que tá do outro lado não tá preparado e ele não consegue transmitir também pro aluno deficiente, que tá aqui do outro lado, o conteúdo de forma que ele possa assimilar. E isso é complicado, porque... a gente, como eu: eu terminei o curso de Licenciatura, né... e eu aprendi na minha grade, a gente teve a Inclusão, que o professor também tem que fazer sua parte. Ele tem que se preocupar na hora que ele vai trazer um filme, se ele tem um aluno que é deficiente visual, se esse filme é dublado, ele tem que ter toda essa preocupação, não só com visual mas, sei lá, mental leve, com aluno que é auditivo que já tem o auxílio do intérprete, mas mesmo assim a comunicação pode ser facilitada, mas o professor também é o um grande vetor. E eu não posso reclamar dos meus professores de História porque eu consegui ter uma comunicação aberta e sempre que eles tinham um material em pdf ou em doc, eu solicitava... Se a biblioteca não tivesse livros eu solicitava

diretamente ao professor que me emprestasse seu livro, pra que eu pudesse escanear, e aí eu ter o meu material e, assim, é uma grande teia e você precisa do professor, precisa da coordenação, precisa dos seus colegas, então assim, eu agradeço muito... que eu tô me formando agora, mas eu não posso só... esse mérito somente a mim, sabe? “ah, só EU sou o melhor”. Não. Meu grupo de estudo, que foi a Silmara, o Jairo, o Daniel, me auxiliaram muito, tiveram essa compreensão, porque assim, a minha resposta, quando você me faz uma pergunta, ela demora mais um pouco porque, assim, eu tenho que ouvir o texto, depois assimilar e depois transmitir, então, assim, foi importante meu grupo de estudo, eles me ajudaram muito, os meus professores, sempre que eu solicitava um livro emprestado, alguma coisa, eles estavam pronto a me ajuda, então assim, essa comunicação é importante. Aos meus leitores, todos eles foram muito profissionais, me apoiaram em tudo, todas as minhas decisões, só não tive oportunidade de conversar com a direção, né, porque... a gente sabe que a universidade privada, ela tem seus objetivos, né... E aí, a pergunta que eu te faço: o leitor deve ganhar, sei lá, R\$ 700, R\$600, não sei... isso é custo. Agora você pega: a última vez que eu tive a oportunidade de saber quantos leitores tinha pra deficiente visual, tinham 22, você multiplica isso por 22, sei lá, 600 conto por 22... é um custo, alto, ou não? Será que se eles investissem numa impressora, que é uma scanner, que vai escanear ao mesmo tempo que transformasse em áudio, uma máquina braille, certo? Ou tivesse o projeto de se montar uma biblioteca virtual... e essas questões? Isso nunca foi discutido com a gente, que é deficiente visual. Eles só pensam em perguntar: “você desejam leitor ou não?”, se você desejar, você assinava um termo dizendo que queria um leitor, né. Pra muitos é comodismo pra um leitor, porque você “ah, tudo o que eu quero fazer o leitor vai tá ali me auxiliando”, muitos tem até uma relação muito, sei lá, de exploração [risos], né, com o leitor. E, pra mim, eu como deficiente, eu quero ter autonomia como meus colegas tem, de fazer minhas atividades... né, porque querendo ou não querendo, você ter uma pessoa do teu lado, porra, é... invade um pouco a sua privacidade, você invade um pouco a privacidade da pessoa... Aquela pessoa tá ali do teu lado e, de repente, nem todo dia você tá muito bem e tem aquela pessoa do teu lado [risos] e... e você tem que ter uma relação muito boa... se você não tiver uma relação muito boa, uma relação aberta, uma relação... tem que ser profissional, mas tem que ser amigo. Não é só profissional, tem que ser amigo daquela pessoa. E aí... acho que flui melhor, né, e a grande questão, que eu posso deixar pra ti é a seguinte: o leitor é necessário ou não? Eu acho que tem que caminhar muito e se discutir muito sobre a questão do leitor, da sua importância OU NÃO, né. Mas acho que a universidade, ela tem que dar ferramentas pra que o aluno possa usufruir disso. Eu posso dispensar o leitor, certo, mas e aí? Eu vou ter material didático? Eu vou ter meus textos tudo digitalizado, na mesma relação e na mesma disponibilidade desse conteúdo pra quem não é deficiente? Isso é uma grande questão. E eu quando... teve tempo que eu falei “eu vou dispensar o leitor”, mas eu pensei “cara, aí se você dispensa o leitor, quem que vai corrigir os seus textos, quando você escanear? Quem é que vai agilizar, dar uma revisada nos seus textos?”, então eu fiquei preocupado, dispensando o leitor, eu vou ter dificuldade, porque a universidade não vai corrigir os meus textos, a universidade não vai me disponibilizar esses textos digitalizados, certinhos, então eu vou usufruir do que a universidade tá me dando, o leitor, usufruir da melhor forma possível, porque o conteúdo é importante. Eu não tenho ninguém lá em casa que vai ter esse tempo de escanear, corrigir o texto, deixar ele redondinho pra eu poder estudar e fazer minha prova. Alguns colegas meus preferem que o leitor leia, aí grave pra ele e eu já não concordo, porque quando eu tiver dúvida da grafia, quem vai me tirar essa dúvida da grafia? No texto digitalizado eu volto à palavra e vejo como é que se escreve a palavra. Eu, essa semana, tava na dúvida em como é que se escreve o nome do presidente dos Estados Unidos, o Roosevelt. Aí eu descobri que é erre, ó, ó, então assim, você precisa ter um contato com a grafia, não tem como, entendeu. E aí a importância de se ter um material, pra mim, digitalizado e não só no formato gravado, entendeu, oral, né.

P: Você falou que lá na sua casa não tem ninguém que... Você tá morando sozinho?

JB: Não, eu moro com meu sobrinho, mas eles também estudam, ele também não tem tempo. Se ele for ficar lá, sentado, pra poder me auxiliar em todo esse conteúdo, ele não vai conseguir estudar, porque perde muito tempo, você senta ali pra corrigir um texto com trinta páginas, sessenta páginas ou um livro, você perde muito tempo, entendeu? Então eu quero ter a igualdade que todo aluno tem. Ah, o professor tirou uma cópia do livro, tá lá na xerox. Eu quero ter a mesma igualdade que o cara vai lá na xerox, paga a xerox e pega. Só que eu não tenho essa inclusão aí, eu não posso chegar lá e “ah, me dá um texto digitalizado”, entendeu. Essa é uma das grandes questões.

P: Jonas, do tempo que eu te conheci, eu to sentindo sua... antes, você sempre foi muito bem articulado, fala bem as coisas, mas eu tô sentindo você falando que nem professor [risos]...

JB: [risos] Eu acho que é isso, ser professor de História te traz esse senso crítico. E NADA e por acaso, ninguém é bonzinho, tudo mundo quer ter uma parte do bolo. Se fala tanto em inclusão e eu levei um

choque agora, quando eu comecei a estagiar em escolas públicas, que nenhum professor tá preparado pra receber um aluno deficiente, eu não acredito, não tá, eles falam na minha cara “não tô”!

P:... como que foi no estágio?

JB: bem, foi maravilhoso, porque, assim, é engraçado quando eles veem um deficiente, eles ficam tudo louco [risos]. Eles querem colocar no colo, né, e como eu sou cara muito simpático, eu fui muito bem recebido pela escola, pelos coordenadores pedagógicos, me receberam muito bem. Os alunos, nossa! Eu tive oportunidade de dar palestra em todas as escolas, todas as salas, falar da deficiência, com muito prazer, falar da questão da inclusão e os alunos babavam. E eu acho assim, eles querem conhecer a deficiência, eles querem informação, porque a grande questão é informação. As pessoas não se aproximam muito da gente por questão de informação, não sabem como lidar com o deficiente, como atravessar na rua, como conduzir essa pessoa, como chegar, se aproximar, se comunicar...

P:... você acha que as pessoas tem medo?

JB: tem. Porque tem alguns deficientes que são meio casca-grossa, são meio mal-educado, bruto, ignorante, e aí, quando ele dá uma patada na pessoa, a pessoa fica com medo de chegar no próximo deficiente e recebe essa patada. “Ah, não quero ajuda”, “não preciso”, e aí... e eu, a oportunidade que eu tive pra falar pra muitas crianças, falei pra muito adolescente... que a deficiência, todos somos deficientes, se chegando de perto, todo mundo e deficiente se você chega de perto [risos], entendeu, e aí... se aproxime, conversa com as pessoas, um deficiente, ele tá pronto pra conversar com você e falar. E foi muito gratificante, porque no meu último estágio, aqui na escola D que é uma escola muito boa da prefeitura, né, uma das cinco escolas no Estado que é de Ensino Médio, né, uma ilha de excelência, eu estagiei lá e eu dei uma palestra pra primeiro ano de Ensino Médio. E você sabe que a maioria do pessoal que vem de comunidade ou que, é... que não tem um poder aquisitivo razoável, que não é da classe média, nem classe média alta, é a classe C ou D, e não tem essa expectativa de fazer faculdade, quer fazer um curso técnico ou trabalhar. E eu falei um pouco da minha história, que eu fiquei deficiente, pratico esporte, faço um curso de fotografia, estudo e tenho uma vida super agitada. E eles ficaram no maior silêncio. E eu falei: “NUNCA deixe de sonhar, você tem o direito de ter uma casa boa, uma vida boa, um carro bom, de ter um diploma, você não nasceu pra ser pobre”... Pobreza é questão de espírito, não é qualidade ser pobre. E essas crianças, eles levantaram, bateram palma duas vezes, gritavam. E eu falei: “cara, eu tô no caminho certo”. E essa motivação que eu passava em cada sala que eu ia, seja um adolescente de 17 ou de 14, 15 anos, eu sentia isso, que falta esse estímulo, que as escolas públicas... tá, vamos dizer assim, numa crise infernal, né, tá na falência, mas ainda existe escolas boas e, muitas vezes, você vê adolescentes lá que são inteligentes só precisa de oportunidade pra mostrar sua inteligência, pra mostrar que pode, né, e quando você tem esse ambiente bom, professores bons, alunos bons, você flui e vai embora. Na minha família, na minha geração, hoje, dos meus sobrinhos, todos estão fazendo faculdade. E são alunos excelentes. Agora meu sobrinho tá terminando aqui, com bolsa do Prouni, 100%. Eu fui assistir o TCC dele, cara, o professor elogiou o menino, falou: “você é um aluno excelente” e é uma criança pobre, é um jovem pobre, mas que teve essa garra de querer ser alguém e melhorar, entendeu. E é isso que essa geração precisa, entender que a gente só vai mudar a cara desse Brasil quando tiverem pessoas capazes de criticar e capazes de, sabe, de ver que não é só a corrupção que transforma você num cara rico, milionário, mas também o trabalho, a honestidade, esses valores que estão se perdendo, né. Fugiu, né, um pouco da... [risos]

P: Imagina... a minha intenção é discutir a formação da pessoa com deficiência... o que você acha? Pensando até na sua própria experiência... como você entrou aqui e como você tá saindo...

JB: Olha, é... hoje, a palavra da moda é inclusão. Mas ela não ta acontecendo como deveria, certo? Por quê? Porque isso precisa de investimento alto pra se ter inclusão e, muitas vezes, ter meia dúzia de deficientes não compensa ter esse investimento, para algumas instituições. São poucas, eu vou te citar aqui algumas instituições sérias e dizer por quê elas trabalham com isso: a Faculdade C, ela tem o Centro de Apoio, ela tem um apoio fenomenal pro deficiente... aí, abre parênteses, fecha parênteses: porque os donos são todos deficientes visuais. Então quando você tem a questão da deficiência ali, no teu calcanhar, né, ali convivendo com o seu dia-a-dia, você sabe a necessidade de cada um...

P:... o dono dessa faculdade também, né?

JB: ...mas agora, ele ficou deficiente pela questão da idade, a deficiência dele não é a deficiência... é adquirida, não é essa deficiência que se nasce. Por isso ele tratou de transformar a universidade num lugar acessível, com rampas, porque ele é deficiente, então ele percebe que tem que ter essa preocupação. Principalmente o que é hoje o prédio novo, dele, o outro você não percebe tanto a acessibilidade, entendeu? Tem escadas na biblioteca. Se fosse um prédio acessível, a biblioteca não teria que ter escada,

teria que ter rampa, com escada, entendeu? Aí você percebe: só vai apertar quando você tem. Se você não tem, não aperta. Quer outra universidade aqui que tem acessibilidade, por questões judiciais e brigas, a SN, é... entra no site lá... e aí tem um cara lá que lutou muito, foi aluno na universidade e, judicialmente, ele conseguiu porque a universidade SN não era acessível. Até esqueci o nome do cara... famosíssimo... E outra universidade, a TD, da região do ABC, também. E, no entanto, essa questão da inclusão, ela requer custo alto, e muitas vezes não recompensa. “Ah, eu tenho meia dúzia de alunos deficientes, pra que que eu vou investir tão alto?”, mas não sabe as pessoas que os reitores, os donos da universidade, que a inclusão ela é não pode ter um retorno hoje, mas ela vai ter um retorno daqui dez anos. O SSS, o SSS fez um investimento alto pra inclusão e ele não tem alunos, tem poucos alunos deficientes, e tem a biblioteca... aquela lá na... na faculdade, na universidade SSS, nossa, coisa de primeiro mundo, entendeu?

P: E formação? O que você entende por formação?

JB: Formação... do professor ou... a formação acadêmica do deficiente? A gente tá caminhando em passos ainda modestos, porque a... é como eu te falei, ainda não existe a inclusão verdadeiramente, então são ações que estão fazendo devagarinho e você que é deficiente, você tem que abrir sua boca, você tem que... quem é pessoa que vai estar frente a frente com você na sala de aula? É o professor, então ELE tem que se adaptar a você. E você tem que ser vetor disso. Se você não conseguir com seu professor, vai à coordenação, vai à coordenação pro deficiente, vai ao MEC, vai à delegacia de Ensino Superior, vai à Justiça Federal, exija sempre seu direito. A lei tá ali pra te amparar e quando você exige seus direitos, acabou. Se você... se a escola não se adaptar, ela vai sofrer as penalidades. Ninguém que sofrer penalidades. Eu tive na REATEC e lá eu falei com um Centro Universitário, que é uma instituição fortíssima que...

P: REATEC?

JB: É a maior feira de inclusão do deficiente, em questão de tecnologia. E aí eu conversando lá com o cara, ele falou: “olha, JB, o negócio é o seguinte, cara, se a tua universidade não oferecer as ferramentas pra que você possa acompanhar o seu curso, simplesmente você pega, vai lá na Justiça Federal e aciona tal pessoa, tal procurador, NA HORA você entra com uma ação, essa universidade tá lá, fazendo tudo que é necessário pra proteger a inclusão”. Então ainda hoje, é necessário que a gente tenha que acionar a justiça, pra que nossos direitos sejam garantidos. É um meio legal porque, eu tive aqui no Centro universitário, eu solicitei, eu pedi, eu só não fiz um pedido formal, mas eu sempre solicitava à coordenação, a questão da digitalização do meu material. Nunca aconteceu. Estou saindo sem isso. Fico triste, porque as pessoas que, de repente, que vão entrar aqui, de repente não vai ter essa, esse amparo que eu tenho, que tive dos colegas, dos ledores, que tive do... tinha o notebook, tenho a impressora, de correr atras, de ter a informação que eu tenho, então essas pessoas vão sofrer bastante, entendue, por não ter tudo isso. E você precisa ter a informação, e saber aonde procurar essa informação, de forma correta.

P: De qualquer maneira, seus ledores foram muito importantes...

JB: Foram importantes, eu não posso descartar eles, porque já que eu não tinha a possibilidade da instituição me oferecer o material, eu sempre pedia pra eles, “corrija meus textos?”, acho que você sempre fez isso muito meus textos, “corrija meus textos”, porque o único apoio que eu quero é isso, a autonomia de ler meus textos e reler, e ler quantas vezes eu quiser. Já no material gravado eu não me sentia bem, porque cada um tem a sua adaptação, é isso que a universidade tem que entender: cada deficiente tem suas necessidades, RESPEITE cada um. É único, cada ser é único, respeite as suas necessidades.

P: O leitor é bom porque ela ajuda na coisa mais imediata: fazer prova, responder alguma coisa na hora...

JB: é, é, é, isso... O leitor, eu vejo dois pontos positivos: na hora que tem que assistir algum filme, em que ele tem que fazer a audiodescrição e provas. Esse é o papel importante do leitor. Mas o aluno é independente aqui dentro da sala de aula. Ele não pode usar o leitor como uma muleta, né. É isso.

P: Deseja falar mais alguma coisa? Deixar algum recado?

JB: Eu quero que a inclusão seja feita. Se não for feita da forma espontânea, que se FAÇA pela Justiça. E que se PASSE o rolo compressor nessas instituições que falam que tem inclusão e que não tem, mas que a Justiça seja feita nessas instituições, que se passe o rolo compressor mesmo, assim. É isso. A lei existe, então vamos usufruir dessa lei. Só isso. Obrigado.

ANEXO I

Quadro das manifestações sobre Relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao conteúdo

	Relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao conteúdo
Fabio	- Se tivesse esse conteúdo digitalizado pra mim, no computador, eu poderia acompanhar as aulas sem a necessidade de ter uma pessoa ali pra mim, só pra passar pra me passar o que tá sendo passado na lousa. - Eu pude acompanhar a aula como as outras pessoas mesmo, assim, fazendo as atividades na sala, isso é uma coisa que eu não fazia muito. Antes de eu entrar aqui na faculdade, sempre ficava alguma coisa pra você fazer em casa, alguma coisa que as pessoas conseguiam fazer na hora e eu tinha que pegar esse conteúdo depois, pra depois fazer em casa e o fato de eu ter o auxílio do leitor me propiciou eu poder acompanhar realmente na mesma velocidade, né, ao mesmo tempo que o restante da sala... - Como eu nunca tive esse recurso fora da faculdade, eu nem sabia que isso era possível, né, então às vezes você se acostuma a estar num contexto em que você não vai conseguir absorver tudo o que tá acontecendo na hora, seja conteúdo, seja alguma coisa que aconteça mesmo, alguma coisa estética que aconteça e eu não vou conseguir enxergar, então, é, eu tava meio que acostumado com isso e aí quando você tem o auxílio do leitor, meio que amplifica o que eu estou percebendo da aula, muita coisa que eu tava acostumado a não perceber ou não perceber na hora eu passava a saber o que tava acontecendo, ter um domínio maior do que tava acontecendo. - “(...) eu prefiro assim, também, que... eu solicite e ele descreva (...)” - (...) quando eu me acostumei com esse tipo de recurso, aí começa a ser mais ativo, mais proativo o meu papel, aí eu sei que eu posso perguntar isso aqui pra ele, eu sei que “ah, aconteceu tal coisa” e eu sei que se eu perguntar pra ele, ele vai me explicar o que está acontecendo, aí você começa a ter a noção de como que ele pode te ajudar... - (...) no caso do meu curso especificamente tem muita representação gráfica de muita coisa e, assim, não que o leitor tenha que conhecer os conceitos, mas tem que ter um código entre eu e o leitor pra que ele consiga ou... é porque tem uma outra situação também que eu meio que precisei desenhar um diagrama na hora, então é uma coisa que eu não poderia fazer se não tivesse o leitor, mais uma coisa que eu não poderia acompanhar, aí no caso, eu falo pro leitor, a gente meio que combina: “ah, quando eu falar tal coisa é tal símbolo que você coloca” e ele vai descrevendo pra mim, então, é logico com o tempo e, se vem num crescente, o leitor acaba pegando os conceitos e rola uma troca mais fácil, né?
Margarida	- Como tem aulas, muitas aulas que o professor escreve na lousa, se não fosse o leitor, se eu fosse depender de um amigo da sala de aula jamais a gente ia saber se tem algum recado, ou matéria nova.
Luis	- (...) ter um aluno com dificuldade na sala, mas uma pessoa pra auxiliar na dificuldade, não na matéria, a matéria ele tem que se virar mesmo, tem que correr atrás, mas na dificuldade, na questão de leitura, na questão de intérprete, quando tem e os professores não tem como dar uma atenção. - Porque o leitor, aqui eu tenho comigo, ele tá pra me auxiliar e assim, eu entendo que é o papel dele me auxiliar na sala de aula, então pra mim a coisa fica bem clara: você lê, eu escrevo. Se você ler rápido, eu vou escrever rápido, se você ler devagar, eu vou escrever devagar
Fernando	- Por a minha visão ser sempre a perda da visão foco, o que me dá dificuldade pra ler e pra enxergar a distância, eu sempre optei pelo auxílio leitor, porque se torna uma coisa mais prática e mais rápida pra mim, em vez de eu tentar ler um material ampliado... eu, particularmente, se eu for imprimir alguma coisa pra eu ler sozinho, eu tenho que usar uma fonte 20 ou 22 e, por conta disso eu prefiro o leitor, porque eu fico com... a velocidade que eu demoro pra ler uma página, uma pessoa convencional, com prática, lê duas. Então eu me sinto despreparado, não vou... não fico igual pra competir. - a ferramenta do leitor foi passado bem claro pra gente: ele é como se fosse um óculos que ele faz... a intenção dele é, justamente, transparecer o que está escrito, impresso, ou qualquer matéria. O leitor não é responsável por explicar ou por fazer você entender, ou até mesmo ajudar você a responder a matéria que você tá estudando. Se você tem dúvida, é bem claro que você tem que procurar o professor. O leitor não é um apoio de ensino, ele é um apoio de... cópia, ele vai ser só o seu óculos pra enxergar o que tá acontecendo na sala de aula. - (...) agora, imagina, pra eu chegar numa sala que eu não conheço ninguém, nunca vi ninguém a vida inteira, você sentar do lado e falar: “oi, prazer, meu nome é tal, você pode ditar a matéria pra mim?” Pô, você chegar com isso de cara, até você fazer uma amizade, você já perdeu duas semanas de aula - o leitor tá lá simplesmente pra ler, é a função dele. Então o leitor tem uma postura mais ética. Você vê que ele vai ter que passar a matéria pra você, seja ele falada ou copiada e vai tentar fazer você

	visualizar, em um campo global, o que está acontecendo - Porque o trabalho do ledor é auxiliar, não fazer, que é o mesmo caso do professor. O professor tem que auxiliar você a desenvolver que é o que o ledor também tem que fazer. Mas os dois pra responder pra você, não. Ninguém aprende nada por... por alguém fazer por ele, aprende se você fizer por você. - [quando muda de ledor], pra mim é igual, é como se eu mudasse... mudasse de óculos. Porque o ledor, também... quando a gente muda o ledor, ele vai chegar... ele tem que saber como que ele fala pra mim. Então, se ele vai ditar, eu vou falar pra ele o que eu falei pro outro ledor: “olha, você vai ditar pra mim e eu vou tá escrevendo, você me fala”. Se tiver muito rápido eu peço pra parar. Se tiver muito devagar, eu falo: “não, pode ler normal”. Então, não sei se é porque eu já vim do colégio assim, né, que é uma matéria ditada, então pra mim é muito mais fácil... e com várias pessoas diferentes... então eu tenho que, a partir do momento que eu ensino o que o ledor precisa fazer pra eu tá fazendo a minha matéria, daí pra frente tá fácil.
Gabriela	- O papel do ledor é escrever as coisas, quando o professor está escrevendo, falar o que ele tá escrevendo, se ele faz alguma expressão, ou mostra, tipo, algum quadro, e ela descrever... escrever pra gente.
Igor	- A princípio começou comigo mesmo, eu encostava numa pessoa e perguntava... uma pessoa que era muito minha amiga, que ficava conversando comigo na hora do intervalo e pedi ajuda pra ela. Nos primeiros dias eu só ficava ouvindo em sala de aula, só que a lição, as matérias era tudo passada na lousa, eu perdia tudo, não tinha como acompanhar, ficava só avoado na sala e aula. Até que um certo dia, eu pedi pra alguém ditar pra mim, eu ia escrevendo em braille, depois eu fui... na época eu consegui desenvolver bem o braille, porque eu tava precisando mesmo, não tinha outro recurso... na reglete... não tinha máquina... então não tinha uma pessoa específica, não. - A função do ledor, o nome já diz. Ledor, ele tem que ser os nossos olhos e não ficar preso só na leitura, só ler o que o professor escrever na lousa e não... tem a parte importante também... principalmente pra eu e pra Silvio, e pra alguns colegas que tem baixa visão, não sei se é tão... se seria prioridade, assim, mas descrever com detalhes o... o que acontece em sala de aula, como que tá o movimento e o papel do ledor é ser ledor mesmo e ser amigo, também, do deficiente(...)
Maitê	- ah, na escola tinha mais recursos, né. Na escola eu tinha material em braille, aqui também, eu tenho alguns livros, né... mas não são todos... tinha impressora braille, também, aqui na faculdade, eu não tenho conhecimento, acho que não tem, porque isso não foi passado pra mim. E aqui a gente tem o auxílio do ledor, né, que na escola a gente não tinha, ou o professor ditava a matéria ou então algum aluno se oferecia pra tá auxiliando. Geralmente eles ditavam mesmo, quando era prova, a gente passava tudo em braille e o professor direcionava pra sala de recursos... - (...) eu acho que [o ledor] é um recurso muito bom, que todas as faculdades devem adotar, porque a gente precisa mesmo... é um auxílio, assim, indispensável, eu acho... Ah, a função dele é auxiliar nas coisas que a gente precisa, tipo, se o professor passa alguma tarefa na lousa, aí ele dita pra gente...
Jonas	-o ledor pra mim não é tão importante, mas o mais importante pra mim é o material acessível, que seria o material digitalizado. - se a universidade, se tivesse a disposição de oferecer todo esse material digitalizado seria ótimo pra mim porque eu já tinha um computador, com leitor de tela, já conseguia dominar essa questão da informática. - o que é a função do ledor? A lei, o MEC em si, ele não especifica o que a universidade tem que oferecer pro aluno. Ele tem que oferecer o apoio, o auxílio pedagógico que possa fazer com que ele possa acompanhar o curso de igual com os alunos. Então assim, o ledor, ele não é lei como os intérpretes, os intérpretes é lei. Então, assim, isso fica muito vago de cada universidade. - eles priorizam os ledores e se esquecem que cada um dos deficientes tem que ser olhado nas suas individualidades, né, assim, cada um é um ser que precisa ser atendido, vamos dizer assim, atender as suas necessidades. E eu percebo assim, que aqui não, aqui eu tenho um ledor e o ledor tem que resolver todos os seus problemas. Não é, porque eu não vou levar o ledor pra casa. E esse ledor, ele é uma pessoa capacitada, na maioria são pessoas que tem o curso superior e tudo, mas assim... Vamos arrumar a casa? Vamos. A universidade, o Centro Universitário Y não tem o site acessível. A plataforma do EaD, que é o ensino a distância não é acessível, aí eu vou ter que utilizar o ledor lá na plataforma do ensino a distância, que é o EaD... caramba, se eu tivesse as ferramentas necessárias eu não ia precisar do ledor ali, naquele horário. Eu não vou dizer que o ledor não é necessário, ele é porque se eu quero fazer uma prova, e essa prova eu posso fazer oral e ele vai transcrever, é legal... mas também existe ferramentas, como a informática, que eu posso... se o professor me dá essa prova num pendrive, eu posso espetar ele no meu computador, eu posso fazer essa prova com total autonomia, entendeu? - eu sempre deixei bem claro pros meus ledores, eu disse: “olha”, eu escaneava meu material e pedia

	pra eles: “corrija meu material pra mim? Deixa que o resto eu me viro” - E eu quando... teve tempo que eu falei “eu vou dispensar o ledor”, mas eu pensei “cara, aí se você dispensa o ledor, quem que vai corrigir os seus textos, quando você escanear? Quem é que vai agilizar, dar uma revisada nos seus textos?”, então eu fiquei preocupado, dispensando o ledor, eu vou ter dificuldade, porque a universidade não vai corrigir os meus textos, a universidade não vai me disponibilizar esses textos digitalizados, certinhos, então eu vou usufruir do que a universidade tá me dando, o ledor, usufruir da melhor forma possível, porque o conteúdo é importante. Eu não tenho ninguém lá em casa que vai ter esse tempo de escanear, corrigir o texto, deixar ele redondinho pra eu poder estudar e fazer minha prova. Alguns colegas meus preferem que o ledor leia, aí grave pra ele e eu já não concordo, porque quando eu tiver dúvida da grafia, quem vai me tirar essa dúvida da grafia? No texto digitalizado eu volto à palavra e vejo como é que se escreve a palavra. - Eu quero ter a mesma igualdade que o cara vai lá na xerox, paga a xerox e pega. Só que eu não tenho essa inclusão aí, eu não posso chegar lá e “ah, me dá um texto digitalizado”, entendeu. Essa é uma das grandes questões.
--	--

ANEXO J

Quadro das manifestações sobre a relação do aluno com deficiência visual e o ledor escolar quanto ao contato com os professores

	A relação do aluno com deficiência visual e o ledor escolar quanto ao contato com os professores
fabio	- (...) o que acontece, muitas vezes, é do professor falar com o ledor e não falar comigo, mas aí eu sou bastante chato nesse sentido, eu...[riso] normalmente o ledor não assume esse papel de intérprete, né, então acontece, assim, das primeiras vezes do...do professor novo, ele vai falar com o ledor, mas eu pego e tomo a frente e...
Margarida	- Melhorar? Só se for ensinar os professores, pra eles pararem de falar “aqui e ali” [risos], “aqui colocamos isso”, um auxílio pros professores, ter um treinamento (...), aqui eles sempre esquecem que é um aluno ou dois, mas tem um aluno ou dois que não tá vendo o “aqui e ali” da lousa. Dificulta. Igual matemática, eu só consigo pegar o raciocínio da conta se eu tiver acompanhando. Na sala de aula o professor não deixa, ele fala “presta atenção primeiro” e eu não consigo. Eu não consigo pegar o raciocínio só ouvindo, sabe, sem acompanhar passo-a-passo. - O professor tem que estar... a gente tem que chegar no professor para ele parar de falar isso. Uma vez eu até falei, “professor fala mais devagar, mais devagarzinho”, mas entra num ouvido e sai no outro. Ignora. - Quando eu chamo na mesa, ele vem, explica, mas explicação pra sala toda é aquela dificuldade do “aqui e ali”, mas quando eu chamo na mesa, eles explicam muito bem, fica mais fácil de entendimento.
Luis	- (...) pelo menos dos professores, eu nunca tive problema com nenhum deles, já tô no 5º semestre e nunca tive problema e até os professores daqui mesmo, que chegou uma época que eles chegavam e não trazia prova ampliada, eles deram um jeitinho, a pessoa leu, eles chegaram a me repassar meio ponto, alguma coisa porque sabiam... porque, assim, sabiam também que eu tinha estudado, lógico, não é a moleza, eu sabia que eles sabiam da situação, então... E eu sou cara de pau, se eu não entender, coloco assim: “não enxerguei”. Eu lembro na prova da outra escola, que as letras eram pequenas, eu não consegui ler nem uma questão [risos]. No final das contas eu escrevi “não consegui responder a prova porque estava muito pequena a letra”, essa professora ficou numa vergonha danada [risos], ela não sabia como olhar pra minha cara, ela ficou até sem graça - (...)bater de frente com o professor é o aluno que sempre perde. O único meio de você bater de frente com o professor é você mostrando pra ele que você sabe da matéria dele, que ele errou, porque você sabe. (...) eu penso que professor, você nunca pode bater de frente com uma pessoa, ainda mais com ele, com ela, que geralmente são mestres ou são doutores, você tem que mostrar pra eles que você entende do assunto, você não tem que ter medo, porque você entende do assunto. Quando você não se dá bem, o que cala a boca de professor é nota alta.
Fernando	- (...) o professor que hoje ministra uma disciplina, vai muito da Didática que o professor usa. Eu vejo professores que usam explicações como “isso aqui vem dali e vai pra lá”, “isso aqui sobe daqui”, ou “isso aqui desce pra lá” ou “isso aqui move daqui pra lá”, fica ... assim, a gente escutando é muito vago. Então, por exemplo, numa aula de matemática, você falar que “o valor que tá na linha de cima tá descendo pra linha de baixo depois do número que você tá referenciando” ou até mesmo ele lendo o que ele tá escrevendo em voz alta, ajuda o discernimento do que está acontecendo e pra onde a conta está se ramificando, a maneira, assim, de mil por cento. Então, eu acredito que vai também de você sentar com o professor e fazer a orientação que você precisa, o que é mais foco... ou até mesmo ensinar o professor: “professor, fala desse jeito que fica mais fácil pra minha compreensão”, ensinar ele a olhar, explicar como que a gente entende a matéria falada. - Pra ele é muito fácil porque ele tá vendo o que tá acontecendo, ele estudou desse jeito, aprendeu desse jeito. Agora você adaptar, ensinar ele a olhar esse plano de conta, olhar um gráfico de uma forma falada, pra ele também é uma novidade, então... ele não foi preparado pra isso. Acho que quando o professor deve ter estudado pra ser bacharelado dentro da sua disciplina, ele deve ter ... ninguém deve abordado ou pensado nesse caso. Porque, se você for ver bem, uma sala com, geralmente, 70 alunos ou até mesmo uma faculdade com 1.500 alunos você vai ter 1% que é deficiente visual, talvez nem isso... Então, você pega um corpo docente que... geralmente o professor sabe de alguma dica porque trabalhou com deficiente em outro momento... - (...) a partir do momento que ele [o professor] está ali pra ensinar a matéria, eu também tô ali pra ensinar ele a como falar comigo... - (...) já que ele não tem esse conhecimento de como tratar um deficiente, eu falo: “oh, você pode falar assim que é melhor”. Até mesmo em caráter de professor não enxergar eu como um coitado. Eu não cheguei ali porque alguém fez o favor de me trazer ali. Eu cheguei pra ser aluno dele com as minhas forças, com a minha vontade, então esse negócio de falar... de fazer aquele tratamento: “ah, então você

	faz assim...”, fala daquele jeito, começa falando daquele jeito mais manso, como se você fosse deficiente mental, né, porque começa a falar mais devagar como se eu não tivesse compreendendo, como se ele começar a falar rápido e eu não tivesse compreendendo o que ele tá falando. Então é onde eu pego muito no pé de falar que o professor precisa aprender a falar de um jeito que eu entendo. - (...) não tem um comportamento padrão: o aluno deficiente vai chegar na sala e o professor vai saber o que fazer e como fazer, vale muito do que aluno permite o professor fazer e o que o professor permite ajudar
Gabriela	- (...) o professor vai explicando contabilidade, aí ele explica assim: “Esse valor sai daqui e vem pra cá, que sai daqui e vem dali” e aí fica difícil pra gente, né... As vezes a gente tenta conversar com o professor, mas... as vezes ele nem sabe como lidar com a gente, ele acha que não tem outra forma de ensinar... - “Ah, professor, não tô entendendo, me explica” [risos], aí ele começou a explicar “aqui e ali” e eu: “professor, eu não entendo aqui e ali”; ele: “mas não tem outra forma de explicar”. Aí um outro colega, o FL falou “não, professor, eu explico pra ela”; “ah, você explica pra ela? Então tá”, aí o FL foi me explicar e ele foi pro outro lado... - Professor? Ah, é essencial pra aprendizado (...) No sentido que ele tem que passar o conhecimento dele da melhor forma possível, pra que todos entendam. Se ele não estiver disposto a passar tudo o que ele sabe, não... não adianta eu estar com vontade de aprender ou não.
Igor	- Os professores, infelizmente, e isso é desde o Ensino Médio, não é só agora no Ensino Superior, eles não estão preparados pra trabalhar com o deficiente. Não tô generalizando, porque tem alguns que se esforçam, que dão o máximo de si pra tentar nos ajudar. Agora tem uns que não, já, infelizmente, vão passando e “tenta pegar com o colega” e esquecem a parte deles, que é dar um suporte melhor para o deficiente. - (...) se tivesse que conceituar “bom” ou “ótimo”, eu diria que “razoável”, porque alguns se esforçam, precisam melhorar bastante mesmo, principalmente nessa parte de... de... de aplicar a aula pra um deficiente, assim, um deficiente visual, quando, em algumas oportunidades eles selecionam uns filmes pra passar, eles selecionam filmes legendados... teve várias vezes de eu ficar muito triste e ir pro auditório, chegar lá e abandonar, porque eu falei “eu não vou ficar aqui porque não dá pra acompanhar”. Por mais que esteja um ledor... porque não é só a leitura, ele lê as falas, porque precisa descrever o que se passa no filme... aí, o ledor é capaz de fazer tudo isso, mas a gente não consegue absorver a ideia que o filme quer passar, devido a isso (...)
Maitê	- ah, os professores, eu ainda não tive nenhum problema, né, assim... de adaptar, porque, lógico que eles já tem conhecimento de algum outro aluno, deficiente visual aqui na faculdade... os professores são muito tranquilos...
Jonas	- Aqui eu não sabia de nada, então pra mim, eu cheguei no primeiro dia, me apresentei, falei meu nome, falei minha deficiência, tentei entrar em contato com os professores, tentei explicar as minhas necessidades e aí foi engraçado porque os professores falaram: “Jonas, eu nunca tive um aluno deficiente, você vai ser o primeiro e vai ser um prazer poder te ajudar” - Por outro lado, eu tenho alguns amigos que estudam em outras instituições que não tem o apoio de ledor e aí tem horas que o professor que tá do outro lado não tá preparado e ele não consegue transmitir também pro aluno deficiente, que tá aqui do outro lado, o conteúdo de forma que ele possa assimilar. E isso é complicado, porque... a gente, como eu: eu terminei o curso de Licenciatura, né... e eu aprendi na minha grade, a gente teve a Inclusão, que o professor também tem que fazer sua parte. Ele tem que se preocupar na hora que ele vai trazer um filme, se ele tem um aluno que é deficiente visual, se esse filme é dublado, ele tem que ter toda essa preocupação, não só com visual mas, sei lá, mental leve, com aluno que é auditivo que já tem o auxílio do intérprete, mas mesmo assim a comunicação pode ser facilitada, mas o professor também é o um grande vetor. E eu não posso reclamar dos meus professores de História porque eu consegui ter uma comunicação aberta e sempre que eles tinham um material em pdf ou em doc, eu solicitava...

ANEXO K

Quadro das manifestações sobre a relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os colegas

	A relação do aluno com deficiência visual e o leitor escolar quanto ao contato com os colegas
Fabio	- porque do começo pro final do curso eu fui ficando muito mais próximo, porque, assim, eu acho que de certa forma pode, no começo se distanciar, se eu tenho o leitor, pode dar essa ideia de que, de que eu não estou querendo me relacionar com os outros alunos, que eu não vou precisar pedir auxílio pra eles, então... mas eu acredito que não, hoje eu vejo, tá evidente que não, sabe? (...) pode ser uma coisa que as pessoas falem: “é ruim porque aí ele não está interagindo pra ter auxílio”, mas hoje eu vejo que muito pelo contrário, às vezes eu consigo até participar de alguma atividade em grupo, alguma coisa assim com auxílio do leitor, coisa que eu não conseguiria se não tivesse. E é muito mais confortável pra mim também, porque é uma pessoa que eu sei que não está deixando de absorver alguma coisa ou de aproveitar a aula da maneira que ela queria pra poder me ajudar, então é uma pessoa que tá ali só pra aquilo, é mais confortável de interagir.
Margarida	- Como tem aulas, muitas aulas que o professor escreve na lousa, se não fosse o leitor, se eu fosse depender de um amigo da sala de aula jamais a gente ia saber se tem algum recado, ou matéria nova. - Essa sala é um pouco desunida, é cada um por si e tchau. - Tem as panelinhas. Eu com você, eu e você e o resto se dane. É cada um por si, não tenho muito contato com outros alunos, só um ou dois lá do fundo que a gente fala um ‘oi’, mas a convivência de segunda a quinta é o Fernando e a Gabriela. Que são [deficientes] visuais também, vivem no mesmo mundo que eu, [abaixa o tom de voz] de visão e dificuldade ...
Luis	- Se eu vejo, o cérebro processa rápido, se eu não vejo tão bem, ele já processa mais lento, mas também não quer dizer que eu seja mais devagar do que eles, pelo contrário. Na minha sala o pessoal acha estranho. Eu fiquei de sub no último semestre [risos] eu passei foi vergonha, porque o pessoal falava “ah, Luís, tá fazendo o que aqui, vai embora pra casa”. A grande maioria que ficou de sub nessa disciplina de Estatística, que foi mais da metade da sala, eles não acreditaram que eu tinha ficado de sub também. Eles não acreditaram porque eles vem a dificuldade que tem por conta de visão, do visual, que não atrapalha em nada. - (...) tem uns que me ajudam bastante e sempre tem uma colaboração que é necessária, ninguém anda sozinho, ninguém aprende sozinho, você só aprende quando você passa, quando você troca ideias com os demais, e eu, graças a Deus, eu não tenho problema com ninguém, que eu também fico no meu canto. Falo com quem fala comigo (...) Mas graças a Deus, os colegas, todos e até hoje, nessa minha trajetória de estudar mesmo, eu nunca tive problema com colega em sala, toos sempre me ajudaram e sempre me ajudaram. E sempre me olharam como eu era um cara CDF. Eu não sou, eu sou uma pessoa normal, lesado como qualquer um.
Fernando	- Eu tive um estudo no qual eu dependia de um colega de sala pra estudar, pra copiar matéria e, bem ou mal, a gente sabe que nem todo mundo tá de bom-humor todo dia, então você tem que aprender a lidar com situações em que a pessoa num dia tava brava, não queria ditar a matéria ou não tava afim de fazer o que você tava fazendo, então tem meio que... além de ser amigo, tem meio que compreender também quando o... de repente, a pessoa que me auxiliava não estava disponível... então, por ser uma linha de amizade, eu também não podia cobrar como se fosse um serviço. Com o leitor eu posso - (...) eu me formei no colégio em 2002, eu vim a fazer faculdade no meio de 2010, parte porque não sabia o que eu queria fazer, em questão de disciplina, o que eu ia estudar... e outra porque, na escola, eu tinha os amigos que cresceram comigo, então eu tinha uma linha de amizade mais forte, agora, imagina, pra eu chegar numa sala que eu não conheço ninguém, nunca vi ninguém a vida inteira, você sentar do lado e falar: “oi, prazer, meu nome é tal, você pode ditar a matéria pra mim?” Pô, você chegar com isso de cara, até você fazer uma amizade, você já perdeu duas semanas de aula - Na faculdade... aos poucos venho fazendo amizade com outros alunos, mas ainda a gente vê que, não sei se é por causa que todo mundo trabalha, todo mundo tem outros valores... você vê que ... discriminação é uma palavra muito forte, não me sinto discriminado, eu sinto que ... que... se você não faz parte de um grupo, se você não faz parte de uma turminha, você... você pra aquele grupo é nada. (...) a aceitação da turma é muito relativo. Tem gente que pode vir e falar: “poxa, que legal, você tem muito mais conhecimento a dividir do que a gente passar pra você” e tem o oposto, né, tem gente que acha que “não, peraí, não vou andar com aquele deficiente porque... ah, ele é deficiente, não... pô, ele vai querer que eu fique guiando, vai querer que eu leio tudo pra ele... não”. Então, acho que tem muito um caráter de educação do que é exclusão pro pessoal, né... Você vê que um deficiente, de repente, tem mais a ensinar do que a ser ensinado, são valores muito diferentes.
Gabriela	- Assim, eles [os colegas] não se aproximam muito [risos]. Não sei se é porque eu sou muito quieta,

	também... Mas, tipo assim, eles ficam meio com receio de chegar na gente...
Igor	- Eu comecei a fazer o Ensino Supletivo e fiquei supreso porque não tive muita dificuldade no Ensino Médio e a escola pública não disponibilizava ledor, que acredito até hoje aconteça isso. E quem eram os leitores nossos, em sala de aula, eram os próprio s colegas de sala. - (...) Normalmente eram duas pessoas que me ajudavam em sala de aula, que é o que acontece nos dias de hoje, né, porque as pessoas acham que só aquela pessoa que ajuda sempre é que pode ajudar e isso não é regra, né, qualquer pessoa pode ajudar. - A princípio, os colegas de sala ajudavam muito mesmo, (...) os outros colegas da sala eram muito próximos, o dia que a pessoa não vinha, alguém se prontificava, então... no decorrer do tempo, o relacionamento foi esfriando aos poucos, um pouco culpa da gente, minha e do Silvío, por ter, nós, os dois deficientes em sala de aula, aí meio que centralizava um com o outro na hora de ter uma conversa paralela, ficava focado só nós dois e o restante da sala meio destacado,(...) a gente tinha muito, depois do terceiro semestre em diante, a gente sempre teve dificuldade de se integrar em algum grupo, a gente tinha que ficar mendigando oportunidades, (...) fizemos o semestre inteiro trabalho sozinho e, no meu ponto, eu questioneei bem no final do semestre que eles não estavam sendo preconceituoso comigo e com o Silvío, eles tavam sendo com eles mesmos e perdendo a oportunidade de já ta exercendo a parte social do trabalho que eles vão exercer no futuro. Então, dali em diante a gente não ficou mais sem grupo. Pra formação do T.C.C. não fomos nós que escolhemos... não foi um grupo que escolheu nós, fomos nós que escolhemos o grupo. - (...) numa certa fase que a gente tinha um ledor dentro de sala de aula, que o ledor era mais amigo da sala que nós das outras pessoas. Mas a culpa não era do ledor, foi uma coisa que foi acontecendo natural, e a gente chegou a discutir entre eu e S, falando assim que a gente tá responsabilizando a sala, muito, por essa distância no relacionamento, mas tem nossa parcela de culpa, devido à gente não se envolver nos assuntos, até ele mesmo, nosso ledor na época era o Vitor, ele mesmo mexia muito com o nosso brio, falava pra gente se manifestar mais, não aceitar tudo calado, o que era imposto pra nós, fez a gente se envolver, também, se integrar com a sala e nos ajudou bastante também.
Maitê	- No começo eles [os colegas] ficam meio perdidos, né, porque não tem contato, e isso é normal, né, de uma pessoa que não conhece uma pessoa com deficiência... acaba não sabendo como agir, mas agora eles já acostumaram e são bem legais com a gente.
Jonas	- Meu grupo de estudo, que foi a Silmara, o Jairo, o Daniel, me auxiliaram muito, tiveram essa compreensão, porque assim, a minha resposta, quando você me faz uma pergunta, ela demora mais um pouco porque, assim, eu tenho que ouvir o texto, depois assimilar e depois transmitir, então, assim, foi importante meu grupo de estudo, eles me ajudaram muito.

ANEXO L

Quadro das manifestações sobre o aluno com deficiência visual na relação com o leitor escolar

	O aluno com deficiência visual na relação com o leitor escolar
Fabio	- Mas a atividade principal e a mais legal [riso], assim, é passar o que está sendo, o que tá acontecendo em termos visuais mesmo na aula. As vezes o professor faz um gesto, fala alguma coisa, desenha alguma coisa e aponta, sabe assim? É como se fosse uma extensão mesmo dos meus olhos, pra eu poder... expande, chega uma hora que a sintonia é tão legal, como aconteceu com o Rodrigo, né... eu fiquei praticamente um ano e meio com o mesmo leitor e aí era muito legal porque ele meio que já tinha pegado o meu timing e aí quando... sabe? Fluía muito dez, assim, as vezes eu nem percebia que eu tava usando um recurso externo, assim... - (...) uma coisa que me fez perceber isso, assim... acho que quando eu vi já tava sendo, sabe, foi uma coisa assim meio “nossa, tem uma pessoa aqui do lado que tá passando pra mim o que o cara tá passando na lousa”, assim, às vezes... a coisa flui tão naturalmente que... que você acaba nem percebendo, você percebe quando não tem... aí você fala assim: “poxa vida, né”, mas... porque... passa a fazer parte mesmo, é um recurso tão funcional e tão simples, né, assim. - (...) acho que mais o comprometimento dele, né, é legal, por exemplo, as vezes eu estou perguntando, ele tá me passando alguma coisa que tá na lousa e aí ele fala aquilo de uma maneira, de repente eu não entendi muito bem e tem um diagrama, alguma coisa assim, e aí eu percebo, realmente, o comprometimento dele em me passar o que está ali, se ele, de repente não entende o que é, ele vai atrás pra saber ou ele tenta me explicar de alguma maneira, isso é bem legal, assim, esse comprometimento com o que o profissional tá fazendo mesmo que é me passar o que está sendo, que está acontecendo que eu não consigo perceber. Então, seja um diagrama, seja alguma coisa visual que aconteça, ele procura passar pra mim da melhor maneira possível e preocupar se eu tô realmente querendo entender o que está querendo dizer ou não. E quando, e quando não, tentar falar de outra maneira. - (...) passa alguém ou acontece alguma coisa e alguém faz uma cara, sei lá. Até mesmo nesse sentido de, não só de copiar conteúdo, as vezes acontece alguma coisa que faz parte ali, pra entender o contexto da coisa e, vira e mexe acontece, é natural que aconteça (...) - (...) é logico com o tempo e, se vem num crescente, o leitor acaba pegando os conceitos e rola uma, uma... uma troca mais fácil, né? Quando muda de profissional é ruim porque, realmente, vai um bom tempo até que você consiga combinar (...), porque às vezes o outro leitor não sabe o papel que ele vai ter que assumir, né, e eu imagino que varie bastante de aluno pra aluno que ele tá acompanhando, então vai um tempo pra... tanto pra ele entender o que eu preciso, quanto, pra depois que ele entender o que eu preciso, pra gente conseguir combinar ali, um... ou começar a rolar mais fácil essa troca, assim...
Margarida	- (...) nem só sobre a matéria, o que acontece ao seu redor, se a sala é cheia ou com muito aluno. E no bate-papo mesmo a gente troca conhecimento, né, porque acabam sendo nossos amigos, né, tem o lado profissional, mas acaba tendo uma grande amizade também. - até você se adaptar com a pessoa, conhecer o jeito da pessoa, se ela é extrovertida, se ela é fechada, gosta de conversar, até o jeito dela ler é diferente, né, eu acho diferente quando troca de leitor...
Luis	- (...) querendo ou não, eu acho que entre o leitor e o aluno tem que ter um.. um laço de amizade, porque senão não desenvolve, eu acho que não desenvolve. (...) Você tem que ter uma amizade com a pessoa, né, porque se você não pegar uma amizade com ela como é que você desenvolve o trabalho? E aí, a proximidade que eu falo é questão de você se aproximar e conseguir ter, descobrir uma brecha pra você formar uma amizade com uma pessoa, né. Eu acho que se a... e por ser na sala de aula, o espaço que você tem pra você ter essa amizade com essa pessoa... (...) o espaço tá sendo pouco pra ter uma aproximação e aí só vai vindo com o tempo, né. Ou a gente acaba pegando amizade, porque, graças a Deus, o pessoal que eu já tive aqui é tudo... eu considero meus amigos (...)
Fernando	- (...) o aluno é folgado, o aluno pede pro leitor copiar a matéria e, enquanto o leitor tá copiando o aluno tá pescando, tá cochilando na aula... ou seja, o leitor tá... o trabalho dele, o esforço dele ali tá sendo em vão. Como já escutei também que o leitor copiou de qualquer jeito e deixou... e na hora que o aluno pegou pra estudar, num momento fora da sala, não entendeu nada do que tava acontecendo... ou quem foi ler pra ele não entendia nada, não entendia o capricho de uma letra, não entendia a marcação que foi feita no caderno. Então acho que, antes de você ter o caráter de “ah, eu vou ajudar”... tem que alinhar, com a pessoa que você está auxiliando, o que é ajuda e até onde eu posso ajudar. Porque senão fica um negócio, também, de você pegar pela mão e ficar puxando aluno pela mão e não dá certo. - Ah, [quando muda de leitor] pra mim é igual, é como se eu mudasse... mudasse de óculos. Porque o leitor, também... quando a gente muda o leitor, ele vai chegar... ele tem que saber como que ele fala pra mim. - (...): o leitor tá ali pra ler, por ser uma pessoa você acaba se comunicando de outros assuntos, mas

	você tem que deixar bem claro, né, você não tá ali pra bater papo, você não está ali pra ter um vínculo de amizade. Primeiro, o ledor, depois é outro auxílio, depois é o fulano, depois é a menina, depois é... a pessoa que está por trás. O que ela está ali, primeiro, é pro trabalho.
Gabriela	- Ah, o ledor, às vezes... [risos] tipo assim, às vezes eles atrapalham um pouco, eles confundem um pouco a gente... Ah, eles confundem a gente, ficam conversando entre eles, conversando em LIBRAS com não sei quem lá do outro lado da sala, ou entre elas duas... - É, tem duas... elas ficam conversando, conversas paralelas entre elas, aí a gente quer perguntar alguma coisa, elas tão conversando... - eu acho que [a relação com o ledor] fica melhor [com o tempo] porque ele já conhece como que você é, seu jeito, porque a adaptação é muito... maçante, né. Porque até a pessoa te conhecer, como que você precisa que leiam, quanto que você vê, demora um tempo... bastante, bastante tempo. Quando o ledor já tá com você há mais tempo, já... acho que já flui melhor
Igor	- (...) algumas vezes a gente tem alguma antipatia com algum ledor, não foi culpa deles, a gente teve a nossa parcela de culpa também e teve uma certa dificuldade de relacionamento com o ledor. - a princípio eu achava um pouco desastroso [mudar de ledor] porque a gente acaba criando um vínculo de amizade, mas, independente desse vínculo de amizade, nós, deficientes, a gente costuma confundir um pouco, porque, independente dele ser seu amigo, ele é um profissional, então a gente tem que tá preparado. Eu me encontro preparado (...) pra, qualquer pessoa que vier, eu poder tá, se eu ver que a pessoa tá lendo muito rápido, eu informo pra ela, eu falo: “lê com mais calma, eu peço por gentileza”, porque a gente conversa, tem uma interação muito boa com leitores, como eu costumo ter, então... a diferença quando muda de um ledor pro outro, hoje, pra mim não causa tanto efeito, não.
Maitê	- (...) a gente estranha um pouco [quando muda de ledor], né, porque sempre a gente tá acostumado com aquela pesso, mas... eu acho que a gente tem que tá... tem sempre que se adaptar a novas mudanças...
Jonas	- Pra muitos é comodismo pra um ledor, porque você “ah, tudo o que eu quero fazer o ledor vai tá ali me auxiliando”, muitos tem até uma relação muito, sei lá, de exploração [risos], né, com o ledor. E, pra mim, eu como deficiente, eu quero ter autonomia como meus colegas tem, de fazer minhas atividades... né, porque querendo ou não querendo, você ter uma pessoa do teu lado, porra, é... invade um pouco a sua privacidade, você invade um pouco a privacidade da pessoa... Aquela pessoa tá ali do teu lado e, de repente, nem todo dia você tá muito bem e tem aquela pessoa do teu lado [risos] e... e você tem que ter uma relação muito boa... se você não tiver uma relação muito boa, uma relação aberta, uma relação... tem que ser profissional, mas tem que ser amigo. Não é só profissional, tem que ser amigo daquela pessoa.